

A DOCTRINA DOS APÓSTOLOS

Autores

Grady Brown • Ralph V. Reynolds
E. L. Holley • Lester Thompson
Calvin L. Rigdon • David Willoughby

Uma Publicação do “Overseas Ministries”

Reimpresso com permissão da Word Aflame Publications

E da Pentecostal Publishing House

Copyright © 1986

Divisão de Missões Estrangeiras

Igreja Pentecostal Unida International

Hazelwood, Missouri

Impresso nos EUA

Edição GATS

© 2012 United Pentecostal Church International

Traduzido por: Alcina Maria Santos Lima

Obs. O texto em português foi escrito ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico e os versos bíblicos foram extraídos da versão Almeida Revista e Corrigida Fiel ao Texto Original e/ou Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, a não ser que outra seja expressamente indicada.

CONTEÚDO

1.	A Importância da Doutrina dos Apóstolos	5
2.	A Bíblia – a Palavra Inspirada de Deus	17
3.	O Deus dos Apóstolos	30
4.	A Atitude dos Apóstolos com Relação ao Pecado	43
5.	Arrependimento	58
6.	O Batismo na Água	71
7.	O Batismo do Espírito Santo	83
8.	Falar em Línguas	93
9.	Verdadeira Santidade	105
10.	Cura Divina	120
11.	A Segunda Vinda de Cristo	132
12.	Ressurreição dos Mortos	144
13.	O Julgamento	157

EVANGELHO E DOUTRINA

Toda e qualquer atividade válida da igreja pode ser enquadrada em uma destas duas categorias: *evangelização* ou *edificação*. Evangelização é levar as pessoas a obter a salvação. Edificação é manter as pessoas salvas. Qualquer atividade em nossas igrejas que não contribua para estas duas funções não é uma atividade válida.

Paulo falou de “manejar bem a palavra da verdade.” Em que divisões isto se encaixa? A mensagem que pregamos e ensinamos se encaixa nestas duas categorias ou divisões: evangelização e edificação. Nosso propósito é “manejar bem” esta mensagem, colocando-a nas categorias apropriadas.

Duas palavras comumente usadas entre nós – evangelho e doutrina, tornarão a distinção mais clara. Contrariamente ao seu uso popular, estas palavras não são sinônimas. *Evangelho* e *Doutrina* diferem no mesmo sentido que *pregar* e *ensinar*. *Evangelho* e *doutrina* dizem respeito à mensagem, enquanto *pregar* e *ensinar* dizem respeito ao método (embora, é claro, haja uma certa sobreposição nestas áreas.)

Evangelho (da palavra grega *kerygma*) refere-se às “boa novas” que trazem salvação para o pecador. Esta é a mensagem que deve ser declarada: “Jesus salva!” O evangelho foi proclamado em sua plenitude no Dia de Pentecostes e foi aceito e plenamente obedecido naquele dia por mais de três mil almas. A mensagem que Pedro pregou naquele dia jamais foi alterada. As pessoas que receberam e obedeceram sua mensagem não receberam um evangelho parcial ou um evangelho incompleto. Se o que Pedro pregou foi o evangelho completo e se seus ouvintes daquele dia receberam salvação plena, faríamos bem em examinar o seu sermão. A mensagem de Pedro, tanto quanto todos os outros exemplos da pregação do evangelho no Livro de Atos, consistiu em sete pontos:

1. Morte, sepultamento e ressurreição de Jesus
2. Sua ascensão e exaltação
3. O cumprimento de Sua profecia
4. A responsabilidade do homem em arrepender-se
5. A responsabilidade do ministro em batizar
6. A responsabilidade de Deus de encher com o Espírito
7. Os efeitos desta salvação

Isto, meu amigo, é o evangelho!

Notas Pessoais de Estudo

Capítulo 1

A IMPORTÂNCIA DA DOUTRINA DOS APÓSTOLOS

FOCO

A doutrina dos apóstolos foi uma extensão direta dos ensinamentos de Cristo. Como tal, é a fundação da igreja do Novo Testamento. Por isso, qualquer que a rejeite terá que prestar contas no juízo.

VERSO CHAVE

“E perseveraram na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações” (Atos 2.42).

CONTEXTO BÍBLICO

Marcos 3.13-19; Gálatas 1.1-12; Mateus 4.18-25; Atos 2.37-47; Lucas 24.44-53; Romanos 1.13-25

INTRODUÇÃO

Nosso primeiro objetivo no início deste estudo é compreender o termo *doutrina*. *Doutrina* é definida como “aquilo que é ensinado; um corpo ou sistema de ensinamentos relativos a um determinado assunto; um sistema de crenças defendidas.”

O termo *doutrina*, então, deve ser entendido simplesmente como “ensino” ou “aquilo que é ensinado.” A doutrina dos apóstolos era “o ensinamento” deles, ou seja, “aquilo que eles ensinavam”.

Nem todo ensino é de igual importância. A parte de nossa doutrina que distinguimos como “o evangelho de Jesus Cristo” é de suma importância. Esta parte de

nossos ensinamentos define os elementos essenciais da salvação. Outros ensinamentos subsequentes da igreja, que tratam da ética cristã, serviço e maturidade são também de importância vital.

Algumas áreas de ensino, por causa da falta de evidência bíblica suficiente, são de menor importância. Embora não devam ser ignorados (porque toda a Escritura é útil), estes ramos da teologia não são tão pertinentes quanto aqueles que são referidos como *evangelho* e *doutrina*. É para a importância destes assuntos que agora dirigimos nossa atenção.

Se proeminência é indicação de ênfase, a importância da doutrina é firmemente estabelecida nas Escrituras. Vez após vez, a significância da doutrina emerge de uma forma ou de outra. Na verdade, nosso grande Deus e Salvador repetidamente enfatizou os aspectos vitais da doutrina de Sua igreja. Mais tarde, os apóstolos continuaram a enfatizar o seu valor e essencialidade.

A declaração de Pedro, da divindade e humanidade de Jesus Cristo, se tornou a revelação fundamental sobre a qual a igreja foi construída (Mateus 16.16-18). Jesus, então, foi um pouco mais além e informou a Pedro Sua intenção de dar a ele “as chaves do reino dos céus” (Mateus 16.19). Estas “chaves” foram as “verdades” que os apóstolos iriam ensinar, que é o que chamamos de doutrina!

A autoridade que acompanha a doutrina acrescenta-lhe mais peso. Todo o Céu estava claramente a favor da doutrina dos apóstolos (Mateus 16.19). Ela não era para ser definida como “um conjunto de conceitos pessoais” ou “um ramo de opinião teológica.” Ela estava vinculada à sua autoridade. Não era simplesmente uma chave qualquer, uma entre muitas em um molho de chaves, mas sim “as chaves do reino.”

Ai do professor de Bíblia que pretenda sugerir o contrário! Isto apela para a fé plena para aceitar os ensinamentos em sua total força e autoridade. Você e eu precisamos compreender que, se nós divergirmos sobre estes fatos claramente revelados na doutrina, provavelmente estaremos errados. Precisamos humilhar nossos corações e procurar descobrir a intenção e vontade de Deus reveladas em Sua Palavra.

Isto não significa que devamos nos tornar duros e cruéis para com aqueles que divergem de nós. Esta é uma triste armadilha, com seus próprios resultados trágicos. Impede-o, Senhor!

Por outro lado, não podemos assumir uma atitude tão próxima da neutralidade que não mais sintamos a necessidade de encontrar e seguir a verdade onde quer que ela nos leve. A própria verdade acena para nós, dizendo: “Siga-me.” O passo seguinte é reconhecer a supremacia da verdade. Além disso, a verdade não se encontra separada da

doutrina, porque a doutrina ou ensino é o meio pelo qual nos confrontamos com a verdade.

Esta questão é tão importante que Jesus tornou a enfatizá-la ao dar a Grande Comissão: “Ide ... ensinando-os a observar todas as coisas que vos tenho mandado ...” (Mateus 28.16-20). A menos que reconheçamos o teor destas palavras, poderemos cair na atitude prevalecente de que Jesus ofereceu algumas sugestões opcionais e não mandamentos essenciais. Numa afirmação simples, Ele colocou a doutrina que os apóstolos deveriam ensinar em sua perspectiva adequada: ela era absoluta e imperativa.

Na verdade, a promessa de Jesus, “Eu estarei sempre convosco,” é a continuação do pensamento. Assumir que podemos ter a promessa sem aceitar a premissa sobre a qual ela se baseia esbarra em um pensamento contraditório. Ele está conosco até que nos afastemos da doutrina. Ele, que é a verdade, não pode nos acompanhar no erro!

Paulo observa a igreja e a compara a um “edifício bem ajustado”. Ele “foi construído sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo Jesus Cristo a principal pedra de esquina” (Efésios 2.19-21). Os ensinamentos (fundação) da igreja são aqueles dos apóstolos e profetas que, por sua vez, foram baseados nos ensinamentos de Jesus Cristo. Se tem que haver uma igreja, ela deve ser construída de acordo com esta doutrina fundamental.

O escritor de Hebreus se refere à nossa grande salvação, “a qual, começando a ser anunciada pelo Senhor, foi depois confirmada pelos que a ouviram.” (Hebreus 2.3). O Senhor deu a Palavra da salvação para os apóstolos, e eles a confirmaram para nós. Agora nós temos este ministério. Temos que segurar firme os fundamentos básicos e continuar a ensinar “todas as coisas” ordenadas pelo Senhor (Mateus 28.20).

Vamos considerar estes fatos mais detalhadamente.

I. APÓSTOLOS ESCOLHIDOS POR JESUS

Primeiro, observe que Jesus chamou “para si os que ele quis” (Marcos 3.13). Eles foram Sua escolha. Ele conhecia cada um, não apenas pelo que eles eram, mas por aquilo que eles podiam tornar-se através de Seu poder redentor. Era Sua vontade que eles viessem a Ele. Contudo, foi através do emprego de Sua vontade “que vieram a ele” (Marcos 3.13). Sua escolha não substituiu a deles; Ele queria que eles viessem por opção própria.

Então, observamos que Jesus “ordenou os doze” (Marcos 3.14). A significância deste ato é vista na reveladora passagem na qual ele aparece, porque nele Jesus estabelece o seu propósito em escolhê-los. Observe a redação do texto: “E nomeou (ordenou) doze para *que* estivessem com ele”.

A palavra *que* é traduzida de uma palavra grega que claramente implica propósito. Assim, reconhecemos que o Seu propósito, em parte, era tê-los continuamente consigo.

Mas, por quê?

Alguém disse: “Igualmente importante como a questão de que você deve estudar é a questão de quem será seu professor.” Esta verdade dificilmente pode ser suficientemente enfatizada. Para que os discípulos estivessem qualificados para o ensino da doutrina de Jesus Cristo, eles precisavam primeiro que tudo familiarizar-se com o próprio Professor.

Embora alguns indivíduos possam ser ensinados por pessoas cujas vidas estão perdidas, não pode ser assim com a doutrina de Cristo. Mesmo aqueles que professam conhecer a Deus são instados a se comportar de tal maneira que “o nome de Deus e Sua doutrina não sejam blasfemados” (I Timóteo 6.1). Há também muitos que dizem e não fazem. Jesus queria que a vida daqueles que Ele tinha escolhido refletisse a vida que Ele viveu.

É interessante notar que suas vidas fizeram exatamente isto. Quando os anciãos de Israel ouviram a defesa dos apóstolos no caso da cura do homem coxo, “eles reconheceram que eles haviam estado com Jesus” (Atos 4.13). Suas vidas se tornaram propulsores da doutrina e não impedimento.

Isto também se aplica a nós. Em virtude do nosso novo nascimento, nós somos um com Deus. Isto é, Ele está em nós e nós nEle. Se permanecermos com Ele, nossa natureza carnal permanecerá sujeita à Sua vontade. Nossa mente será a mente de Cristo. Este íntimo relacionamento irá nos capacitar para sermos “em tudo...ornamentos da doutrina de Deus, nosso Salvador” (Tito 2.10). Nossas vidas não irão denegrir a glória da Palavra de Deus.

Marcos registrou: “E nomeou doze... e os mandasse a pregar.” (Marcos 3.14). O propósito final em ter os apóstolos continuamente com Ele era para que “os mandasse a pregar.”

Ele não poderia tê-los enviado imediatamente? Sim, Ele poderia ter feito isto. Mas um novato pode causar danos inestimáveis enquanto pensa que está fazendo o certo. Assim, Jesus indicou (chamou, nomeou, ordenou) os doze para um trabalho que eles haveriam de fazer mais tarde. Primeiro eles tiveram de andar com Ele por um período de tempo, para aprender com Ele.

Embora os tivesse escolhido e ordenado, Ele sabia que algumas áreas de suas vidas e entendimento precisavam ser abertas antes que estivessem prontos para serem

enviados a pregar. Por exemplo, dois desses homens, apóstolos do Cordeiro, fizeram uma estranha pergunta ao seu Senhor: “Senhor, queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma, como Elias também fez?” Eles estavam prontos para usar o poder de Deus de maneira errada. Seus motivos eram errados. Eles estavam refletindo qualquer coisa, menos “a Vida!”

Jesus os repreendeu: “Vós não sabeis de que espírito sois” (Lucas 9.55). Isto era verdade! Sua indignação era por uma causa justa, mas seu meio de corrigir a situação era destrutivo e desagradável para Aquele que estavam seguindo.

Sim, eles precisavam ser treinados antes de serem enviados a pregar! Seu ministério seria acompanhado com poder para curar doentes e expulsar demônios. (Marcos 3.15). Tal ministério não podia ser colocado nas mãos de neófitos não treinados.

Alguns têm sentido a necessidade de treinar homens hoje, para serem capazes de realizar milagres e, assim, assegurar um grande número de seguidores. Todavia, as Escrituras destacam uma outra ênfase na necessidade de treinamento. Invariavelmente, o padrão das Escrituras é: “E eles, tendo partido, pregaram por todas as partes, cooperando com eles o Senhor e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram.” (Marcos 16.20).

Os homens necessitam de ser treinados para pregar a Palavra. Eles, como Tiago e João, precisam aprender a seguir a Deus, e, então, Deus pode trabalhar com eles. Ele irá confirmar Sua Palavra quando eles pregarem: Os assim chamados “especialistas”, que tomam a palavra fora de sua perspectiva e, assim, pervertendo-a, não estão seguindo a Deus. Alguns podem fazer proezas que estão tão longe da vontade de Deus quanto estavam Tiago e João naquilo que pretendiam fazer.

Sim, há necessidade de treinamento hoje! A importância da doutrina não pode ser suficientemente enfatizada. Os apóstolos foram escolhidos para uma grande obra. Todavia, eles tiveram que ser doutrinados completamente. Qualquer um que deseje ser usado por Deus hoje tem também que ser treinado.

Os nomes dos doze estão listados em Marcos 3.16-19. A vida de cada um deles sofreu uma tremenda mudança quando eles foram escolhidos para ser apóstolos. Cada um tinha suas próprias fraquezas e experimentou seus próprios fracassos. Cada um tinha seus pontos fracos e, ao olharmos para suas vidas, reconhecemos tendências humanas com as quais estamos tão familiarizados.

II. O ENTENDIMENTO DOS APÓSTOLOS É ABERTO

Os ensinamentos de Jesus estavam centrados em torno da Palavra: as Escrituras Sagradas. Ele relembrou isto aos apóstolos pouco antes de Sua ascensão (Lucas 24.44).

Lembrou-lhes que as palavras que lhes havia falado anteriormente referiam-se às coisas escritas em relação a Ele, na Lei, nos Profetas e nos Salmos.

O ensinamento foi o centro das atividades de Jesus em Seu ministério terreno. Tudo o que Ele fez transformou-se em um afluente que corria para dentro ou para fora daquilo que estava escrito. E Ele esperava que Seus discípulos seguissem o mesmo padrão.

A lição é clara para nós. A doutrina precisa ser bem firmada e amada em nossos corações. Cada novo convertido precisa ser ensinado sobre as verdades básicas, fundamentais. Por isso, a doutrina é uma necessidade vital para o crescimento da igreja.

À medida que os santos de Deus vão crescendo na graça e conhecimento, eles vão adquirindo amor por aquelas verdades que lhe foram ensinadas. Os cristãos maduros participam do ministério de proclamar as preciosas verdades, rejubilando-se em pregá-las e ensiná-las a outros. Tais cristãos realmente amam a verdade!

Cada ministro e igreja farão bem em serem capazes de, no fim desta vida, apontar para trás, para as coisas ensinadas, e dizer: “Estas são as palavras que eu falei”, e estas mensagens estão fundamentadas no que está escrito!

Um fato importante deve ser lembrado relativamente aos ensinamentos recebidos pelos apóstolos. Isto é importante porque se aplica a nós exatamente da mesma maneira que a eles. Está registrado em Lucas 24.45: “Então abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras.” Sem a iluminação divina, nenhum homem pode compreender as Escrituras! Portanto, devemos confiar e ter fé em Deus que nosso entendimento será aberto. Isto não significa que não precisamos de professores na igreja. Significa, sim, que devemos ter iluminação espiritual para poder compreender plenamente o que nos é ensinado pelo ministro. Paulo declarou: “Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (I Coríntios 2.14).

Entretanto, erros têm surgido nesta área, os quais têm causado consideráveis problemas. João escreveu:

“E a unção que recebestes dele fica em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina todas as coisas, e é verdadeira, e não é mentira, como ela vos ensinou, assim nele permanecereis” (I João 2.27).

Deste verso das Escrituras, alguns têm concluído que não deveria haver nem professores, nem doutrina. É claro que a passagem não implica em tal coisa. João estava lidando com o problema de falsos mestres na igreja. O santo cheio do Espírito não

necessita que esse tipo de homem – homem não regenerado – o ensine. Ele precisa ser ensinado pelo Espírito, o qual frequentemente ensina através da instrumentalidade de ministros ou professores cheios do Espírito.

Mas, mesmo com Jesus Cristo ensinando aos apóstolos, o entendimento deles teve que ser aberto. Esta iluminação os capacitou para compreender as Escrituras. Cada pessoa a seguir iluminada foi e será conforme o entendimento primeiramente recebido. Cada um pode verificar sua revelação deste modo.

Sejamos como crianças nesta questão de pedir e permitir que nosso Deus abra nosso entendimento. Além disso, é Seu trabalho abrir o entendimento daqueles para quem testemunhamos. Nós não temos que forçar ninguém a aceitar nosso ponto de vista. A não ser que seu entendimento seja iluminado pelo próprio Senhor, eles jamais irão compreender as Escrituras. Jesus levou os apóstolos a um passo mais adiante, quando mostrou-lhes porque era essencial que Ele sofresse, morresse e ressuscitasse dos mortos.

Lucas registrou: “Assim está escrito e assim convinha que o Cristo padecesse...” (Lucas 24.46). Partindo desta escritura, Jesus expandiu a mensagem essencial que os apóstolos deveriam pregar e ensinar. “E em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados em todas as nações, começando por Jerusalém” (Lucas 24.47).

Então, Jesus lhes deu este encargo: “Vós sois testemunhas destas coisas”. Eles não poderiam fazer nem mais nem menos do que relatar aquelas coisas que lhes tinham sido mostradas e ensinadas. O mesmo encargo que foi dado a eles é o nosso!

1. *A doutrina deve ser apresentada com clareza.* Nada é mais prejudicial para o corpo de Cristo do que a doutrina que é tratada de forma negligente. A perversão do evangelho (Gálatas 1.7) algumas vezes resulta não de um engano intencional, mas da falta de diligência em manejar bem a Palavra da Verdade. O resultado, todavia, é o mesmo: confusão, erro, e discórdia. Temos este dever para com a nossa geração: entregar a mensagem com uma nota clara, um tom certo. “Porque, se a trombeta der somido incerto, quem se preparará para a batalha?” (I Coríntios 14.8).
2. *A doutrina deve ser apresentada com amor.* Devemos ser amantes das almas tanto quanto amantes da verdade. O amor de Deus derramado nos corações pelo Espírito Santo nunca vai nos permitir sermos rudes ou amargos na apresentação de nossa mensagem. Lembre-se sempre que o evangelho é “boas novas”. Tal mensagem não se presta a uma apresentação condenatória ou condescendente. “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.” (I Coríntios 13.1).

Para evitar que nossa pregação e ensino tornem-se dogmas barulhentos como o som vazio de um metal que soa, vamos orar e buscar por um batismo constante no amor de Deus. O profundo segredo é simplesmente “falar a verdade em amor” (Efésios 4.15). Devemos declarar o que temos visto (compreendido) tanto com amor como com clareza. Não podemos fazer menos do que isto!

III. A PALAVRA DOS APÓSTOLOS CONFIRMADA

O fato de que o Senhor trabalhou com eles e confirmou a Palavra nos assegura de sua preocupação com respeito à doutrina que devemos pregar. Ele não confirmará o erro. Se queremos ter Sua confirmação, precisamos pregar e ensinar Sua Palavra.

Relatos de milagres e acontecimentos milagrosos têm seguido homens que não aderiram à doutrina dos apóstolos. Isto nos ensina que o milagre, por si só, não é suficiente para estabelecer o ministério de ninguém. Apontar para um “milagre” como fonte de autoridade é um grande erro. A Palavra, a doutrina pura e não adulterada, deve ser a autoridade, e sinais irão se seguir quando ela for pregada. Todavia, quando as pessoas tentam validar seu ministério ou autoridade em virtude de alguns milagres que têm o poder de realizar, elas estão fora da ordem bíblica. É vital que mantenhamos a ênfase no lugar certo. “À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra é porque não há luz neles” (Isaías 8.20).

A confirmação da Palavra por sinais que se seguem nunca teve a intenção de tornar-se um tipo de espetáculo lateral. Nós não operamos em uma esquina, é verdade, mas também não devemos tentar pôr o poder de Deus em uma vitrine que nada mais faz do que satisfazer a curiosidade da multidão. Pregue a Palavra!

IV. NENHUMA OUTRA DOUTRINA

Tão importante é a questão da doutrina que o apóstolo inspirado estava surpreso que alguém pudesse pensar levemente a respeito dela. De fato, Paulo usou algumas de suas linguagens mais fortes quando escreveu para os gálatas sobre este assunto. Uma amplificação dos versos em consideração revela a profundidade de sua preocupação. “Maravilho-me”, declarou o apóstolo estupefato, “de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou (Jesus)!”

A atitude deles para com a doutrina é que tinha causado tão deplorável deserção. Paulo não iria minimizar este fato. Isto era sério demais. Eles não estavam somente abandonando Jesus. Eles estavam se transformando muito rapidamente em renegados. Paulo ficou muito alarmado ao ver o que estava acontecendo.

Ele lembrou-lhes o alcance de sua ação. Eles estavam não somente deixando Jesus Cristo, que os havia chamado para a Sua graça (favor imerecido). Eles estavam

desertando para seguir “outro evangelho”, abraçando, assim, as forças da oposição. Seu desvio da verdade constituiu uma aliança com o erro e, portanto, com o mal.

Precisamos aprender a importância de aderir à doutrina dos apóstolos. Não podemos nos afastar desta postura santa nem mesmo no mínimo grau, sem nos arriscar a uma total e completa queda no erro. Nossa atitude deve ser sempre de diligência com relação à doutrina. O que nós cremos é tão importante quanto a própria crença em si mesma.

O inimigo de nossas almas quer nos fazer sentir que estamos seguindo a Cristo da mesma forma, ao abraçarmos todos os ramos da teologia como se eles tivessem o mesmo peso que a mensagem apostólica. Assim, ele nos faz sentir que estamos em uma posição de neutralidade. Todavia, devemos lembrar a nós mesmos que isto não é verdade, como Paulo lembrou aos gálatas, os quais estavam se adaptando a “um outro evangelho”. Isto deve soar para nós como um alarme. Não existe outro evangelho! Nem na verdade pode haver.

O evangelho (mensagem) que os apóstolos pregavam era o evangelho de Cristo. Paulo classificou aqueles que alterassem o evangelho, no mínimo que fosse, como sendo a pior forma de perturbadores. Eles não somente vos inquietam, avisou Paulo, eles “pervertem (transtornam) o evangelho de Cristo” (Gálatas 1.7). Que acusação!

O amor de Deus, derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, não permitirá que abracemos conceitos e ideias que deformariam e transformariam o evangelho de Cristo em alguma coisa que ele absolutamente não é!

Não querendo ofender ninguém, nós, que abraçamos a verdade, devemos continuar firmes no santo reino da verdade. Isto inclui todas as facetas da nossa mensagem evangélica: a divindade de Jesus Cristo, a mensagem do novo nascimento (Atos 2.38; João 3.5), as marcas da santidade e a fé.

Paulo, então, falou de uma situação hipotética para enfatizar este ponto. “Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema” (Gálatas 1.8). E, para enfatizar ainda mais este ponto vital, Paulo repetiu a frase quase textualmente. Se uma das leis da ênfase é a repetição, Paulo certamente sentiu a necessidade de enfatizar isto!

O que Paulo quis dizer quando afirmou que eles seriam amaldiçoados? A palavra grega é *anathema*, que significa “condenado ao castigo eterno, designado para a destruição.”

Que linguagem forte! O fraco na fé estremece com isto. Parece que eles quase citam Satanás ao exclamar “Certamente não!” (Gênesis 3.4). Mas nós não podemos cair

em erros ou dúvidas, descrença e desobediência. Há um inevitável fim de tormento para aqueles que tratam a doutrina de Deus como coisa sem importância.

De todas as pessoas, nós, sobre quem o fim da terra está se aproximando, devemos nos rejubilar com a clareza com que este evangelho foi pregado para nós. Porque, na clareza de uma mensagem compreensível, podemos ver o amor de um Deus que se preocupou o suficiente para deixar para nós uma expressão organizada de Sua santa vontade.

Retenhamos firmemente esta forma de doutrina que nos foi entregue. Não somente isto. Vamos compartilhar de forma agressiva (com ousadia e destemor) esta fé santíssima. Corações honestos estão se esforçando para ouvir uma nota clara, trazida com amor. Nós, que fomos abençoados com esta verdade, podemos salvar-nos a nós mesmos e àqueles que nos ouvirem, levando a mensagem com amor e clareza. Que sejamos sempre encontrados “falando a verdade em amor” (Efésios 4.15).

SUMÁRIO

Nós, que temos este ministério, este evangelho, esta doutrina, devemos manter em mente a verdade da seguinte afirmação: “Ter e não estar consciente de ter, às vezes, é pior do que não ter.” Estar consciente do privilégio e de suas consequentes responsabilidades de reter a Palavra da vida nos permitirá lidar com isto com um respeito cheio de temor.

O evangelho veio à custa do mais puro sangue conhecido pelo homem. Ele foi, primeiramente, falado pelo próprio Senhor e confirmado a nós pelos que ouviram diretamente dele (Hebreus 2.3). Entramos em um ministério que repousa na doutrina que uma vez por todas foi entregue aos santos (Judas 3). Nossa fé é baseada nesse corpo de doutrinas que nos foi entregue.

Talvez o nosso conceito de autoridade seja o fator mais importante em nosso manejo da doutrina. Em outras palavras, é preciso compreender o significado de autoridade, para compreender totalmente o tremendo peso da doutrina. A doutrina só tem valor se reconhecermos a autoridade por trás dela.

É a doutrina de Cristo! Isso por si só a torna vital e forte. Quando ensinamos ou pregamos a doutrina simples e pura dos apóstolos, todo o Céu está apoiando tanto a mensagem quanto o mensageiro. Ela não precisa de adereços. Ela é absolutamente perfeita. O menor acréscimo a poluirá. A menor omissão irá invalidá-la.

Uma vez que Deus escolheu o meio de pregar e ensinar para salvar os crentes (I Coríntios 1.21), escusado será dizer que Ele quer que Sua Palavra seja pregada e ensinada como Ele a deu. Quando nós nos alinhamos com Ele e confiamos nEle, Ele trabalha

conosco! Ele se deleita em nossa fé e vai honrá-la, como nós O honramos em obediência (I Samuel 2.30).

Está escrito, sobre a igreja primitiva, que “perseveraram na doutrina dos apóstolos” (Atos 2.42). Isto estará escrito também no registro eterno da igreja dos últimos dias. A única questão para nós deveria centralizar-se em torno de se nós estaremos fazendo parte do corpo chamado igreja. Para mantermos a nossa cidadania e levar uma vida frutífera, produtiva e significativa, nós também precisamos “perseverar na fé (corpo de doutrinas), fundados e firmes” (Colossenses 1.23).

REFLEXÕES

- Defina doutrina.
- Qual a importância da doutrina para nós hoje?
- Qual foi o duplo propósito do chamado dos doze apóstolos?
- Por que o treinamento é uma necessidade tão vital?
- Explique o propósito e lugar dos “sinais” na igreja.
- Qual o significado de revelação e iluminação com referência à doutrina? O que a Escritura quer dizer com a expressão: “E abriu o entendimento deles?”
- Quais os dois elementos que devem sempre acompanhar nossa apresentação da doutrina? Por que eles são tão importantes?

Capítulo 1 - Testes de auto-ajuda

A Importância da Doutrina dos Apóstolos

Múltipla escolha: Circule a letra correspondente à resposta correta.

1. A doutrina dos apóstolos era
 - a. o que os apóstolos decidiram ensinar.
 - b. uma extensão dos ensinamentos de Cristo.
 - c. os ensinamentos dos fariseus.
2. O termo *doutrina* significa
 - a. aquilo que é ensinado
 - b. as verdades bíblicas
 - c. opiniões
3. Na Grande Comissão, Jesus disse aos discípulos
 - a. “Ide ... ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado.”
 - b. “Ide ... ensinando-os a guardar o que estou sugerindo.”
 - c. “Ide ... ensinando-os a guardar tudo o que pensarem que é correto.”
4. Jesus escolheu e ordenou os doze,
 - a. para dar-lhes grande posição.
 - b. para que eles permanecessem com Ele.
 - c. para construir templos terrenos.
5. Um santo cheio do Espírito
 - a. não precisa de doutrina nem de ensinamento.
 - b. necessita ser ensinado por professores cheios do Espírito.
 - c. necessita apenas ensinar a si mesmo.
6. A doutrina deve ser apresentada
 - a. com clareza e amor.
 - b. com severidade.
 - c. enganosamente.
7. Frequentemente se tem escrito da igreja primitiva que
 - a. Eles abraçaram cada ramo da teologia.
 - b. Eles continuaram a perseverar na doutrina dos apóstolos.
 - c. Eles não precisavam de doutrina, somente de amor.

Capítulo 2

A BÍBLIA – PALAVRA INSPIRADA DE DEUS

FOCO

A Bíblia é tão superior a todos os demais livros que é corretamente chamada “O Livro”. Ela foi dada por Deus e, portanto, é “a Palavra de Deus”. Deus usou instrumentos humanos, “santos homens de Deus”, para escrever, ao serem “movidados pelo Espírito Santo”.

VERSO CHAVE

“Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça” (II Timóteo 3.16).

CONTEXTO BÍBLICO

Salmos 19.7-14; 119.9-16, 89-96; Atos 17.22-31; Apocalipse 22.12-21; II Pedro 1.12-21

INTRODUÇÃO

“Há um livro que vale por todos os outros livros que foram e serão impressos,” disse Patrick Henry, o maior revolucionário patriota americano, falando da Bíblia.

Você acredita que a sua Bíblia é um livro verdadeiro? Você acredita que tudo que está nela é verdade? Talvez sua resposta possa ser: “Que pergunta tola! É claro que eu acredito!” A próxima pergunta seria então: “Você sabe porque acredita na Bíblia? De onde veio este Livro, e como ele foi dado? Quem o escreveu, e como ele foi escrito?”

É de vital importância para uma igreja ou para uma pessoa ter a atitude correta de apreciação pela Palavra de Deus. Uma fé completa na inspiração e infalível revelação de Deus para o homem foi uma parte básica e fundamental na doutrina dos apóstolos.

O nome pelo qual este livro é mais comumente chamado é “A Bíblia”, ou “A Bíblia Sagrada”, todavia, é interessante notar que entre os vários nomes dados pelo próprio Livro, ou seja, os nomes que ele dá a si mesmo, este nome não está incluído.

A Bíblia, ou seja, O Livro, do grego "ta biblia", os livros. A palavra é derivada de uma raiz que designa a casca interna da árvore de tília, em que os antigos escreviam os seus livros. É “o Livro”, por ser superior a todos os outros livros. Mas a aplicação da palavra BÍBLIA para a coleção dos livros do Antigo e do Novo Testamento não é encontrada antes do século V de nossa era. (*Dicionário Bíblico de Peloubet*).

A Bíblia é de novo o trabalho mais traduzido no mundo. Vários anos atrás, ela perdeu para as obras de Marx, Engels e Lenine. Eles se tornaram os mais traduzidos por um tempo. De acordo com um porta-voz da UNESCO, “Os últimos números que temos são de 1972, e eles mostram a Bíblia na liderança.” Assim, a Bíblia recuperou esta posição.

Embora se reconheça ser o maior livro do mundo, ainda há uma tremenda ignorância do seu conteúdo. De acordo com uma pesquisa de opinião pública, a média das pessoas têm um conhecimento bíblico muito limitado. Muitas pessoas não puderam listar pelo menos doze de seus personagens principais. Menos ainda puderam nomear todos os seus sessenta e seis livros. Eles foram incapazes de encontrar um texto familiar. Jesus disse: “Errais não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus” (Mateus 22.29).

I. NOMES DADOS À BÍBLIA

A. As Escrituras

“E que desde a tua meninice sabes as sagradas Escrituras... Toda Escritura é divinamente inspirada” (II Timóteo 3.15-16).

As Escrituras significam os escritos ou os escritos sagrados de Deus. Com referência aos Dez Mandamentos, são encontradas estas palavras: “E aquelas tábuas eram obra de Deus; também a escritura era a mesma escritura de Deus, esculpida nas tábuas” (Êxodo 32.16). Referindo-se à história do pecado de Israel e à causa do cativeiro, o escritor de II Reis disse: “E os estatutos, as ordenanças, a lei e o mandamento, que vos escreveu ...” (II Reis 17.37). O profeta Oseias registrou o testemunho de Deus para o seu povo: “Escrevi-lhe as grandezas da minha lei, porém, essas são estimadas como coisa estranha” (Oseias 8.12).

Quando Jesus andou com os dois discípulos para Emaús, “explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras” (Lucas 24.27). Mais tarde, quando os olhos desses

homens foram abertos, eles disseram: “Porventura não ardia em nós o nosso coração ... quando nos abria as Escrituras?” (Lucas 24.32).

B. A Palavra de Deus

Este título é usado mais do que qualquer outro na Bíblia. É referido como Palavra de Deus ou a Palavra de Deus. É chamada assim quarenta e quatro vezes, no Novo Testamento e quinze vezes, no Livro de Atos. O Salmo 119 contém trinta e sete referências a “tua palavra”. Observe algumas das muitas referências nas quais este Livro reivindica ser a Palavra de Deus:

- “Invalidando assim a Palavra de Deus pela vossa tradição” (Marcos 7.13).
- O povo apertava Jesus “para ouvir a Palavra de Deus” (Lucas 5.1).
- Os apóstolos “anunciavam com ousadia a Palavra de Deus” (Atos 4.31).
- “De sorte que a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus” (Romanos 10.17).
- “Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes” (Hebreus 4.12).

Assim, este Livro afirma ser a Palavra de Deus, dada e falada por Ele. Não é preciso ir muito longe, logo no primeiro livro, para encontrar estas palavras definitivas: “E disse Deus...” (Gênesis 1.3). Estas palavras encontram-se dez vezes no primeiro capítulo de Gênesis. Expressões como: “o Senhor disse,” “o Senhor falou,” e “veio a palavra do Senhor” são encontradas 3.808 vezes no Antigo Testamento.

Quem escreveu a Bíblia?

Homens maus ou demônios não a teriam escrito, pois ela condena as suas obras. Homens bons ou anjos não poderiam tê-la escrito e afirmar que é a palavra de Deus, pois, ao dizer que foi escrita por Deus, tendo sido escrita por eles mesmos, seriam culpados de falsidade, e, portanto, não seriam bons. Adam Clarke disse: “Um homem bom não poderia ter escrito a Bíblia, e um homem mau não a teria escrito.” Foi dito: “O homem não poderia ter escrito, se ele quisesse, e não a teria escrito, se ele pudesse.” Há, então, uma única conclusão: Deus é seu autor, exatamente assim como é dito na Palavra.

Todavia, embora Deus seja o autor, homens foram escolhidos para o ato de escrever o livro. Ele é o produto de cerca de trinta e seis homens – homens de Deus. Este Livro é o único que é de origem divina, mas veio através de instrumentos humanos. Os sessenta e seis livros passaram pelas mentes dos homens, e foram escritos pela mão dos homens. À palavra e à mente de Deus foi dado um corpo, na linguagem dos homens. Ela é o único livro que pode legitimamente dizer que é de autoria de Deus, mas escrito pelo homem. É um livro milagre!

II. O MÉTODO DO MILAGRE

Como o milagre acontece? Se foi escrita por homens, como podemos saber que é “a Palavra de Deus”? Pode tal alegação estar razoavelmente fundamentada e trazer confiança para aquele que assim pensa? Como ela foi protegida de erros, quando homens falíveis desempenharam uma parte tão grande em sua preparação?

A. Dada por Inspiração de Deus

A resposta para as perguntas acima foi dada por Paulo. Ele estava escrevendo a Timóteo, aconselhando-o a manter a sua fé nas Escrituras, nas quais ele havia sido ensinado desde a sua infância. Ao fazê-lo, Paulo revelou o método de Deus para a entrega da Palavra: “Toda a Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça” (II Timóteo 3.16).

A palavra *inspirada* é interessante porque ela vem da palavra grega *theopneustos*, que significa literalmente “soprada por Deus”. O termo “dada por inspiração” significa, então, que os escritos são o resultado de uma influência decisiva e certa de Deus, exercida sobre os autores físicos. Inspiração, como definido por Paulo, é a forte consciência do “sopro” de Deus, qualificando o escritor para dar expressão à verdade. O apóstolo Pedro dá mais explicações: “Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo.” (II Pedro 1.21).

B. O Significado de Inspiração

Quase qualquer um que tenha alguma fé na Bíblia irá testificar que acredita que o livro foi produzido por inspiração. É muito importante, portanto, saber o que a pessoa entende por *inspiração*. Há uma inspiração que move um artista a pintar, um autor a escrever, ou um orador para falar. Quase nada é feito, que seja de valor, sem inspiração. O significado que alguns dão, pelo seu ponto de vista, de inspiração é ilustrado pela seguinte declaração:

A Bíblia é inspirada na mesma medida que as obras de Spinoza e Montaigne e Goethe são inspiradas... Aqui e ali, o autor de um capítulo em particular tinha uma emoção sincera e mostrou-a na visão de sua escrita. (Hendrick William Van Loon).

Esta não é a reivindicação feita pelas Escrituras para este Livro. O livro reivindica para si mesmo que ele registra as palavras de Deus 3.125 vezes (2.600 no Antigo Testamento e 525 no Novo). Note-se um exemplo típico. “E temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos...” (II Pedro 1.19).

O Comentário da Bíblia de Wycliffe diz, sobre esta passagem:

Tomando o que é dito no versículo 21, a referência destes versos parece ser das Escrituras do Antigo Testamento. É uma afirmação surpreendente da validade da Sagrada Escritura que Pedro declara ser mais confiável do que uma voz dos céus ouvida pelos ouvidos naturais.

“Homens santos de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo ou “falaram de Deus¹ sendo movidos pelo Espírito Santo”

Pedro, definitivamente, declarou que os escritores escreveram coisas para nós que eles não entenderam. Eles escreveram sobre coisas das quais eles não sabiam nada.

“Da qual salvação inquiriram e trataram diligentemente os profetas que... Indagando que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava, anteriormente testificando os sofrimentos que a Cristo haviam de vir... Aos quais foi revelado que, não para si mesmos, mas para nós, eles ministravam estas coisas que agora vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho; para as quais coisas os anjos desejam bem atentar.” (I Pedro 1.10-12).

Por esta declaração, ficamos sabendo que, apesar de terem avidamente procurado saber, esses escritores não podiam entender as coisas sobre as quais foram movidos ou direcionados a escrever. Foi-lhes dito pelo Espírito as coisas exatas que eles deveriam escrever, coisas que eles não poderiam ter escrito por sua própria inspiração, pois não sabiam nada sobre elas. As coisas que eles estavam escrevendo não se destinavam a eles, mas àqueles de nós que poderiam vir depois

A combinação extraordinária entre o Espírito Santo e o instrumento humano é ilustrada em Atos 1.16: “Homens irmãos, convinha que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo predisse pela boca de Davi, acerca de Judas.” A maneira da inspiração é mostrada pela frase: “que o Espírito Santo falou pela boca de.” Isto mostra que a boca de Davi foi o instrumento usado pelo Espírito Santo para tornar conhecida a verdade de Deus.

¹ Palavras provenientes de Deus (NT).

III. EVIDÊNCIA DA INSPIRAÇÃO

A posição das Escrituras foi dada pela própria Bíblia: que este é um livro divinamente inspirado, a Palavra de Deus. Se isso for verdade, deve haver provas suficientes para fundamentar esta alegação.

A. Unidade do Livro

Embora seja “o Livro”, é também uma coleção, composta por sessenta e seis livros. Alguns destes livros são bastante longos, enquanto outros são muito breves, consistindo, em alguns casos, de apenas uma curta carta. Ele é o trabalho conjunto de cerca de trinta e seis escritores, ou mais, que escreveram durante o longo período de mais de dezesseis séculos. Desde a época do primeiro escritor (provavelmente Moisés) até a data do último escritor (o apóstolo João na Ilha de Patmos), há um período de cerca de 1.600 anos. O Antigo Testamento (com exceção de algumas passagens em aramaico) foi escrito em hebraico. O Novo Testamento foi escrito em grego.

Os vários escritores tinham origens muito variadas, vieram de diferentes esferas da vida e possuíam diferentes personalidades. Moisés foi “instruído em toda a sabedoria dos egípcios”. Josué foi o corajoso líder militar, treinado por Moisés. Davi foi um jovem pastor que se tornou rei e líder militar, um homem segundo o coração de Deus. Daniel foi o jovem de linhagem real, levado cativo para a Babilônia, tornando-se um alto oficial dos governos da Babilônia e Medo-Pérsia. Amós era um pobre pastor de Tecoa. No Novo Testamento, temos Mateus, o publicano odiado (cobrador de impostos); Pedro e João, os pescadores da Galileia, Lucas, o médico amado e companheiro de Paulo, e Paulo, o educado jovem fariseu, membro provável do Sinédrio.

Estes e outros escreveram pelo longo espaço de muitos séculos, em vários países e em diferentes circunstâncias. Obviamente, não é possível que eles tenham tido oportunidade de se conhecer ou para comparar suas notas. O milagre é que as obras desses escritores, sessenta e seis livros no total, quando reunidas em um livro, mostraram concordância perfeita, sem contradição. Temos apenas um livro, com uma mensagem. A única resposta para esse resultado milagroso é que, por trás de tudo, havia um intelecto divino que se movia e dirigia a obra e a escrita. Esta é uma evidência clara da divina inspiração, controlando a escrita de cada indivíduo.

B. Cristo, o Tema Principal

O Senhor Jesus Cristo e Sua obra de redenção é o tema tanto do Antigo como do Novo Testamento.

Um pai comprou um quebra-cabeças para seus dois filhos em idade pré-escolar, o qual provou-se ser complicado demais para eles conseguirem

pôr juntas todas as peças, formando o conjunto. Justamente no ponto de desespero e decisão de abandonar o projeto, uma das crianças notou o quanto uma das peças se parecia com o nariz de um homem. O outro encontrou um pedaço que parecia muito com uma orelha. Depois, encontraram uma mão, depois, um pé. Esquecendo a imagem que era suposto ser formada pelo quebra-cabeças, as crianças animadamente tentaram juntar as peças para formar o “homem”. Para seu espanto, as peças do “homem” se encaixaram perfeitamente no lugar, e, quando ele foi montado, a imagem estava completa.

Muitas pessoas hoje estão frustradas com sua incapacidade de entender a Bíblia. A chave para colocar as peças da Bíblia juntas, porém, é adquirir uma compreensão do homem Jesus Cristo, porque toda a Bíblia é sobre Ele. Quando Ele é considerado como é devido, todas as várias partes do Livro caem no seu devido lugar.

Vamos considerar alguns dos fatos que foram profetizadas sobre Ele.

- *A Semente da Libertação* – Em Gênesis 3.15 foi dado o primeiro vislumbre da Sua Vinda. Ele seria a Semente da mulher.
- *O pai da bênção* – A família da qual viria a Semente prometida que iria abençoar todas as nações foi designada em Gênesis 12.3. Abraão havia de tornar-se o pai da fé.
- *A tribo da promessa* – Em Gênesis 49.10, é dito que a tribo da qual viria Aquele que havia de vir seria Judá.
- *A linhagem da família* – Que a família seria a escolhida foi declarado em II Samuel 7.16. Ele seria chamado “filho de Davi.”
- *Um lugar de nascimento incomum* – O profeta Miqueias indicou que Ele nasceria em Belém (Miqueias 5.2).
- *Uma mãe virgem* – Isaías profetizou que Ele nasceria de uma virgem (Isaías 7.14).
- *O preço da traição* – Zacarias predisse o preço exato pelo qual Ele seria traído – trinta moedas de prata (Zacarias 11.12.)
- *Que Suas vestes seriam repartidas* – O escritor do Salmo 22.18 predisse que Suas vestes seriam repartidas “entre eles”.
- *O sofrimento do Messias* – A rejeição e sofrimento do Senhor foram claramente declarados por Isaías no maravilhoso capítulo cinquenta e três do seu livro.

Estas são apenas nove das profecias que Jesus cumpriu. Diz-se que existem 333 referências ou profecias do Antigo Testamento relacionadas com a vinda do Messias prometido. Que tudo isso seria cumprido por um só indivíduo. Com todas as probabilidades contra, o cumprimento de todas elas não é nada menos que um milagre. As probabilidades contra todas estas coisas terem acontecido por acaso são simplesmente

grandes demais para até mesmo fazer a sua possibilidade de todo crível. O fato de que Cristo veio e cumpriu estas profecias e se tornou o sacrifício pelos pecados do mundo, resgatando a humanidade perdida que havia caído no Éden, é testemunho do fato de que este é o Livro de Deus, e que Deus veio à Terra em carne para redimir o homem é o seu grande tema.

“Nenhum milagre operado por Ele pôs-lhe, tão definida e inequivocamente, o selo de Deus, como a convergência das milhares de linhas de profecia sobre Ele, como a queima de um ponto focal de deslumbrante de glória. Cada sacrifício apresentado, a partir do momento em que Abel pôs fogo no altar até a última Páscoa da Semana da Paixão, apontava como um dedo flamejante para a cruz do Calvário. Mais ainda, todos os séculos se moviam, como em procissão solene, para lançar seus tributos sobre o Gólgota.” Arthur T. Pierson, *Many Infallible Proofs*. (Muitas Provas Incontestáveis).

C. Cumprimento das Profecias

As muitas profecias que foram feitas e tão maravilhosamente cumpridas em Cristo já foram referidas no material anterior. Há também muitas outras profecias diretas e detalhadas que foram feitas, e muitas delas já cumpridas. Antes de Judá ser levado cativo para Babilônia, Jeremias disse ao povo judeu que eles ficariam em cativeiro por setenta anos antes de qualquer retorno: “Porque assim diz o Senhor: Certamente que passados setenta anos em Babilônia, vos visitarei... tornando a trazer-vos a este lugar” (Jeremias 29.10).

Daniel estava entre os cativos, quando estava se aproximando o tempo para o cumprimento dessa palavra de Jeremias. Ele estudou a profecia e acreditou. Ele buscou ao Senhor em oração e jejum. (Veja Daniel 9.) Quando os setenta anos se cumpriram, Ciro, o rei, foi movido a permitir que os judeus cativos, que desejassem, retornassem a Jerusalém (Esdras 1.1-11). Assim, uma outra profecia que ousou dar um número exato de anos, provou-se verdadeira. Só Deus podia dar a Jeremias a verdade e até o número de anos antes que Seu povo fosse autorizado a voltar.

Os discípulos de Jesus mostraram o belo Templo de Herodes. Jesus fez uma profecia clara e direta sobre o seu futuro; uma profecia de que deveria ser vista na época mais improvável. Ele disse: “Não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada” (Mateus 24.2). Dentro de quarenta anos, essa palavra do Senhor aconteceu. No ano 70 dC, os exércitos romanos, sob Tito, capturaram a cidade e destruíram o Templo totalmente. Na busca louca de um tesouro escondido, as paredes foram derrubadas, e até mesmo as fundações foram rasgadas. Finalmente, um arado foi passado sobre os escombros.

Enquanto Babilônia estiver reduzida a montões de pedras, enquanto Nínive estiver vazia, solitária, reduzida a lixo; enquanto o Egito for o mais vil dos reinos; enquanto Tiro for um enxugadouro de redes no meio do mar; enquanto Israel estiver espalhado entre as nações; enquanto Jerusalém for pisada pelos gentios; enquanto os grandes impérios do mundo continuarem sua marcha para as maldições preditas, nós temos as provas de que uma Mente onisciente ditou as previsões daquele Livro, e que as profecias dadas nos tempos antigos não foram produzidas pela vontade dos homens. – H. L. Hastings, *Will the Old Book Stand?* (Será que o Velho Livro Subsistirá?)

D. Verdade Científica

A Bíblia não foi projetada para ser um livro texto de ciência, mas ela está em conformidade com os fatos científicos. Na verdade, a Bíblia tem estado muito além na área das verdades científicas.

- O Livro de Jó disse: “Ele suspende a terra sobre o nada” (Jo 26.7). Isto foi escrito cerca de 1600 anos aC. Mas foi somente no AD 1530 que Copérnico descobriu que a terra estava suspensa no espaço.
- “Porque a vida de toda carne é o seu sangue” (Levítico 17.14). Foi somente no AD 1615 que a verdadeira função do sangue foi descoberta por William Harvey.
- O apóstolo Pedro falou de um estranho evento que iria acontecer: “Os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão.” (II Pedro 3.10). Os cientistas descobriram somente nos últimos anos que a destruição global é possível acontecer através da fissão nuclear.

IV. A INFLUÊNCIA DO LIVRO

A pessoa que acredita no Livro e segue suas instruções encontra uma evidência pessoal de sua veracidade e vida. Foi dito que os homens podem escrever um livro verdadeiro, mas somente Deus pode escrever um Livro vivo. Seu Livro fala da salvação através de Cristo para todo aquele que crer e obedecer. Uma das suas grandes profecias é a promessa: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo; Porque a promessa vos diz respeito a vós...” (Atos 2.38-39).

Muitos de nós temos recebido esta prova individual e bênção de Deus, através da Sua Palavra. A Palavra tem trabalhado para mudar nossas vidas e nos dar uma viva experiência em Jesus Cristo. Este livro tem o poder de salvar, purificar e alegrar o coração humano. Uma corrente de água nunca é superior à sua fonte. Este livro tem o

poder de elevar os homens a Deus, pois veio de Deus, de uma maneira que nenhum outro livro fez.

Os amigos e os inimigos da Bíblia dão provas de seu bem. O homem que ama a Deus e deseja servi-Lo e entrega-se à melhor causa do mundo irá amar a Bíblia. Ele acreditará que ela é o Livro de Deus. Quanto mais próximos estamos de Deus, mais fácil nos será confiar que esta é a Palavra inspirada e infalível de Deus. Quando os homens se afastam de Deus, tornam-se propensos a duvidar dela.

A Bíblia dá conforto ao cansado, ao solitário e desanimado. Ela dá força ao fraco e luz aos cegos. Ela dá coragem para a vida e esperança para o futuro, tanto neste mundo como no mundo vindouro.

Alguns anos atrás, fui convidado para o 10 Downing Street, em Londres pelo Sr. Winston Churchill. Era um momento sombrio na história da Grã-Bretanha, e o Primeiro-Ministro estava profundamente desanimado. Ele mal me cumprimentou, antes de perguntar: “Meu jovem, você tem alguma esperança para o mundo?” Tirei um Novo Testamento de bolso, dizendo: “Sr. Primeiro-Ministro, este livro está cheio de esperança. “Rapidamente, ele respondeu: “Você me lê algumas passagens?”

Pelos próximos 30 minutos, eu li versos selecionados, que eu achei que eram adequados ao seu humor. Quando saí, ele me disse calorosamente: “Muito obrigado. Você deu a um velho homem uma renovação de fé para o futuro.”

Billy Graham disse: “Eu não tinha. Mas a Bíblia tinha.” – “O que a Bíblia me diz.”, Readers Digest, maio de 1969.

O Presidente Woodrow Wilson e Henry Ford uma vez decidiram que iriam ler um capítulo da Bíblia todos os dias, não importava o que acontecesse. Eles fizeram isto; eles mantiveram o compromisso durante trinta anos. O Presidente Wilson disse: “Eu temeria prosseguir em frente, se não acreditasse que havia, no fundamento de toda a nossa escolarização e de todo o nosso pensamento, esta impecável e incomparável Palavra de Deus.”

SUMÁRIO

Um dos fatos notáveis sobre a Palavra de Deus é a sua preservação. E isto não aconteceu sem que seus inimigos tentassem impedir, tanto no mundo pagão como no intelectual. Ela tem também, frequentemente, sofrido ataques na “casa de seus amigos”, a chamada “igreja”. Houve momentos na história em que era um crime apenas possuir um exemplar da Bíblia. Na Idade Média, milhares de pessoas tementes a Deus foram

condenadas à morte só porque amavam a Bíblia. Os críticos que se levantaram procuraram destruir a verdade e a autoridade do Livro. Eles zombaram de sua história; eles referiram-se às suas narrativas como folclore. O liberalismo invadiu a igreja, e muitos dos milagres contidos na Bíblia foram rotulados como mito e tradição. Mas a Bíblia continua viva, e suas verdades continuam a abençoar e orientar o peregrino no seu caminho. Os inimigos vão morrendo, mas a Palavra sobrevive.

REFLEXÕES

- A Bíblia é o livro mais traduzido e é um best seller (mais vendido), todavia, há uma grande ignorância com relação às suas verdades. Como você explica isso?
- O que significa a palavra “*Escrituras*”?
- O que se deve entender quando a Bíblia é referida como “a Palavra de Deus”?
- Explique o que Paulo quis dizer quando afirmou que toda Escritura foi dada por inspiração de Deus.
- Dê uma razão para sua fé e esperança de que a Bíblia é a verdadeira e confiável Palavra de Deus.
- A Bíblia tem sido uma verdadeira bênção para você nos momentos difíceis de sua vida, grandes bênçãos ou grandes tribulações? Dê seu testemunho.

Capítulo 2 – Teste de Auto-ajuda

A Bíblia – Palavra Inspirada de Deus

Verdadeiro ou Falso: Circule a resposta correta.

1. A Bíblia é a Palavra de Deus

Verdadeiro ou Falso

2. A Bíblia foi escrita por cerca de trinta e seis homens.

Verdadeiro ou Falso

3. A palavra “inspirada” significa soprada por Deus.

Verdadeiro ou Falso

4. Os escritores da Bíblia escreveram coisas das quais eles não tinham ideia (não compreendiam).

Verdadeiro ou Falso

5. O Antigo Testamento, com exceção de algumas passagens em aramaico, foi escrito em hebraico.

Verdadeiro ou Falso

6. O Novo Testamento também foi escrito em hebraico.

Verdadeiro ou Falso

7. O tema, tanto do Antigo Testamento como do Novo, é o Senhor Jesus Cristo e Sua obra de redenção.

Verdadeiro ou Falso

Correspondência: Combine a frase com a referência correspondente.

1. A Semente da Libertação

a. Miqueias 5.2

2. A Tribo da Promessa

b. Gênesis 3.15

3. Um lugar incomum de Nascimento

c. Isaías 7.14

4. Uma Mãe Virgem

d. Miqueias 5.2

5. O Preço da Traição

e. Salmo 22.18

6. A Divisão das vestes

f. Gênesis 49.10

7. O Sofrimento do Messias

g. Isaías 53

Notas Pessoais de Estudo

Capítulo 3

O DEUS DOS APÓSTOLOS

FOCO

O conceito que os apóstolos tinham de Deus era sem controvérsia. Havia um claro entendimento, porque eles tinham andado com Ele, quando Ele estava na terra como homem (em carne).

VERSO CHAVE

“E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Deus se manifestou em carne, foi justificado no Espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, recebido acima na glória” (I Timóteo 3.16).

CONTEXTO BÍBLICO

João 1.1-18; 14.6-18; Efésios 4.1-21; Filipenses 2.1-11

INTRODUÇÃO

“Ouve, Ó Israel: o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR”
(Deuteronômio 6.4).

Não foi o propósito de Jesus ou de Seus apóstolos invalidar as verdades básicas do Antigo Testamento. Na verdade, Jesus afirmou que Ele veio para cumprir a lei do Antigo Testamento e entregar aos homens, em sua plenitude, o que eles tinham tido até ali apenas em figuras e sombras. Ele confirmou as doutrinas do Antigo Testamento, citando-as, quando foi questionado um dia acerca de qual era o maior mandamento. (Marcos 12.29-30).

O monoteísmo era um princípio aceito pelos apóstolos como verdadeiro. O conceito que eles tinham de Deus era “sem controvérsia.” Eles tinham uma compreensão clara, porque tinham andado com Ele.

Hoje, no entanto, são passados mais de mil e novecentos anos desde os tempos de Cristo. Consequentemente, o conceito básico, vívido, da divindade, aceito pelos apóstolos, tem sido obscurecido pelo tempo para maioria da cristandade.

Um dos maiores desafios de nossos dias é recuperar o conhecimento que detinham aqueles que tocaram com suas próprias mãos a Palavra de Vida (I João 1.1). Através da operação do Espírito, isto é completamente possível. Na verdade, é completamente obrigatório!

Nosso objetivo não é obter conceitos precisos, corretos, apenas por uma questão de conhecimento. O mundo está cheio de parasitas educados. Livrai-nos, Senhor, desta maldição! No entanto, as nossas ações são determinadas pela precisão do nosso conhecimento. Para que nosso trabalho não seja em vão, é preciso avaliar constantemente os nossos conceitos para ver se eles estão baseados na verdade. Só então poderemos estar certos de que nossas ações são verdadeiras.

Vamos abordar esta lição com esse objetivo. Nosso propósito não é debater a questão ou jogar farpas naqueles que estão em erro. Realmente, não há nada a debater, nem razão para ser desagradáveis ou vingativos em todo o propósito da revelação de Deus para o homem. Em vez disso, vamos, humildemente, submeter-nos à escola espiritual na qual a Bíblia é nosso livro texto. O Espírito é o nosso professor, e a verdade é o nosso objetivo final!

I. A REVELAÇÃO

A Bíblia é um livro sobre Deus. Ela revela o Seu caráter, Sua natureza, Seu poder e Seu propósito. A Bíblia foi escrita, em parte, pelos apóstolos e, como tal, retrata o conceito que eles tinham de Deus.

A. O Único Deus Verdadeiro

Sete aspectos exclusivos da natureza de Deus precisam ser discutidos neste ponto. Estes sete podem ser divididos em três grupos: a preeminência de Deus, o poder de Deus e a posição de Deus.

Primeiro: A preeminência de Deus.

“Ora, ao Rei dos séculos, imortal, invisível, ao único Deus sábio, seja honra e glória para todo o sempre. Amém” (I Timóteo 1.17).

A grande discussão concernente à natureza de Deus é: Deus é pessoal? Ele sabe, vê ou sente? Ele está consciente do que está acontecendo aqui na terra? Ou Deus é

meramente uma ideia vaga ou um princípio? Ou Ele é tudo isto, isto é, matéria e energia?”

Pode ser que Deus não possa ser encontrado com um bisturi ou um microscópio, frasco ou tubo de ensaio ou telescópio, ou galvanômetro, mas, com essas ferramentas, muitos estudantes, trabalhando fervorosamente, não deixaram de reconhecer um poder cuja explicação está além do alcance do intelecto humano; um poder que ninguém tem além de Deus. Estas ferramentas podem revelar traços de Deus, mas elas nunca vão revelar muito sobre Sua natureza. A única fonte de informação sobre a natureza de Deus é a Bíblia.

Três características são únicas da preeminência de Deus: a imortalidade, a invisibilidade e a infinidade. Estes termos não têm qualificações. Não há graus ou limites para eles. Eles são absolutos.

1. *A imortalidade de Deus* – Aquele que é imortal deve ter existido sempre. Se tivesse havido um tempo de não existência, um período em que não houvesse nada, o nada não poderia dar origem a nada. A existência eterna de Deus é, então, um fato incontestável. Seu ser nunca teve um princípio e nunca terá um fim. O que Deus é, Ele sempre foi e sempre será. Ele disse de si mesmo: “EU SOU.” Ele é Aquele que é eterno e auto-existente.

O Antigo Testamento começa com as palavras: “No princípio, Deus.” Através de toda a Bíblia, a verdade da eternidade de Deus é reafirmada. Ninguém que acredite seriamente em Deus questiona o fato de que Ele sempre existiu.

“Rei dos reis e Senhor dos senhores; Aquele que tem, ele só, a imortalidade, e habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver” (I Timóteo 6.15-16).

Somente Deus tem imortalidade. Nenhum outro ser possui este atributo. O homem pode viver para sempre apenas pela imortalidade conferida por Deus. Quando Adão pecou, o homem renunciou à sua imortalidade inerente e ficou sujeito à morte.

2. *A invisibilidade de Deus* – Tanto em I Timóteo 1.17 como em I Timóteo 6.16, a imortalidade e a invisibilidade estão ligadas uma à outra. O motivo é que Deus é Espírito (João 4.24). O Espírito de Deus não é agora, nem nunca foi, nem será visível. O Espírito simplesmente não pode ser visto pelos olhos humanos. O Espírito existe em um reino completamente diferente, incompreensível para os sentidos físicos do homem. (Lucas 24.39).

3. *A infinidade de Deus* – Alguém disse: “Todas as coisas têm seu fim.” O homem é uma criatura limitada. Todos os seus atributos, seu tempo de vida e a medida de seu conhecimento, de habilidades e experiências têm limites muito estreitos. Não há nenhum bem na vida que não se acabe. A morte sempre chega muito cedo quando tira a vida de alguém que nos é querido. A velhice sempre chega antes de termos experimentado tudo o que gostaríamos de experimentar. O homem possui uma sede insaciável por mais: mais conhecimento, mais coisas, mais de tudo.

Com tais limitações, o homem não pode compreender facilmente um Deus sem limites. Deus não tem fronteiras em qualquer esfera. Ele é infinito. Se alguém pegar um lápis e um papel e listar todos os atributos e virtudes desejáveis que a linguagem humana pode representar, Deus possui todas, em uma quantidade ilimitada. As profundidades das excelentes qualidades de Seu Ser jamais podem ser alcançadas. A eternidade é totalmente incompreensível para a mente humana. Da mesma forma, a infinidade de Deus.

“A quem, pois, fareis semelhante a Deus, ou com que o comparareis?”
(Isaías 40.18).

Segundo: O poder de Deus.

Três características são exclusivas do poder de Deus: Sua onipotência, Sua onipresença e Sua onisciência.

4. *A onipotência de Deus* – As Escrituras declaram que Deus tem a capacidade de fazer todas as coisas. “Deus falou uma vez; duas vezes ouvi isto: que o poder pertence a Deus.” (Salmo 62.11). Isto significa todo o poder. Considere a pergunta de Deus a Abraão: “Haverá coisa alguma difícil ao Senhor?” (Gênesis 18.14). Isso não significa, contudo, que Deus faz todas as coisas apenas porque Ele pode. Significa simplesmente que Ele tem o poder de fazer qualquer coisa, se assim o desejar.
5. *A onipresença de Deus* – Somente Deus tem a capacidade de estar em toda parte o tempo todo. “Para onde me irei do teu espírito, ou para onde fugirei da tua face? Se subir ao céu, lá tu estás; se fizer no inferno a minha cama, eis que tu ali estás também” (Salmo 139.7-8). “Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? diz o SENHOR. Porventura não encho eu os céus e a terra? diz o SENHOR” (Jeremias 23.24).

A ênfase dessas Escrituras é que Deus tem o poder de estar em toda parte em todos os momentos. Porque Ele é soberano, no entanto, há lugares nos quais Ele pode escolher não estar. As Escrituras atestam o fato de que, por vezes, a presença

“particular” de Deus se afasta de certos lugares e pessoas (Juízes 16.20; I Samuel 16.14; Ezequiel 10.18).

6. *A onisciência de Deus* – Deus, além disso, tem a capacidade de conhecer todas as coisas.

João declarou: “Deus é maior que o nosso coração e conhece todas as coisas.” (I João 3.20). Como no caso dos outros poderes ilimitados de Deus, Ele tem o poder de saber todas as coisas. No entanto, existem algumas coisas que Deus, em Sua soberania, escolhe não saber. Por exemplo, quando nossos pecados são perdoados, Deus os tira completamente da Sua mente (Jeremias 31.34; Hebreus 10.17; Isaías 38.17; Miqueias 7.18-19). Muitas perguntas sobre predestinação e presciência são respondidas quando consideramos que, assim como Ele pode optar por não conhecer o passado, Ele também pode optar por não saber o futuro. Que testemunho do soberano poder do nosso Deus!

Terceiro: A posição de Deus

7. *A singularidade de Deus* – *Único* é uma palavra muitas vezes mal utilizada. Às vezes, ela é modificada ou qualificada com palavras como *muito* ou *mais*. *Único*, no entanto, significa simplesmente “único da espécie”. Como tal, define uma qualidade absoluta. Não pode haver graus de ser único. O que é único não pode ser “muito original” ou “mais original”. Ou ele é o “único da espécie”, ou não é! Deus declarou Sua própria singularidade, Sua própria posição única no universo.

“Eu sou o SENHOR, e não há outro; fora de mim não há Deus”
(Isaías 45.5).

“Antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá” (Isaías 43.10).

“Porventura há outro Deus fora de mim? Não, não há outra Rocha que eu conheça” (Isaías 44.8).

B. O Senhor dos Apóstolos

A Bíblia não tem como intenção primária fazer uma manifestação da existência de Deus. Ela simplesmente assume que Deus é, e que os homens acreditam que Ele é. Tampouco a Palavra de Deus diz coisa alguma contra o ateísmo. Tal fato nos leva a crer que a tendência para duvidar não era prevalecente entre os povos antigos da Bíblia. O ateísmo desenvolveu-se alguns períodos mais tarde.

Da mesma forma, os apóstolos nunca escreveram tratados para defender, ou para tratar dessa matéria, ou mesmo para declarar o monoteísmo. Este era um fato aceito entre

eles. A religião politeísta era uma marca das nações pagãs, e o cristianismo tri-teísta somente desenvolveu-se muito depois que os apóstolos partiram. Os apóstolos, em sua associação com o Senhor Jesus, nunca o consideraram como “um outro Deus”. Eles reconheceram sua divindade ao mesmo tempo em que mantinham o seu conceito judaico de “um Deus verdadeiro”.

Quais foram exatamente as revelações que eles receberam e as confissões que eles fizeram? Vamos examinar algumas.

- Em resposta à pergunta do Senhor: “Quem dizeis que eu sou?” o apóstolo Pedro disse: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mateus 16.16).
- Quando confrontado com a palavra de Jesus, demonstrando saber que ele estava sentado debaixo de uma figueira, Natanael exclamou: “Rabi, tu és o Filho de Deus; tu és o Rei de Israel” (João 1.49).
- Filipe pediu para ver o Pai e recebeu esta resposta do Senhor: “Quem me vê a mim vê o Pai” (João 14.8-9).
- Quando derrubado na estrada de Damasco, o apóstolo Paulo perguntou, espantado: “Quem és tu, Senhor?” A voz de Deus respondeu, “Eu sou Jesus, a quem tu persegues” (Atos 9.5).

É tão estranho, então, que a sua pregação e ensino estivessem centradas em torno do fato de que Jesus era o poderoso Deus manifestado na carne? Não. Não, quando eles podiam ver em Jesus o cumprimento da sétupla característica de Deus.

Vamos examinar aqueles sete atributos exclusivos da divindade e ver como Jesus tem todas eles.

- *Imortalidade* – Não existe tal coisa como “o Filho eterno de Deus”, pois a Bíblia diz que “o Verbo se fez carne” (João 1.14) e foi “nascido de mulher” (Gálatas 4.4). Mas Jesus realmente existia antes de Belém como o Verbo, o qual não era um outro deus, mas sim “era Deus” (João 1.1). Portanto, Jesus era o Deus eterno, imortal.

“Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e eternamente” (Hebreus 13.8).

- *Invisibilidade* – Jesus Cristo, o homem, era muito visível, sendo visto pelos discípulos e interagindo com eles (I João 1,1). Deus teve que se manifestar de alguma maneira física, a fim de ser apreendido pelo homem. Ele fez isso em diversas ocasiões, de maneiras variadas, no Antigo Testamento. Jesus Cristo, porém, era a manifestação suprema do Deus invisível.

“O qual é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação” (Colossenses 1.15).

- *Infinidade* – Os apóstolos se maravilharam da ilimitabilidade do Senhor Jesus. Paulo falou das “insondáveis riquezas de Cristo” (Efésios 3,8) e do “amor de Cristo, que excede todo entendimento” (Efésios 3.19). Ele falou de Cristo como “aquele que é poderoso para fazer tudo mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos” (Efésios 3.20).
- *Onipotência* – Cristo declarou a onipotência de Deus como sendo a sua própria onipotência.

“E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra” (Mateus 28.18).

- *Onipresença* – Assim como Jesus era a manifestação do Deus invisível, Ele também foi a encarnação do Espírito onipresente de Deus.

“Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse” (Colossenses 1.19).

“Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Colossenses 2.9).

O Pai estava onipresente no Filho. O Filho era a presença particular do Pai.

“E sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos” (Efésios 1.22-23).

- *Onisciência* – Pedro reconheceu este atributo da divindade no Cristo ressurreto.

“Senhor, tu sabes todas as coisas; tu sabes que eu te amo” (João 21.17).

- *Singularidade* – Jesus declarou que Ele compartilhou esta posição exclusiva do Todo Poderoso “não teve por usurpação ser igual a Deus” (Filipenses 2.6).

“Eu e meu Pai somos um” (João 10.30).

Assim, Jesus demonstrou-se ser a manifestação do Deus poderoso. Ele era divino!

Em duas ocasiões, Ele realizou milagres que, segundo as Escrituras do Antigo Testamento, só poderiam ser atribuídos a Deus.

- Jesus andou sobre as águas (Mateus 14.25). Jó declarou que Deus “sozinho estende os céus e anda sobre os altos do mar” (Jó 9.8).

- Jesus acalmou a tempestade (Lucas 8.24). O salmista declarou: “Ele faz cessar a tormenta e acalma as ondas” (Salmo 107.29).

“Ó Senhor Deus dos Exércitos, quem é poderoso como tu?... Tu dominas o ímpeto do mar; quando as suas ondas se levantam, tu as fazes aquietar” (Salmo 89.8-9).

Na ocasião em que Jesus acalmou a tempestade, os discípulos exclamaram: “Quem é este que até aos ventos e à água manda, e lhe obedecem!” (Lucas 8.25).

Nós sabemos que tipo de homem Ele era. Ele era o Deus-homem. Ele não era parte homem e parte de Deus. Ele era totalmente homem e totalmente Deus!

II. RELACIONAMENTO

“Porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra, e o Espírito Santo; e estes três são um” (I João 5.7).

Para alcançar uma compreensão da divindade, é preciso lembrar que estamos lidando com um assunto que é insondável. Em nosso versículo chave, Paulo disse que a divindade era “sem controvérsia”, um grande mistério (I Timóteo 3.16). O que é um mistério? No sentido bíblico, significa “qualquer verdade assumida que não pode ser totalmente compreendida pela mente humana, mas deve ser aceita pela fé.”

Jesus reconheceu que Sua divindade era um mistério.

“Crede-me que estou no Pai e o Pai em mim; crede-me ao menos por causa das mesmas obras” (João 14.11).

Embora nunca sejamos capazes de sondar as profundezas da divindade com nossas mentes finitas, e será sempre assim deste lado da eternidade, temos que aceitar muitas coisas pela fé; foi-nos dada uma riqueza de informações reveladoras que nos permitirá manter nossa fé fundada sobre a verdade. Um princípio básico se desdobra para nós aqui: Todos os erros sobre a divindade ocorrem quando os homens tentam explicar o que Deus não escolheu revelar.

A Bíblia revela tudo o que precisamos saber sobre o assunto, e precisamos saber tudo o que ela revela. Consequentemente, só podemos esperar estar em erro quando expandimos ou reduzimos essa revelação.

Primeira João 5.7 declara que “há três”. Ele também declara que “estes são um.” Devemos aceitar ambas as facetas dessa revelação, se quisermos reivindicar a verdade.

Os trinitarianos cometem o erro de negar que existe um. Eles afirmam que os defensores de “Só Jesus” cometem o erro de negar que existem três. Os crentes da Unicidade entendem que existem três; três manifestações do único Deus verdadeiro. Assim, eles estão livres da acusação de negar o Pai e o Espírito Santo.

Assuntos espirituais não podem ser adequadamente expressos em termos materiais; todavia nós, sendo seres físicos, só podemos realmente entender as coisas do reino físico. Esta é a razão pela qual Jesus ensinava em parábolas e metáforas.

A igreja é descrita como um corpo, como uma noiva e como um edifício. A igreja, na realidade, não é nenhuma dessas coisas, mas essas três metáforas são usadas para nos ajudar a entender as várias facetas e funções de uma entidade espiritual. Uma metáfora não seria suficiente, simplesmente porque uma coisa física nunca poderia esgotar o significado do que é espiritual.

Em algum momento, todas as analogias vão abaixo. Não existe um “tipo” perfeito. Por isso, algum outro objeto físico é introduzido para continuar a explicação do que é espiritual. É claro que nós não entendemos que existem três igrejas. Corpo, noiva e edifício são apenas três objetos que ilustram três facetas variadas de uma coisa espiritual que está sendo examinada. Então, Pai, Filho e Espírito Santo são três expressões do único Deus verdadeiro, tornando mais fácil para nós mortais compreender as múltiplas facetas de Sua natureza.

Vamos examinar brevemente cada uma delas.

A. O Pai

Deus é revelado para nós, como o Pai, de três maneiras.

- *Na criação* – “Não temos nós todos um mesmo pai? Não nos criou um mesmo Deus?” (Malaquias 2.10). O escritor de Hebreus chamou Deus de “o Pai dos espíritos” como um contraste com os “pais na carne”, significando nossos pais terrenos (Hebreus 12.9). A analogia indica que nosso Criador e nossos procriadores devem ser conhecidos como nossos pais.
- *Na provisão* – “Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus dará bens aos que lhe pedirem?” (Mateus 7.11). Jesus trouxe uma ideia revolucionária para os judeus de sua geração. Ele ensinou que Deus não era um tirano cruel, severo e exigente. Jeová era realmente um Pai amoroso que atendia a todas as suas necessidades.
- *Na liderança espiritual* – O propósito da regeneração é dar-nos o direito de conhecer o Pai, pessoal e intimamente, e chamá-lo por esse título. Ele não é

apenas nosso Pai na criação, mas também na recriação (Romanos 8.15-16).

B. O Filho

Da mesma forma, Deus é revelado para nós, como o Filho, de três maneiras.

- *Na redenção* – Deus requer um sacrifício de sangue para o pecado (Hebreus 9.22). Ele, sendo um Espírito, se manifestou na carne para cumprir a Sua própria exigência. Nós temos a redenção pelo seu sangue derramado (Hebreus 9.22).
- *Na herança* – Cristo declarou que tudo que o Pai tinha fora dado a Ele (Mateus 28.18). Nós partilhamos dessa herança, pois somos co-herdeiros com Cristo (Romanos 8.17).
- *No exemplo* – “Ele é o grande exemplo e modelo para mim”, diz um antigo hino. Pedro disse que devemos seguir seus passos (I Pedro 2.21). Jesus prometeu que nós poderíamos duplicar e até superar seus feitos milagrosos (João 14.12). Ele foi o primeiro ser humano a ser o templo do Espírito de Deus. Ele é chamado “o primogênito entre muitos irmãos” (Romanos 8.29). Assim, todos os nascidos nesta família espiritual (Efésios 3.15) são chamados de “filhos de Deus”. (I João 3.2).

C. O Espírito Santo

O “Espírito Santo” e o “Espírito” são os termos usados quando Deus toca a vida de um homem de uma forma direta. Deus é visto, como o Espírito Santo, de três maneiras.

- *Na regeneração* – O que Deus faz no coração de um homem na questão da salvação é dito que é feito pelo Espírito Santo (Atos 2.38).
- *Na inspiração* – O Espírito Santo é a vida de Deus ou o sopro de Deus que vai adiante para vivificar (Romanos 8.11). Quando Deus se move dentro ou sobre a vida dos homens de qualquer maneira, isto é feito através desta manifestação chamada de Espírito Santo. O Espírito Santo ou o Espírito é o “sopro ou respiração” de Deus para fazer um trabalho especial na vida dos homens. (II Pedro 1.21).
- *Na Unidade* – O propósito desta manifestação de Deus é fazer-nos um com Ele. Ele não poderia fazer isso como um Pai remoto (distante) ou como um Filho físico, humano. Apenas como um Espírito é que Ele pode habitar no coração dos homens e torná-los verdadeiramente um com Ele.

III. A RAZÃO

Vamos reiterar que os apóstolos nunca procuraram, em seus escritos, provar a unicidade de Deus. A unidade em que se referiam à divindade era simplesmente um fato aceito.

Este termo (unidade) foi usado em todo o Novo Testamento como um exemplo e uma ilustração da unidade que Deus deseja alcançar em outras áreas. O termo unidade não deveria jamais estar restrito a discussões a respeito da divindade. A Unidade é apenas uma faceta da Divindade.

A unidade de Deus é vista em toda a criação. A harmonia dos corpos celestes no universo e o equilíbrio da natureza que observamos nos seres vivos aqui na terra, são apenas duas ilustrações da unicidade de Deus. A sincronização das estrelas e dos planetas e da cadeia de dependência da fauna e flora faz parte do tecido da unidade.

Verdadeira unidade espiritual, bem como física, é a maior intenção de Deus para o casamento e é o que Ele queria dizer com a frase “uma só carne”, em Sua Palavra.

Unidade fala da paz que o homem busca encontrar consigo mesmo. Assim como as três manifestações de Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, são um, também Deus quer que nossas três partes componentes: espírito, alma e corpo, estejam em harmonia uns com os outros (I Tessalonicenses 5.23).

Finalmente, a unidade é a vontade de Deus para Sua igreja. Efésios 4 e Filipenses 2 contêm versos que são frequentemente usados como textos que provam a doutrina da unidade. Precisamos entender, no entanto, que a unidade da Divindade não é o objeto destas passagens. A unidade do corpo de Cristo é o assunto do contexto e a Divindade é usada apenas como uma ilustração para nos mostrar que qualidade de unidade Deus quer que alcancemos na igreja.

SUMÁRIO

Deus existe como o supremo e ilimitável soberano, mas, como tal, Ele é completamente incompreensível para a mente finita do homem. Jesus Cristo veio e, como um homem, possuía todos os atributos do Deus poderoso. Pela primeira vez, o homem foi capaz de compreender a magnitude de Deus. Agora, o Espírito Santo habita em nossos corações para tornar real a revelação de um Deus verdadeiro. Mas, precisamos entender que Deus não é um fim em si mesmo. Estamos aplicando a revelação da unidade para as nossas vidas de uma maneira muito prática para nós, como indivíduos, em nosso relacionamento conjugal e na igreja, e em todas as nossas relações interpessoais, cumprindo assim o verdadeiro desejo de Deus para nossas vidas.

“De tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra” (Efésios 1.10).

REFLEXÕES

- Qual deveria ser nossa atitude com relação à doutrina da unicidade de Deus?
- Nomeie os sete atributos exclusivos de Deus e as três divisões onde eles cabem. Como Jesus demonstrou possuir estes atributos?
- Quais foram as revelações e confissões dos apóstolos relativas a Cristo?
- Que dois milagres em particular provaram que Jesus verdadeiramente era o Deus poderoso?
- Por quais três razões ou de que três maneiras Deus se manifestou como o Pai, como o Filho e como o Espírito Santo?

Capítulo 3 - Testes de Auto-ajuda

O Deus dos Apóstolos

Verdadeiro ou Falso: Circule a resposta correta.

1. A concepção que os apóstolos tinham de Deus era questionada.
Verdadeiro ou Falso
2. A Bíblia declara: “Ouve, ó Israel, o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR.”
Verdadeiro ou Falso
3. A existência eternal de Deus é um fato inquestionável.
Verdadeiro ou Falso
4. Deus é Espírito e, portanto, invisível.
Verdadeiro ou Falso
5. Somente Deus tem a capacidade de estar em todos os lugares todo o tempo.
Verdadeiro ou Falso
6. Não existe tal coisa como um Filho eterno de Deus.
Verdadeiro ou Falso
7. Jesus Cristo não existiu antes de Belém.
Verdadeiro ou Falso
8. Deus tinha de manifestar-se em alguma forma física para poder ser apreendido pelo homem.
Verdadeiro ou Falso
9. Todos os erros relativos à divindade acontecem quando os homens tentam explicar aquilo que Deus escolheu não revelar.
Verdadeiro ou Falso
10. Os crentes da Unicidade negam o Pai e o Espírito Santo.
Verdadeiro ou Falso
11. Pai, Filho e Espírito Santo são três expressões de um único Deus verdadeiro.
Verdadeiro ou Falso
12. Os apóstolos estavam continuamente procurando provas da unicidade de Deus.
Verdadeiro ou Falso

Capítulo 4

A ATITUDE DOS APÓSTOLOS PARA COM O PECADO

FOCO

O pecado é uma coisa repugnante, odiada por Deus. O evangelho é a “boa notícia” de que o homem pode ser libertado da sua escravidão e condenação eterna.

VERSO CHAVE

“Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eternal, por Cristo Jesus nosso Senhor” (Romanos 6.23).

CONTEXTO BÍBLICO

Romanos 6.1-23; 8.1-11; I João 3.1-11; 5.13- 21; Tiago 4.1-17

INTRODUÇÃO

O pecado nunca é bonito. A Bíblia retrata o pecado como algo feio, repulsivo, repugnante. O mundo veste o pecado como sendo algo bonito e atrativo. Com os seus anúncios de tabaco, cerveja e teatro, o mundo tenta fazer o pecado desejável. Foi o diabo quem mentiu no princípio para Eva e enganou-a, fazendo-a acreditar que o pecado era desejável. Hoje, a humanidade, em todos os lugares, está sendo enganada e levada a crer que o pecado é atraente. No entanto, temos de ir à Bíblia para descobrir a verdade sobre o pecado, pois é na Palavra de Deus que encontramos exatamente o que Deus pensa do pecado.

O pecado é uma coisa repugnante para Deus. Em contraste, a santidade e as orações dos santos são para Ele um doce perfume. As orações dos santos são armazenadas em taças de ouro cheias de incenso (Apocalipse 5.8). Após o dilúvio, Noé

construiu um altar e ofereceu holocaustos. Como resultado disto, um perfume suave foi sentido pelo Senhor. Como isso é diferente do mau cheiro do pecado!

A verdadeira descrição do pecado é encontrada no primeiro capítulo do profeta Isaías:

“Desde a planta dos pés até a cabeça, não há nele coisa sã, senão feridas e inchaços e chagas podres não espremidas, nem ligadas, nem amolecidas com óleo” (Isaías 1.6).

Aqui encontramos o pecado descrito como feridas, inchaços e chagas podres. Estas feridas são profundas, úlceras feias, escorrendo pus. Estas feridas contêm carne deteriorada, em putrefação, da qual vem um odor nauseante. Esta carne putrefacta fala da morte, que é o resultado do pecado.

Um homem forte estava em uma cama de hospital, morrendo de peritonite. O médico não conseguiu resolver seu problema. Por dois dias o cheiro de carne em decomposição enchia o quarto do hospital. Finalmente, este homem morreu. Este é um retrato exato do pecado. Como no caso deste homem, o pecado emite um cheiro horrível e repugnante, e termina em morte.

Esta é uma imagem verdadeira do pecado aos olhos de um Deus santo. Deus é santo, e, em Seu grande amor, Ele deseja conceder saúde e dar vida eterna para toda a humanidade. O pecado, como a doença da lepra, mutila, destrói, e, finalmente, mata. Por isso, Deus odeia e abomina o pecado. Quando estamos cheios do Espírito Santo, aprendemos a amar a santidade e odiar o pecado. Na mesma medida em que amamos a justiça, devemos odiar o pecado. Esta foi a atitude dos apóstolos para o pecado, que estudamos nesta lição.

I. DEFINIÇÃO DE PECADO

A. O que é pecado?

Para tentar responder esta questão, vamos considerar a definição que o Dr. Scofield deu para o pecado. Em suas notas, ele resumizou o pecado de três maneiras:

- Um Ato
- Uma Natureza
- Um Estado

Vamos examinar uma de cada vez:

- *Um ato* – O pecado é um ato único ou ação que viole a vontade revelada de Deus. Qualquer ato de desobediência à vontade de Deus é pecado. Uma vez que a Palavra de Deus revela Sua vontade, tudo o que é feito ao contrário da Bíblia, é pecado. A lista de tais atos, que podem ser realizados em violação à vontade de Deus, é aparentemente ilimitada. Seria inútil tentar catalogar uma lista de atos simples, dos quais cada um possa ser chamado de pecado. Vamos simplesmente reconhecer que um único ato de adultério, de fornicação, de embriaguez, de roubo, de mentira, de raiva, de calúnia, de fofoca, é pecado. Também temos de reconhecer que a desobediência é pecado. Quando as pessoas sabem qual é a vontade de Deus para suas vidas e, deliberadamente, se recusam a obedecer, esta falta de obediência torna-se pecado em suas vidas.
- *Uma natureza* – O pecado está profundamente arraigado, incorporado no coração da natureza decaída da humanidade. Essa é a natureza adâmica com que cada ser humano nasce. Essa natureza é inimizada contra Deus, rebelião contra o reconhecimento de Sua soberania e senhorio. Esta natureza sempre tenta deificar a si mesma e trazer Deus para seu próprio nível. Talvez a melhor ilustração dessa natureza seja encontrada na transgressão de Lúcifer. O pecado que o assediava era um desejo ardente de usurpar o lugar de autoridade e soberania pertencente a Deus. Isaías teve uma visão profética desta insurreição.

“Como caíste desde o céu, ó Lúcifer, filho da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte. Subirei sobre as alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo” (Isaías 14.12-14).

Observe especialmente os cinco desejos afirmados por Satanás.

- Eu subirei ao céu
- Exaltarei o meu trono
- Me assentarei no monte
- Subirei sobre as alturas das nuvens
- Serei semelhante ao Altíssimo

A entronização do próprio ego é a raiz de toda a transgressão. É forçar a nossa vontade contra a de Deus. É desafiar a Sua soberania divina. Vamos chamar isso de “Eu me tornei grande, inflado” e vamos tratar deste assunto de forma mais completa mais adiante.

Esta é a atitude de rebelião que foi instilada em nossa natureza humana no princípio, fazendo de nós inimigos de Deus.

É por causa dessa natureza caída do homem que lemos em Romanos 7 sobre a grande batalha entre a carne e o Espírito. Este conflito, finalmente, termina em condenação e morte. Uma vez que é uma luta de morte e vida, não há possibilidade de se estabelecer condições de paz com a natureza caída do homem. Existe apenas um meio de vitória, que é através da morte. Esta natureza caída do homem deve ser morta. Então, e só então, virá a vitória e libertação da condenação.

- *Um Estado* – Escuridão é simplesmente a ausência de luz. Da mesma forma, o estado de pecado na vida das pessoas é a ausência de justiça. A verdadeira justiça não pode existir fora de Jesus Cristo. Portanto, sem a presença do Espírito Santo na vida de uma pessoa, não há verdadeira justiça, e seu coração está em um estado de pecado. A única maneira de sair da escuridão é acender a luz (vir para a luz). A única maneira de corrigir o estado de pecado no coração do homem é ser cheio com o Espírito Santo.

B. A Definição de Pecado dada pelos Apóstolos

Os apóstolos deram-nos definições claras do pecado em suas epístolas. Eles não deram lugar para transigência, nem indiferença, em sua compreensão das trágicas consequências do pecado. Suas declarações foram claras, concisas e precisas. Vamos considerar algumas dessas declarações:

- **O APÓSTOLO JOÃO:**
Em dois versos das Escrituras, o apóstolo João define o pecado como sendo:
a) a transgressão da lei; b) iniquidade.

“Qualquer que comete pecado transgride a lei, porque pecado é a transgressão da lei” (I João 3.4).

“Há pecado que é para a morte ...Toda iniquidade é pecado e há pecado que não é para a morte (I João 5.16-17).

A transgressão da Lei se refere ao ato individual de desobediência ou falta de obediência à vontade conhecida de Deus. Qualquer ato de desobediência à Palavra de Deus pode ser descrita como sendo uma transgressão da lei. Toda injustiça está ligada ao estado do coração humano, o qual não tem a verdadeira justiça. Na sua definição, João declarou o pecado como um ato de violação da vontade de Deus e um estado que revela ausência de verdadeira justiça.

- O APÓSTOLO TIAGO:

Em sua definição de pecado, Tiago declara que não é apenas um ato de desobediência que é pecado, mas também o ato de recusar-se a obedecer, quando se sabe qual é a vontade de Deus.

“Aquele, pois, que sabe fazer o bem e não o faz comete pecado”
(Tiago 4.17).

Nesta categoria, podemos listar muitas coisas: falta de oração, falta de frequência à igreja, falta de adoração, falta de testemunho, roubar a Deus não devolvendo o dízimo. Todos estes, bem como qualquer outro ato de infidelidade podem ser classificados como pecado.

- O APÓSTOLO PAULO:

É impossível separar descrença de desobediência. Sempre que você encontrar incredulidade, vai encontrar também desobediência.

“Tudo o que não é de fé é pecado” (Romanos 14.23).

A incredulidade desafia a existência e a soberania de Deus. A incredulidade ataca o direito de Deus de dirigir a vida de Suas criaturas. Ela está associada com a natureza caída do homem que se eleva em rebelião contra Deus. Portanto, a incredulidade é pecado.

Não somente nas Escrituras acima mencionadas, mas ao longo de seus escritos, os apóstolos apoiaram a verdadeira definição de pecado como sendo aquilo que desafia e ataca a supremacia e o senhorio do Deus Todo-Poderoso. Se o pecado pode ser tolerado, desculpado e aceito a qualquer título, então não temos um Deus que seja o supremo soberano do universo.

O universo foi formado e moldado e agora é mantido em seu lugar e ordem pela autoridade suprema e soberana do Deus Todo-Poderoso. Sem a Sua lei, Sua Palavra, toda a criação seria um caos total. O pecado é a transgressão da lei de Deus e ameaça perturbar o universo bem ordenado, se entregue a si mesmo. Finalmente, Deus vai erradicar o pecado, senão a própria substância que controla o universo seria invalidada.

“Pela fé entendemos que os mundos foram criados pela palavra de Deus” (Hebreus 11.3).

“E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele”
(Colossenses 1.17).

Por esta razão, é necessário sempre lidar com o pecado, lutar contra ele. Em todos os lugares, em todos os tempos, a consequência do pecado é a morte.

C. Pecado – Rebelião Contra Deus

Ajudará consideravelmente nosso estudo entender claramente que todo o pecado é, fundamentalmente, uma atitude e um ato de rebelião contra Deus. José expressou isso ao perguntar, quando sob a tentação: “Como cometeria eu tamanha maldade e pecaria contra Deus?” (Gênesis 39.9).

O pecado é um ataque definido contra a soberania e a supremacia do Deus Todo-Poderoso. O pecado é uma tentativa definitiva para deificar o homem e rebaixar Deus ao nível do homem.

II. O PECADO É CONDENADO

A. O pecado traz condenação

Libertar-se da culpa e da condenação que segue inevitavelmente o pecado é impossível. Onde e quando o pecado é cometido, a alma culpada é condenada na presença de um Deus santo. Paulo escreveu, em sua epístola aos Romanos: “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Romanos 3.23). Portanto, por causa deste fato, o mundo inteiro fica culpado diante de Deus (Romanos 3.19). Jesus Cristo não veio ao mundo para condenar o mundo, pois o mundo já estava condenado por causa do pecado. Sendo o mundo culpado e estando condenado, Jesus veio para salvá-lo.

“Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele” (João 3.17).

Onde houver pecado, haverá culpa e condenação. Sempre foi e sempre será assim. Não há escapatória.

B. O que é condenação?

Quando o homem é condenado, ele é declarado culpado. Esta culpa pode ou não ser reconhecida. Nesta vida, o homem culpado pode escapar da sentença de condenação, mas ele não vai escapar para sempre. O julgamento é certo, e o pecador certamente irá um dia ouvir a declaração de sua culpa.

Após o ato do pecado na vida de uma pessoa, pode-se seguir um profundo sentimento de culpa (drama de consciência). Este sentimento de culpa pode fazer o pecador se sentir muito triste, deprimido e oprimido, numa medida em que ele pode até odiar a si mesmo, por estar o seu coração tomado de remorso e tristeza. Agentes

definidos contribuem para essa consciência de ter cometido o erro. A Palavra de Deus, o Espírito Santo e sua própria consciência, desenvolvida e treinada por sua educação, juntam-se todos para falar-lhe a respeito de sua culpa. Sem dúvida, Adão estava muito consciente de sua culpa, depois que comeu da árvore do conhecimento do bem e do mal. Ele tentou cobrir a sua nudez e se esconder de Deus. Ao fazer isso, ele revelou que estava consciente de sua culpa. Caim estava consciente de sua culpa, quando gritou: “Meu castigo é maior do que posso suportar.”

C. A Condenação é Universal

A condenação, como resultado do pecado, é universal, porque todos pecaram. Fora Jesus Cristo, nenhuma pessoa justa está como inocente aos olhos de Deus. Todo ser humano, independentemente de raça ou nacionalidade, seja jovem ou velho, rico ou pobre, homem ou mulher, sofre condenação por causa do pecado. O mundo inteiro é culpado aos olhos de Deus.

Tenhamos sempre bem claro em nossa mente o que já dissemos nesta lição: Cristo não veio ao mundo para o condenar. O mundo já estava condenado e culpado. Jesus veio para salvar.

D. Reconhecimento da Necessidade

Embora a condenação traga grande remorso e dor para a alma que pecou, uma grande bênção pode seguir este sofrimento. Estejamos sempre conscientes deste fato e sejamos profundamente gratos ao Senhor por isso. Não pode haver remissão de pecados sem arrependimento verdadeiro, e não pode haver o verdadeiro arrependimento sem tristeza piedosa que vem por causa da condenação.

“Porque pela lei vem o conhecimento do pecado” (Romanos 3.20).

“Porque a tristeza segundo Deus opera o arrependimento para salvação, da qual ninguém se arrepende” (II Coríntios 7.10).

Vamos tentar esclarecer a verdade encontrada nestas Escrituras. Deus deu a Lei para que a humanidade pudesse ter o conhecimento do pecado. Cada pessoa deve ver a si mesma como um pecador que precisa de um Salvador. Sem esta consciência do pecado em sua vida, ela nunca vai voltar-se para Jesus e invocar o nome do Senhor para a salvação. Com a transgressão da lei, virá a condenação pelo pecado, e esta condenação trará a tristeza segundo Deus para o coração culpado.

III. O PECADO É PERDOADO

A. Todos os pecados serão julgados

Todos os pecados devem ser julgados e punidos. A soberania de um Deus santo exige. Se Deus pudesse aceitar e tolerar o pecado na menor forma, Ele não seria mais supremo.

Pecado é rebelião contra Deus. Ao pecar, o homem escolhe fazer sua própria vontade ao invés da vontade de Deus. Ao agir assim, o homem torna-se uma lei para si mesmo. Se Deus permitisse que sua honra fosse atacada, ele deixaria de ser Deus.

Além disso, o pecado rompe a relação entre o homem e um Deus santo. Não pode existir comunhão entre o homem pecador e o Deus santo. A única maneira de a comunhão ser restaurada e mantida é o pecado ser julgado.

A justiça de Deus exige a satisfação da lei violada; a santidade de Deus reage contra o pecado. Esta reação de Deus contra o pecado é descrita como a “ira” de Deus.

B. A Pena para o Pecado é a Morte

Quando entendemos a natureza do pecado, é possível compreender a razão porque a penalidade para o pecado é a morte. Não é apenas por um mero capricho que Deus estabeleceu este decreto eterno contra o pecado. A pena de morte para o pecado é um resultado direto da natureza do pecado. Esta sentença de morte contra o pecado nunca pode ser alterada.

“Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Romanos 5.12).

“Porque o salário do pecado é a morte” (Romanos 6.23).

Somente entendendo claramente este fato é possível captar o significado pleno da Expição. A vida está no sangue, e quando o sangue é derramado, a vida é dada. Isso explica a necessidade de sangue derramado para a remissão dos pecados.

C. A Penalidade do Pecado paga no Calvário:

“E ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo” (I João 2.2).

Um sacrifício de propiciação traz as pessoas para perto de Deus e as reconcilia com Deus, pela expiação das suas transgressões. Propiciar é aplacar a justa ira de Deus pela oferta de um sacrifício expiatório. Isso foi feito na cruz do Calvário, onde Cristo pagou toda a penalidade pelos pecados de cada indivíduo.

No entanto, devemos lembrar que salvação oferecida e salvação recebida são duas coisas diferentes. Aqui reside a diferença entre os salvos e os não salvos. O sangue de Cristo é totalmente eficaz, mas só é eficaz quando é aplicado sobre o pecador arrependido.

“Os pecados de alguns homens são manifestos, precedendo o juízo, e alguns manifestam-se depois” (I Timóteo 5.24).

Apesar de todos os pecados dos homens terem sido julgados (punidos) no Calvário, este julgamento só se torna eficaz para o culpado, condenado pecador quando ele o recebe através da fé, arrependimento, e aplicação do nome de Jesus.

D. O Perdão dos Pecados em Jesus

“Por este homem se anuncia a remissão dos pecados... e por ele é justificado todo aquele que crê” (Atos 13.38, 39).

A maior necessidade do homem é o perdão dos pecados. Devido a isso, a maior mensagem para o homem é a “boa nova” da mensagem do evangelho. Esta “boa nova” é a mensagem de que em Jesus está o perdão dos pecados. A humanidade já foi declarada culpada e está condenada. Os homens não precisam de mais condenação, mas sim de libertação. A mulher apanhada em adultério pelos fariseus não precisava de pedras. Ela precisava de libertação e perdão dos pecados. Isto é o que Jesus trouxe para ela. A necessidade é a mesma em todos os lugares hoje. O perdão dos pecados encontra-se em Jesus e somente nEle.

“Nos dias em que o Oeste estava sendo desenvolvido, uma determinada família estava viajando para lá, em uma carroça. Um dia eles viram um incêndio na pradaria, avançando em sua direção. O homem parou, e logo havia outra carreira de fogo através da grama seca da pradaria. Depois de ter uma larga área enegrecida, ele dirigiu sua carroça sobre a terra queimada. Quando o fogo maior e original avançou na direção deles, um dos filhos se assustou e começou a chorar. O pai acalmou seus temores, dizendo: “Calma, filho, você está seguro onde o fogo já passou.”

IV. PECADO ABANDONADO

A. O Mandamento é Não pecar

Em sua epístola aos romanos, Paulo lida com o tema da vida cristã livre do pecado. Ele declarou que a graça de Deus é maior que o pecado. Não importa quão sério seja o pecado. A graça de Deus é suficiente. “Onde abundou o pecado superabundou a graça.” A questão, então, é: “Permaneceremos no pecado para que a graça abunde?” (Romanos 6.1).

A resposta é conclusiva. O santo de Deus está morto para o pecado e já não pode viver em pecado. Esta é a resposta de Paulo para a questão relativa a se ou não o Cristão deve pecar para que a graça possa aumentar:

“De modo nenhum. Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?” (Romanos 6.2).

O apóstolo João lida com o mesmo assunto, em sua primeira epístola, e manda à igreja que não peque. Ele disse: “Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo para que não pequeis” (I João 2.1).

Não pode haver mal-entendido. O filho de Deus não deve pecar. Nós poderíamos acrescentar muitas passagens das Escrituras no Novo Testamento, exortando a igreja à santidade. A fim de ser salvo, é necessário ter todos os pecados passados perdoados e remidos. No entanto, isto não é suficiente. Deve haver uma libertação do poder do pecado, para que se possa viver uma vida de vitória sobre o pecado.

B. A Luta com o Pecado

Após sua conversão, os cristãos podem descobrir que a batalha contra o pecado é ainda bastante real. Não lhes é suficiente saber que devem viver acima do pecado; eles também precisam conhecer a fonte da sua força e o segredo da vitória. Eles devem perceber o desespero de lutar com os desejos pecaminosos em sua própria força. Eles precisam ter ajuda de fora. Se olharem para si mesmos, eles vão encontrar somente derrota e desânimo.

“Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e com efeito o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem” (Romanos 7.18).

Dentro de si mesma, a humanidade só encontrará a derrota e o desespero. Os homens nunca poderão encontrar a vitória em sua própria força. Esse desespero,

completo e total desespero, encontra-se no grito de Paulo para obter ajuda. “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte? (Romanos 7.24).

C. A Vitória sobre o Pecado

A mensagem do evangelho não é uma mensagem de derrota. Há vitória para o filho de Deus. É perfeitamente possível viver uma vida santa, livre da condenação e culpa. No entanto, esse livramento e liberdade do poder do pecado é encontrado em Jesus Cristo e somente nEle. Para ter esta vitória, devemos estar em Jesus. Para estar em Cristo, devemos participar com Ele de Sua morte, sepultamento e ressurreição. A morte para a carne e para o pecado deve ser real, e, se é assim, então, o poder da ressurreição também será real.

“Já estou crucificado com Cristo; e vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim” (Gálatas 2.20).

“Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito.” (Romanos 8.1).

O segredo para uma vida santa vitoriosa é claro. Deve haver um completo morrer para o mundo e para o pecado, e uma entrega total a Jesus. A vida para o eu deve ser crucificada, e o Espírito Santo deve estar em completo controle. O legalismo é totalmente impotente para combater as forças do pecado, mas o Espírito Santo pode dar vitória gloriosa.

“Mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo” (I Coríntios 15.57).

SUMÁRIO

Para ilustrar o que Jesus fez por nós na cruz do Calvário, poderíamos pensar em um homem se afogando, já inconsciente e descendo pela última vez. Vamos listar as condições que afetam este homem e que devem ser consideradas em seu socorro.

- Ele é totalmente incapaz de ajudar a si mesmo; precisa de ajuda de alguma outra fonte.
- Ele deve ser tirado da água e deve ser tirada a água que está nele.
- Ele precisa ser reanimado e recomeçar a respirar. Assim está o pecador, descendo perdido para a eternidade. Em sua condição de perdido, ele pode nem mesmo perceber sua própria necessidade.
- A questão do pecado precisa ser tratada por alguém que não seja o próprio pecador. A salvação foi comprada para ele no Calvário.

- Ele precisa ser tirado do pecado e o pecado precisa ser tirado dele. Isto é conseguido através da morte, sepultamento e ressurreição de Jesus Cristo.
- É através do arrependimento que ele morre para o pecado, e, então, a vida ressuscitada de Cristo lhe dá a vitória através do sopro do Espírito Santo.

REFLEXÕES

- O que há sobre o pecado que o torna tão sério?
- Discuta porque a penalidade justa para o pecado é a morte.
- Por que o sangue teve que ser derramado para que o pecado fosse expiado?
- Uma vez que Jesus morreu por todos os homens, por que todos os homens não estão salvos?
- Qual é o segredo de uma vida vitoriosa sobre o pecado?

Capítulo 4 – Teste de Auto-ajuda

A Atitude dos Apóstolos com Relação ao Pecado

Dê breves respostas.

1. “Porque o salário do pecado é _____; mas o dom gratuito de Deus é _____ por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor” (Romanos 6.23).
2. O pecado é descrito em Isaías 1.6 como _____.
3. Quando somos cheios com o Espírito Santo, nós aprendemos a amar _____ e odiar _____.
4. O pecado tem sido resumido de três maneiras:
 - a. _____
 - b. _____
 - c. _____
5. O apóstolo João define o pecado como sendo:
 - a. _____
 - b. _____
6. O apóstolo Tiago declara que não somente o ato de desobediência é pecado, mas também o ato de _____ quando se sabe qual é a vontade de Deus.
7. O apóstolo Paulo declarou: “Tudo o que não é de _____ é pecado.”
8. O pecado é uma tentativa definida para _____ o homem e rebaixar Deus para o nível do homem.

Verdadeiro ou Falso: Circule a resposta correta.

1. Jesus Cristo veio ao mundo para condená-lo.
Verdadeiro ou Falso
2. Deus deu a lei para que o homem pudesse ter conhecimento do pecado.
Verdadeiro ou Falso
3. Não pode haver companheirismo entre um pecador e um Deus santo.

Verdadeiro ou Falso

4. Ter a salvação provida e a salvação recebida são duas coisas diferentes.
Verdadeiro ou Falso
5. O sangue de Cristo somente é efetivo quando aplicado.
Verdadeiro ou Falso
6. As “boas novas” da mensagem do evangelho é que o homem é culpado do pecado e está condenado.
Verdadeiro ou Falso
7. O filho de Deus não pode pecar.
Verdadeiro ou Falso
8. Depois de sua conversão, o cristão nunca mais será confundido pelo pecado.
Verdadeiro ou Falso
9. A libertação do poder do pecado é encontrada em Jesus Cristo.
Verdadeiro ou Falso

Notas Pessoais de Estudo

Capítulo 5

ARREPENDIMENTO

FOCO

O salário do pecado é a morte. Este salário sombrio aguarda a todos aqueles que não se converterem dos seus maus caminhos. O Senhor ordenou que os pecadores se arrependam. No entanto, Ele é misericordioso e está ansioso para perdoar. É através do arrependimento que a humanidade encontra o perdão.

VERSO CHAVE

“Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados vossos pecados, e venham assim os tempos de refrigério pela presença do Senhor” (Atos 3.19).

CONTEXTO BÍBLICO

Lucas 13.1-10; 15.1-10; Atos 17.22-34; II Coríntios 7.1-11; Hebreus 2.14-24; Apocalipse 2.18-29

INTRODUÇÃO

A doutrina do arrependimento é fundamental no sistema cristão e deve ser cuidadosamente estudada à luz da Palavra de Deus. Tanto João Batista como Jesus pregaram o arrependimento como condição básica de entrada no reino de Deus (Mateus 3.2, 8; 4.17). Deus procura levar os homens e mulheres ao arrependimento, através do incentivo (Romanos 2.4; II Timóteo 2.25, Apocalipse 2, 3), e pela decisão (Apocalipse 9.20-21; 16:9).

O arrependimento constituiu um importante tema da pregação na igreja cristã primitiva. Pedro o pregou (Atos 2.38; 3.19; II Pedro 3.9), e Paulo testemunhou sobre ele (Atos 20.21). Como João Batista antecedeu o ministério de Jesus, da mesma forma o arrependimento precede a salvação.

I. O MANDAMENTO PARA SE ARREPENDER

A. A Necessidade do Mandamento

O fato de o pecado estar incrustado nos corações dos homens, o mandamento de Deus exige que eles se arrependam. O pecado, e todos os seus efeitos horríveis, é a maior de todas as tragédias humanas. Nestes últimos dias, pouco antes da volta do Senhor, estamos testemunhando “espetáculos de pecado”. Uma visão panorâmica da miséria do homem pecador mostra-nos lares desfeitos, corpos naufragados, mentes perturbadas, pais alcoólicos, adolescentes viciados em drogas, crianças chorando, e pessoas deformadas.

“O caminho dos transgressores é áspero” (Provérbios 13.15).

Cedo ou tarde, o indivíduo deve colher aquilo que semeou. É a lei da colheita (Gálatas 6.7-8). Aqueles que semeiam para a carne, da carne ceifarão a corrupção. O pecado não somente leva a pessoa a ficar machucada e ferida, mas é também seu assassino, quando a morte chega.

“Como a justiça encaminha para a vida, assim o que segue o mal vai para sua morte” (Provérbios 11.19).

Viver em pecado por toda a vida é uma insanidade moral. A pessoa que fizer isso será realmente culpada de suicídio espiritual. Tiago disse: “O pecado, sendo consumado, gera a morte” (Tiago 1.15). Por que trabalhar para alguém quando você sabe que assim que o trabalho estiver concluído você vai ser esfaqueado nas costas e ser morto como pagamento por seu trabalho?

“Porque o salário do pecado é a morte” (Romanos 6.23).

“Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: adultério, fornicação, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glotonarias, e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o Reino de Deus” (Gálatas 5.19-21).

B. O Peso do Mandamento

Jesus disse: “Cuidais vós que esses galileus foram mais pecadores do que todos os galileus, por terem padecido tais coisas? Não, vos digo; antes, se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis” (Lucas 13.2-3). Esta não é uma exigência arbitrária, mas decorre da própria natureza do pecado em si. Pecado é rebelião contra Deus. Até que haja

um profundo sentimento do horror do pecado e uma renúncia total do mesmo, a alma não está preparada para a bênção espiritual.

Os israelitas, que se consideravam justos, eram cruelmente severos em seu julgamento dos outros. Eles olharam com desdém para os galileus que sofreram no meio de uma grande calamidade. Eles pensaram: “esses galileus devem ter sido pecadores miseráveis de primeira grandeza para merecerem tão lamentável infortúnio”. Mas Jesus conhecia os seus pensamentos e seus corações. Ele conhecia a verdade.

A nação de Israel havia sido subjugada pelas regras dos fariseus, os quais diziam ao povo de Israel que eles eram justos porque eram os filhos de Abraão e que Deus iria livrar de descer à cova a qualquer filho de Abraão. O sistema de justiça dos fariseus era estritamente baseado em obras. Se os judeus observassem os 365 mandamentos negativos e os 250 mandamentos positivos (como os fariseus havia sumarizado a Lei), então os fariseus asseguravam-lhes que eles estavam salvos.

Nosso Senhor negou que houvesse qualquer justiça nas obras e requereu que as pessoas se voltassem para Deus para receber a justiça dEle. No Sermão da Montanha, Jesus disse: “Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus” (Mateus 5.20).

Aquelas pessoas estavam confiando em si mesmas para serem justas; elas estavam confiando na lei de Moisés, para justiça. Jesus disse que, se eles quisessem se tornar justos, deveriam mudar as suas mentes como fonte e meio de justiça. A justiça está em Cristo Jesus, que a oferece a “todo aquele que desejar”

Então veio a repreensão de Jesus. Ele lhes disse que aqueles galileus não eram piores do que qualquer um daqueles que viviam em Israel naquela época. Os que morreram não eram mais pecadores do que até mesmo aqueles com os quais Jesus estava a falar, mas foram usados como uma ilustração do que acontece quando o pecado não é arrependido. As palavras do Senhor Jesus eram realmente de peso: arrepender-se ou perecer! A única alternativa para o arrependimento era a destruição.

C. O Objetivo do Mandamento

O mandamento para se arrepender é universal, simplesmente porque o pecado (rebelião contra Deus) é universal. O pecado tem, em um momento ou outro, tocado cada vida humana. O pecado entrou no mundo através da queda de Adão, e ele morreu. A morte reinou desde então, porque os homens e mulheres pecaram à semelhança de Adão (Romanos 5.12). Paulo declarou: “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Romanos 3.23).

É por esta razão que o arrependimento é absolutamente essencial para a salvação. “Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, e em todo lugar, que se arrependam” (Atos 17.30).

De acordo com o discurso de Paulo no Monte de Marte, dirigido aos intelectuais gregos, houve um tempo em que Deus passou por cima da ignorância dos homens das nações distantes de Israel, a quem os oráculos de Deus foram entregues. Mas agora, o Sol da Justiça surgiu com a cura em suas asas. A dispensação de iluminação e esclarecimento veio, e os homens, em todos os lugares, são indesculpáveis; sua própria consciência dá testemunho de seu erro. Todos os homens agora são culpados diante de Deus, com sangue em suas mãos. Deus ordenou que todos os homens em todos os lugares se arrependam.

Ao considerar o alcance da mensagem de arrependimento, descobrimos que ela ainda tem seu lugar na vida e na experiência do filho de Deus. Sete igrejas são mencionadas em Apocalipse 2-3. Dessas sete igrejas, cinco receberam um apelo direto ao arrependimento: Éfeso, Pérgamo, Tiatira, Sardes, e Laodiceia.

Em uma de suas epístolas, João, o escritor do Apocalipse, disse: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. (I João 1.9). A palavra *arrependimento* não se encontra neste versículo, mas seu conceito está, porque a palavra *confessar* vem da palavra grega que significa “reconhecer” (admitir algo exatamente como é). A confissão é verdadeira quando dizemos, sobre nossos pecados, a mesma coisa que Deus diz sobre eles. O arrependimento está envolvido neste ato, pois a pessoa precisa desviar-se da sua própria avaliação de sua conduta para aceitar a avaliação de Deus (ver como Deus vê), para que possa reconhecer que o que fez é pecado. E assim, na experiência do crente, há lugar para o arrependimento, se quisermos conhecer a experiência abençoada da restauração da comunhão, através da confissão do pecado.

D. A Posição do Mandamento

Obediência ao mandamento do arrependimento em si não constitui a salvação, mas é, sim, a preparação adequada para a salvação. João, sendo o precursor de Jesus, pregou o arrependimento para preparar os corações do povo para o ministério de Jesus Cristo, Jeová Salvador, ainda por vir. Ele disse: “Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus” (Mateus 3.2). Isto mostra ao mundo de hoje que o arrependimento ainda precede a salvação. Ele prepara o terreno para que Deus se mova. Ele constitui o primeiro passo em direção a uma experiência completa do novo nascimento, através do Senhor Jesus Cristo, que é a porta para o reino de Deus.

O arrependimento é um passo crucial, preparatório, no plano da salvação. Pedro, com as chaves do reino, pregou, no Dia de Pentecostes, a uma grande multidão de judeus.

Sua mensagem atingiu fortemente seus corações. Em convicção, eles clamaram: “Que faremos?” Sem vacilar ou hesitar, Pedro falou. Ele estava certo de sua mensagem. Ela era: “Arrependei-vos, e...” Arrependimento é o primeiro passo necessário, a fim de se obter acesso pleno a Deus.

II. A NATUREZA DO ARREPENDIMENTO

A versão King James do Novo Testamento toma duas palavras gregas para *arrependimento*. Uma delas representa a alma relembrando suas próprias ações, e tais lembranças produzem tristeza e um desejo de consertar o erro. Esta palavra é *metanoeo* e representa uma mudança de coração e mente. A segunda palavra, *metamellomai*, que é traduzida como “arrependimento”, se refere mais propriamente à contrição e significa uma tristeza segundo Deus.

Deus é o autor de arrependimento. Visto que o arrependimento é o afastamento do pecado e a mudança de atitudes e ideias, segue-se que o arrependimento completo é humanamente impossível. Em outras palavras, se o homem é capaz de se transformar e viver livre do pecado, ou se ele pode, por sua própria vontade, transformar suas atitudes e espírito, então ele não precisa de um salvador. Todavia, o homem não é capaz de tal controle sobre sua própria vida e, portanto, Deus concede o arrependimento para ele.

“E ao servo do Senhor ... ser manso para com todos ... Instruindo com mansidão os que resistem, a ver se porventura Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade” (II Timóteo 2.24-25).

“E ouvindo estas coisas, eles ... glorificaram a Deus, dizendo: Na verdade, até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida.” (Atos 11.18).

Quando o homem apresenta-se perante o Senhor em contrição sincera e com um sincero desejo de uma mudança de vida, Deus irá capacitá-lo a se arrepender. Sem essa habilitação, os esforços do homem para fazer uma reforma em sua vida são inúteis. Muitas vezes nos referimos a esta habilitação como “convicção”. É o poder de Deus que nos leva ao arrependimento. Ouça as palavras de Jesus. “Nenhum homem pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o trouxer” (João 6.44) e “Ninguém vem ao Pai, senão por mim” (João 14.6).

Paulo rogou à igreja primitiva que entendesse a sua dependência de Deus neste assunto. Ele afirmou: “Ou desprezas tu as riquezas da sua benignidade e paciência e longanimidade, ignorando que a benignidade de Deus te leva ao arrependimento?” (Romanos 2.4).

Neste aspecto arrependimento é semelhante à fé. Embora a fé seja uma ação da parte do homem, a capacidade do homem nesta área é insuficiente. Por isso, Deus oferece

o dom da fé (I Coríntios 12.9). Paulo disse: “segundo a medida de fé que Deus deu a cada um” (Romanos 12.3).

Paulo também falou de como podemos ser ativos no reino do espírito, “segundo a medida da fé” (Romanos 12.6). Da mesma forma Deus dá o arrependimento. “Porque a tristeza segundo Deus opera arrependimento para a salvação” (II Coríntios 7.10).

No arrependimento, o homem todo é afetado: as emoções são despertadas (tristeza segundo Deus), as funções do intelecto (uma mudança de mente), e os atos (um abandono de todo o pecado). O arrependimento envolve o homem todo: emoções, intelecto e vontade.

A. Tristeza Segundo Deus

Um elemento emocional está necessariamente envolvido no arrependimento. Embora sentimento não seja o equivalente a arrependimento, ainda assim pode ser um poderoso impulso para levar a uma mudança genuína e abandono do pecado. Um penitente não pode, dependendo da natureza do caso, ficar indiferente e impassível. Se a pessoa tem a experiência do Novo Testamento, sua atitude emocional será alterada.

Talvez isto seja entendido melhor através da distinção entre duas palavras semelhantes: arrependimento e penitência. O arrependimento é um ato; penitência é um estado da alma que se segue a esse ato. A penitência é a tristeza piedosa que resulta do arrependimento. Verdadeiro arrependimento tem como resultado uma verdadeira e duradoura mudança em toda a personalidade que foi submetida a uma “revolução interior”. A continuação do estado de penitência torna possível a recepção de benefícios adicionais e uma comunhão permanente com o Senhor.

Um tipo de tristeza leva ao arrependimento e o outro mergulha no desespero. Há uma tristeza segundo Deus e uma tristeza segundo o mundo. A primeira traz a vida, a última produz a morte (Mateus 27.3, Lucas 18.23, II Coríntios 7.9-10). Deve haver uma consciência do pecado, do seu efeito sobre o homem e de sua relação com Deus, antes que possa haver um real abandono do pecado. O sentimento de tristeza, que naturalmente acompanha o arrependimento, implica uma convicção de pecado pessoal e de pecaminosidade e um apelo sincero para que Deus perdoe, segundo a Sua misericórdia (Salmo 51.1-2, 10-14).

Paulo declarou: “Porque a tristeza segundo Deus opera arrependimento para a salvação, da qual ninguém se arrepende, mas a tristeza do mundo opera a morte” (II Coríntios 7.10). Com isto, ele mostrou a relação entre a tristeza segundo o mundo e arrependimento. Ele disse que uma tristeza piedosa, isto é, uma tristeza que é produzida pelo fato de o indivíduo ver seu pecado como Deus o vê, levará a uma mudança de mentalidade com relação ao pecado. O que ele amava, agora odeia; o que ele buscava,

agora repudia; o que governava e controlava a sua vida, agora ele abandona, e assim, ao confessar o seu pecado, ele recebe o perdão de Deus. A tristeza segundo Deus é sincera contrição pelo pecado cometido. A tristeza segundo o mundo é apenas lamentação por ter sido o pecado descoberto e por ter que sofrer a penalidade. “A tristeza segundo Deus opera arrependimento.”

B. Uma Mudança de Coração e de Mente

O arrependimento é uma mudança de atitude, em relação à verdade revelada de Deus, que produz fé no Senhor Jesus Cristo. Deus deseja que todos venham para esta mudança de mente; ela suplanta a descrença pela fé. A seguinte parábola do Senhor nos dá, claramente, o conceito bíblico de uma mudança de mentalidade originada pelo arrependimento.

“Um certo homem tinha dois filhos, e, dirigindo-se ao primeiro, disse: Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha. Ele, porém, respondendo, disse: Não quero. Mas depois, arrependendo-se, foi. E, dirigindo-se ao segundo, falou-lhe de igual modo; e, respondendo ele, disse: Eu vou, senhor; e não foi” (Mateus 21.28-30).

Nesta parábola, o primeiro filho, que tinha sido ordenado a ir trabalhar na vinha, disse: “eu não vou”, mas, depois se arrependeu. O que ele fez? Ele mudou de ideia. A princípio, ele escarneceu do pedido do pai. Mas, em seguida, submeteu-se à vontade do pai. A mudança de mente produz uma mudança de direção. Essa mudança de mentalidade é o arrependimento. O verdadeiro arrependimento sempre inclui uma mudança de coração.

“Ainda assim, agora mesmo diz o Senhor: Converti-vos a mim de todo o vosso coração; e isso com jejuns, e com choro, e com pranto. E rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes, e converti-vos ao Senhor vosso Deus, porque ele é misericordioso e compassivo, tardio em irar-se e grande em benignidade, e se arrepende do mal” (Joel 2.12-13).

A mensagem de João Batista, como está registrada em Mateus 3, é uma denúncia contundente do pecado e dos pecadores. João não estava apenas convidando-os a se arrepender de seus pecados, ou lamentar porque seus pecados foram descobertos. João estava chamando-os a uma mudança de atitude com relação ao pecado, à justiça e à sua necessidade de um Salvador.

C. Confessar e Abandonar

Arrependimento envolve uma nova consciência moral do pecado, na qual o pecador se identifica com os pensamentos de Deus sobre ele (o pecado). O verdadeiro

arrependimento implica em um aborrecimento de todo pecado e no reconhecimento de que todo pecado é uma rebelião contra um Deus santo. O penitente odeia o pecado, e, do profundo do seu ser, detesta-o. Arrependimento envolve: (a) confissão dos pecados, e (b) abandono desses pecados.

- *Confissão do pecado* – Quando uma pessoa lamenta verdadeiramente seus pecados, ela vai, naturalmente, desejar confessá-los, porque “a boca fala do que o coração está cheio” (Mateus 12.34).
- *Abandono do pecado* – Arrependimento não é simplesmente uma tristeza superficial. Ele significa mais do que uma confissão superficial. Arrependimento é um afastamento de todo pecado. Ele é, na realidade, um ponto de mudança em sua vida. É uma “meia-volta.” Você está dando as costas ao pecado e voltando-se para Deus.

“E se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face, e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra.” (II Crônicas 7.14).

Esta maravilhosa promessa da Bíblia não é para aqueles que apenas confessam. Observe que ela é para aquele que “se converter dos seus maus caminhos”. O arrependimento envolve ação. Tiago nos admoestou a ser “cumpridores da palavra, e não somente ouvintes” (Tiago 1.22).

D. Um Tipo de Morte

Finalmente, em nosso exame da real natureza do arrependimento, vemos que é um tipo de morte.

A morte deve preceder o sepultamento. É contrário à lei dos homens enterrar uma pessoa viva. Da mesma maneira, um genuíno arrependimento deve preceder o batismo nas águas. Também é contra as leis de Deus enterrar alguém vivo. Em nosso desejo de ver pessoas batizadas, devemos ter o cuidado de não pular o passo do arrependimento. Um indivíduo deve morrer para o pecado antes que possa viver a vida de forma adequada.

O Tabernáculo no Antigo Testamento ilustra este princípio básico do acesso do homem a Deus. O Espírito de Deus, simbolizado pela Arca do Concerto, habitava na câmara mais interior do Tabernáculo, o Santo dos Santos. Para chegar a um lugar de comunhão íntima com Deus, é preciso primeiro passar através do portão do pátio exterior. Isto simboliza o reconhecimento da existência de Deus.

“Mas sem fé é impossível agradar a Deus; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que é galardeador dos que o buscam” (Hebreus 11.6).

A oferta de sacrifício devia ser feita no altar de bronze. Isto fala de arrependimento, um morrer para os motivos carnis, para os maus desejos e para a ambição mundana. É uma crucificação da natureza pecaminosa. Isso significa a morte para si mesmo. Paulo disse: “Rogo-vos pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Romanos 12.1) e “Estou crucificado com Cristo” (Gálatas 2.20).

Lições mais adiante irão abranger as atividades subsequentes, relacionadas com o Tabernáculo. Numa breve revisão, ele abrange: a bacia de bronze (simbolizando o batismo nas águas), o Lugar Santo (que simboliza o enchimento com o Espírito), e o Santo dos Santos (simbolizando uma comunhão íntima). A partir desta ilustração, a importância do arrependimento é facilmente perceptível. O arrependimento é um lugar de morte. A carne pecadora não pode permanecer na presença de um Deus santo. O velho homem tem que morrer e ser deixado no altar do sacrifício.

Embora o sacrifício do Antigo Testamento fosse uma forma de penitência, isto é, um pagamento pelos pecados, este não é o seu significado para nós hoje. É um tipo de arrependimento, não de penitência. Nós nunca poderíamos pagar por nossos pecados. Cristo fez isto no Calvário. Ele quer que abandonemos nossos pecados (arrependimento).

III. AS BÊNÇÃOS DO ARREPENDIMENTO

A. Pecados Perdoados

Muitas bênçãos maravilhosas esperam por aqueles que se arrependem. Uma das mais maravilhosas é que os pecados são perdoados. Fardos pesados, que os têm oprimido durante anos, agora estão erguidos. Graças a Deus pela joia do perdão divino. O salmista disse: “Bem-aventurado aquele cuja transgressão é perdoada, cujo pecado é coberto” (Salmo 32.1).

O fardo do pecado é pesado. Ele cobra um alto pedágio à nossa mente, corpo e alma. Com o tempo, todas as faculdades humanas são sobrecarregadas deste elevado tributo, em seu limite máximo. No entanto, todo esse quadro é grandemente alterado quando um homem se arrepende. Tudo muda. Em vez de servir ao pecado e ao diabo, ele agora serve ao gentil Mestre, Jesus Cristo. Seu jugo é suave e o Seu fardo é leve (Mateus 11.29-30).

“Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno os seus pensamentos, e se converta ao SENHOR, que se compadecerá dele; torne para o nosso Deus, porque grandioso é em perdoar” (Isaías 55.7).

B. Deus se Aproxima

Outro aspecto abençoado do arrependimento é que o ele leva o indivíduo a humilhar-se, o que permite que Deus se aproxime. Considere Lucas 18.10-14. O publicano reconheceu que era um pecador e o confessou abertamente. Ele procurou a misericórdia de Deus. Ele se arrependeu e desceu justificado para sua casa, porque aquele que “se humilha será exaltado”. O Deus alto e sublime, que habita a eternidade, cujo nome é santo, habita com aqueles que têm um coração contrito e um espírito humilde.

“Chegai-vos a Deus [arrepender-se], e ele se chegará a vós” (Tiago 4.8).

C. Alegria no Céu

“Digo-vos que assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento” (Lucas 15.7).

Ao entardecer, quando o bom pastor contou seu rebanho ao voltar da pastagem, ficou alarmado. Estava faltando uma ovelha. Devia haver uma centena. Ele só contou 99. Deixando as noventa e nove seguras no aprisco, ele saiu para a escuridão da noite, e procurou diligentemente pela ovelha perdida, porque ele era um bom pastor. Ele não queria que nenhuma percesse. Ele procurou até que a encontrou. Então, ele a envolveu com braços de amor. O pastor se alegrou em espírito. Seu semblante mudou. Ele estava feliz! Por quê? Porque encontrou sua ovelha perdida.

“E achando-a, a põe sobre seus ombros, jubiloso (Lucas 15.5).

Quando um pecador se arrepende, o céu se alegra! Há alegria no céu em grande escala: os anjos cantam uma marcha da vitória, orquestra celestial toca alegremente, e o coro angelical canta, orgulhoso, hinos de louvor ao Senhor, porque Ele, em Sua misericórdia, perdoa.

SUMÁRIO

O arrependimento é um princípio doutrinário da Palavra de Deus para a igreja de Deus. O arrependimento é a primeira fase da preciosa verdade do evangelho da salvação. Ele é o precursor da salvação. A população do mundo inteiro jaz agora no pecado e o mandamento para arrepender-se tem um alcance universal. Não é opcional, mas sim, uma necessidade, se alguém espera escapar da condenação eterna. É uma questão de se

arrepender ou perecer! O arrependimento é tristeza segundo Deus, uma mudança de coração, um ponto de retorno. Ele envolve confessar e abandonar todo pecado, e também fala da morte do homem natural (carnal).

Um coração penitente é a sementeira do perdão divino. Quando um pecador se arrepende, o próprio Deus se aproxima e todo o Céu se rejubila!

REFLEXÕES

- Discuta a significância e relevância do arrependimento.
- Qual é a outra única alternativa?
- Como o arrependimento se relaciona com os outros passos para a salvação?
- Como sua essencialidade é comprovada?
- Como Deus concede arrependimento?
- Qual é a diferença entre os termos arrependimento e penitência?
- O arrependimento compõe-se de duas partes. Quais são elas?
- Reveja as bênçãos do arrependimento.

Capítulo 5 – Teste de Auto-ajuda Arrependimento

Dê respostas breves.

1. João Batista e Jesus pregaram _____ como uma condição básica para entrar no Reino de Deus.
2. “O pecado, depois de consumado, gera a _____” (Tiago 1.15).
3. Até que haja um profundo sentimento de _____ do pecado e um total _____ dele, a alma não está preparada para receber as bênçãos espirituais.
4. O arrependimento é absolutamente _____ para a salvação.
5. Das sete igrejas mencionadas em Apocalipse 2 e 3, _____ um chamado ao arrependimento.
6. Verdadeiro _____ é quando dizemos sobre nossos pecados a mesma coisa que Deus diz sobre eles.
7. O autor do arrependimento é _____.
8. Arrependimento envolve o homem completo:
 - a. emoções
 - b. _____
 - c. _____
9. Tristeza segundo Deus é sincera _____ pelo pecado cometido. Tristeza segundo o mundo é apenas _____ por ter sido o pecado descoberto e por ter que sofrer a penalidade do pecado.
10. O arrependimento envolve confissão do pecado e _____
11. Há alegria no céu por _____ que se arrepende.

Notas Pessoais de Estudo

Capítulo 6

O BATISMO NA ÁGUA

FOCO

O batismo na água é um teste de obediência. É a circuncisão do coração que lança fora nossa impureza espiritual.

VERSO CHAVE

“E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo” (Atos 2.38).

CONTEXTO BÍBLICO

Atos 2.37-47; 8.26-39; 10.34-48; 19.1-10; Romanos 6.1-14; Colossenses 2.6-17

INTRODUÇÃO

Um estudo da história da igreja primitiva revela quão importante é o batismo nas águas para o plano da salvação. O Livro dos Atos dos Apóstolos documenta histórias de quatro casos individuais e de quatro grupos de pessoas sendo salvas; oito exemplos de como a salvação era recebida na igreja apostólica. Tais exemplos históricos são os seguintes:

- *GRUPOS DE PESSOAS:*
 - Judeus (capítulo 2)
 - Samaritanos (capítulo 8)
 - Gentios (capítulo 10)
 - Efésios (capítulo 19)
- *INDIVIDUAIS:*
 - Eunuco etíope (capítulo 8)
 - Saulo de Tarso (capítulo 9)

- Lídia (capítulo 16)
- Carcereiro de Filipos (capítulo 16)

É muito interessante estudar estes exemplos de salvação do Novo Testamento. A questão de importância para nós nesta lição, ao estudarmos o assunto do batismo nas águas, é notar que, nestes oito casos, o arrependimento é mencionado duas vezes, a fé é mencionada quatro vezes, e recebimento do Espírito é mencionado cinco vezes. O batismo na água, no entanto, é mencionado todas as oito vezes. Este fato deve convencer todo coração honesto sobre a importância do batismo na água no plano da salvação. Ninguém tentará argumentar que o arrependimento, a fé e o batismo do Espírito Santo não são elementos essenciais para a salvação. No entanto, se estes são mencionados apenas duas, quatro e cinco vezes, em oito casos, e o batismo nas águas é mencionado nos oito casos, quão importante deve ser o batismo na água!

I. ESSENCIALIDADE DO BATISMO NA ÁGUA

A. A Ordem para Ser Batizado

O fenômeno que ocorreu no Dia de Pentecostes atraiu uma grande multidão. Quando Pedro pregou à multidão a mensagem da morte, sepultamento e ressurreição de Jesus, as pessoas sentiram-se condenadas e clamaram: “Que faremos, homens irmãos?” (Atos 2.37). O apóstolo deu-lhes instruções claras e explícitas: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos vossos; e recebereis o dom do Espírito Santo” (Atos 2.38).

Devemos notar bem que estas instruções foram dadas para “cada um”. Pedro não lhes deu qualquer opção. Ele não disse que alguns deles deveriam ser batizados e que os outros não teriam que obedecer. O mandamento de se arrepender e ser batizado foi dado a “cada um de vós”. A ninguém foi dada uma opção sobre este assunto.

B. Os Ensinos de Jesus sobre o Batismo

Ao dar a comissão aos apóstolos, Jesus afirmou claramente que, para ser salvo, um homem teria que crer e ser batizado. Jesus disse: “Aquele que crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado” (Marcos 16.16).

Nesta declaração positiva, Jesus não deixou margem para dúvidas. A salvação tem dois elementos essenciais: a fé e o batismo na água. Não há lugar para argumentações, e a alma que busca não tem escolha. Se ela quer ser salva, ela deve crer e ser batizada. Em João 3, lemos que Jesus disse que o batismo de água era essencial para entrar no reino de Deus. No incidente registrado aqui, Jesus estava lidando com Nicodemos, príncipe dos judeus. Jesus disse a Nicodemos que ele teria que nascer da água e do Espírito. “Jesus

respondeu: Em verdade, em verdade, te digo, se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus” (João 3.5).

“Nascer da água” é o batismo nas águas em nome de Jesus Cristo. Muitos argumentos têm sido apresentados contra essa verdade. No entanto, o testemunho da Escritura prova conclusivamente que o nascimento da água é o batismo nas águas. Isto pode ser comparado com o nascimento natural, quando uma criança entra no mundo. É nesse momento que a criança é nomeada e recebe o nome de família. Assim é com o batismo na água, pois é nessa ocasião que o novo convertido recebe sobre ele o nome de Jesus.

C. Água – Um Elemento de Salvação

“Contudo, um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água” (João 19.34).

“Este é aquele que veio por água e sangue, isto é, Jesus Cristo; não só por água, mas por água e por sangue. (I João 5.6).

Como Eva foi feita de uma costela tirada do lado de Adão, do lado de seu coração, assim a Igreja nasceu do sangue e água que brotava do lado traspassado de Jesus. Na salvação estão os três elementos: água, sangue e Espírito. Estes não estão em conflito, mas sim, eles se complementam. No plano da salvação, eles se encontram em Jesus Cristo e são disponibilizados para o pecador através do Seu nome.

“Porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra: o Espírito, e a água e o sangue, e estes três concordam num” (I João 5.7-8).

II. A MANEIRA DO BATISMO NA ÁGUA

A. O Elemento que Deve Ser Usado

“João batizava também em Enom, junto a Salim, porque havia ali muitas águas; e vinham ali, e eram batizados” (João 3.23).

As Escrituras, no Evangelho de João, nos dizem que João Batista batizava onde havia muitas águas. Há duas verdades que isto nos ensina:

1. O batismo é administrado por imersão. Nenhum outro modo de batismo, tais como aspergir ou derramar água sobre a pessoa não necessitaria de muita água.

2. O elemento usado no batismo é a água. Quando uma pessoa é batizada ela deve ser sepultada na água. Nenhum outro líquido, tal como o leite ou o vinho pode ser usado. Tem que ser água. Pode ser a água corrente de um rio, a água salgada do mar, ou, ainda, a água de um batistério, contanto que seja água.

B. O Modo de Batizar

“Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida” (Romanos 6.3-4).

A fim de expiar os pecados da humanidade, era necessário que Cristo padecesse a morte, fosse sepultado e ressuscitasse. Se queremos ser salvos, precisamos estar “em Cristo” (I Coríntios 15.22). Isso significa que o pecador penitente deve experimentar a morte, sepultamento e ressurreição. No arrependimento, ele experimenta uma morte para o pecado e para o mundo. O sepultamento deve seguir à morte, pois um homem morto nunca é deixado insepulto. O batismo nas águas é este sepultamento. Da mesma forma que o sepultamento se segue à morte, assim também o batismo na água (imersão em água) segue o arrependimento.

A Bíblia deixa muito claro que o modo apropriado de batismo é pela imersão em água. É tolice tentar argumentar o contrário. O verbo grego *baptizo* significa “mergulhar, imergir”. A palavra *batismo* apropriadamente e literalmente significa “imersão”. É apenas imersa na água que uma pessoa pode ser identificada com Cristo na sepultura e ser biblicamente e devidamente batizada.

Quando Filipe batizou o eunuco etíope, ambos desceram à água (Atos 8.38). Se Filipe tivesse usado qualquer outra ordenança que não fosse a imersão, não teria sido necessário que ele entrasse na água. Na verdade, se tivesse sido por aspersão, ambos poderiam ter permanecido no carro. Aspersão ou derramamento de água sobre uma pessoa nunca pode ter o significado de sepultamento. Imersão é a única forma capaz de satisfazer o requisito para o batismo, de acordo com a Bíblia. Portanto, podemos apropriadamente chegar à conclusão da verdade de que uma pessoa não é batizada a menos que tenha sido imersa em água.

C. A Maneira e o Lugar do Batismo

Os novos convertidos devem ser batizados de acordo com o modo e fórmula dados na Bíblia. Para isto, eles não têm escolha. Eles podem ter outras preferências, mas aqui

eles devem obedecer. Obediência ao plano bíblico é essencial. E a obediência chama para uma imersão em água em nome de Jesus. Caso contrário, o candidato não foi batizado.

Temos que observar bem aqui que o batismo é administrado por uma imersão. A Bíblia não ensina três imersões. Quando isto é feito, a pessoa só está sendo imersa desnecessariamente duas das três vezes.

No entanto, certas coisas sobre o batismo são opcionais. O convertido pode ser batizado no mar, em um rio, ou no batistério na igreja. Muitos convertidos foram batizados na banheira de uma casa. O lugar não é importante, porque a Bíblia não contém comando a respeito deste assunto.

Também não é importante se o candidato é batizado com a face para baixo ou para cima. Ele pode ser sentado em um baptistério e ser batizado com o rosto para a frente, ou o ministro pode deitá-lo de costas na água. Estes maneirismos de batismo não são importantes, pois a Bíblia não nos dá qualquer diretiva. Lembremo-nos sempre que o batismo deve ser administrado por uma imersão em nome de Jesus. Devemos obedecer a Bíblia, mas, onde a Bíblia não dá instruções explícitas, podemos seguir a nossa própria escolha.

O escritor estava certa vez construindo um batistério em um novo templo. Ele descobriu que havia um forte sentimento na congregação contra o batistério, uma vez que eles tinham sido batizados no mar ou em um rio. Ele deixou o assunto com o Senhor, sabendo que o Senhor podia cuidar da questão. Isso aconteceu de uma forma notável. O primeiro homem a ser batizado no batistério novo saiu da água a falar em línguas. Ele recebeu um batismo glorioso do Espírito Santo.

Isto resolveu a questão de saber se era ou não correto batizar em um batistério, pois todo mundo viu como o Senhor tinha colocado Sua confirmação sobre o batismo no batistério, enchendo o primeiro candidato com o Espírito Santo.

III. FÓRMULA PARA O BATISMO NA ÁGUA

A. Os Batismos dos Apóstolos

Tanto os registros da história da Bíblia, como os da história da igreja mostram o fato de que a igreja primitiva sempre, sem exceção, batizava em nome de Jesus. Há uma abundância de material em várias histórias da igreja e enciclopédias para provar este fato. Vamos examinar o relato bíblico:

- **JERUSALÉM:** Foi lá que o apóstolo Pedro usou as chaves do reino, pela primeira vez, e quase três mil almas entraram no reino. Devemos lembrar que os outros onze apóstolos levantaram-se com Pedro, confirmando e concordando com a mensagem que Pedro pregou (Atos 2.14). “Então Pedro disse-lhes: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo” (Atos 2.38).
- **SAMARIA:** Quando Filipe pregou a Cristo em Samaria, os samaritanos acreditaram nas coisas concernentes ao reino de Deus e ao nome de Jesus Cristo. Por causa de sua obediência à mensagem do evangelho, houve grande alegria em Samaria. “Somente eram batizados em nome do Senhor Jesus” (Atos 8.16).
- **DAMASCO:** Aqui temos o registro sobre o batismo de Saulo de Tarso. O poderoso apóstolo Paulo foi batizado em nome de Jesus. Ananias disse a Paulo: “Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor” (Atos 22.16).
- **CESAREIA:** Os gentios na casa de Cornélio foram batizados em nome do Senhor. Pedro não lhes deu nenhuma escolha, mas, lhes ordenou. “E [Pedro] mandou que fossem batizados em nome do Senhor” (Atos 10.48).
- **ÉFESO:** Em Éfeso, o apóstolo Paulo encontrou discípulos que haviam sido batizados no batismo de João. Este era um batismo para o arrependimento, e era necessário que fossem batizados em nome do Senhor Jesus. “Quando ouviram isso, foram batizados em nome do Senhor Jesus” (Atos 19.5). Isso prova o fato de que uma pessoa deve ser batizada de acordo com o plano bíblico. Se ele não foi batizado segundo as Escrituras, ele ainda não está batizado.

B. Jesus é o Nome

“Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mateus 28.19).

Ao dar a Grande Comissão, Jesus ordenou aos Seus discípulos que fossem e ensinassem todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. É muito importante que entendamos esse comando, pois exige a obediência explícita. Por isso não é deixado ao nosso próprio capricho ou desejo.

Notemos que é possível repetir estas palavras sem obedecê-las. Para obedecer é preciso entender qual é o nome. Os termos, Pai, Filho e Espírito Santo são títulos e, portanto, não são nomes. Qual é o nome do Pai? Qual é o nome do Filho? Qual é o nome do Espírito Santo? A resposta é a mesma em cada exemplo. Só pode haver uma resposta:

JESUS. A obediência à Grande Comissão exige que cada um seja batizado em nome de Jesus.

C. Remissão dos Pecados no Nome

“E chamarás o seu nome Jesus; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados” (Mateus 1.21).

“E em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém” (Lucas 24.47).

Jesus é o nome salvador de nosso Deus. Não há outro nome pelo qual devemos ser salvos (Atos 4.12). A remissão dos pecados está no nome de Jesus (Lucas 24.47). Como pode então qualquer outro termo, título ou nome ser usado? Muitas razões podem ser dadas para o batismo nas águas ser sempre em nome de Jesus. Qualquer coisa que fizermos em palavra ou ação, devemos fazer em nome de Jesus (Colossenses 3.17). O batismo nas águas é tanto palavra como ação. Podemos concluir, sem medo de sermos contraditados com sucesso, que uma pessoa que nunca tenha sido batizada em nome de Jesus não está devidamente batizada.

IV. PROPÓSITO DO BATISMO NA ÁGUA

A. Batismo na Água – Reconhecimento

O batismo nas águas é o meio que Deus escolheu pelo qual podemos nos identificar com Ele. É uma prova de nossa obediência. Com base na obra que Deus começou em nós com o arrependimento, nos apresentamos ao ministro como um candidato ao batismo da água. Quando estamos imersos na água, tomamos Seu nome e reconhecemos Seu senhorio sobre as nossas vidas.

“Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo” (Gálatas 3.27).

Este também é um reconhecimento público ou testemunho para o mundo de que escolhemos ser identificados com os seguidores de Cristo. É um sinal exterior ou símbolo que demonstra que Deus está fazendo um trabalho em nossas vidas.

B. Batismo na Água – Sepultamento

O batismo nas águas é mais do que apenas um sinal exterior de uma obra interior. Se isto fosse tudo o que o batismo é, então, em Marcos 16.16 leríamos: “Aquele que crer e for salvo será batizado”. Todavia, esta Escritura mostra que a salvação é um produto do batismo nas águas. “Aquele que crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será

condenado” (Marcos 16.16). A dinâmica de trabalho espiritual acontece durante o batismo. É através desta ordenança que Deus nos dá poder sobre a natureza humana pecaminosa

“Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele? Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte?” (Romanos 6.2-3).

Na água do batismo nós sepultamos a velha natureza, “nosso velho homem” (Romanos 6.6).

“Sepultados com ele no batismo...” (Colossenses 2.12).

C. Batismo na Água – Circuncisão

Deus quer realizar uma operação espiritual em nós no batismo na água. Ele quer lançar fora a velha natureza de inimizade contra Si. Esta operação, de circuncisão do coração, é o real propósito da ordenança do batismo.

“No qual também estais circuncidados, com a circuncisão não feita por mão, no despojo do corpo dos pecados da carne, pela circuncisão de Cristo; sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos. E quando vós estáveis mortos nos pecados e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com ele, perdando-vos todas as ofensas.” (Colossenses 2.11-13).

O “velho homem” deve ser tirado e deixado sepultado nas águas do batismo. Isto é o que torna possível o perdão dos nossos pecados (Colossenses 2.13) ou a remissão dos pecados (Atos 2.38).

Um ponto muito interessante sobre a circuncisão é encontrado no ato da circuncisão do Menino Jesus. Lucas registra: “E quando os oito dias foram cumpridos, para circuncidar o menino, foi-lhe dado o nome de Jesus” (Lucas 2.21).

O Menino Jesus não foi nomeado até que completasse oito dias de idade. No estábulo Ele não era “o menino Jesus”. Era apenas um bebê. Ele recebeu o Seu nome no momento da sua circuncisão, segundo o costume judaico. Então, nós também não recebemos o nosso nome espiritual, o nome da família celestial (Efésios 3.15), o belo nome de JESUS, até que sejamos batizados na água em Seu nome, porque essa é a nossa circuncisão espiritual.

SUMÁRIO

No novo nascimento, Deus ordenou três que devem tomar parte ativa: o próprio homem, a igreja e Jesus Cristo. Vemos a parte do homem no arrependimento e fé, e Jesus é o poderoso Batizador. A parte da igreja está na oração, na pregação da Palavra e na administração do batismo da água. O trabalho da Igreja em dar à luz a um bebê em Cristo é muito importante, e um dos atos importantes da igreja é batizar o novo convertido em nome de Jesus. O propósito do batismo da água já foi descrito nesta lição, mas vamos considerar alguns pontos finais e tentar resumir tudo.

- No Antigo Testamento, Deus usou a água como uma figura da salvação. Deus salvou Noé e sua família pela água.
“Enquanto se preparava a arca, na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água” (I Pedro 3.20).

Deus também salvou a nação de Israel pela água.

“E todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar” (I Coríntios 10.2).

- O batismo nas águas é simbolizado pela bacia de bronze no Tabernáculo do Antigo Testamento. A sequência da salvação é vista neste belo símbolo. Depois do altar de bronze (arrependimento), vem a bacia de bronze (o batismo nas águas), que precede o Lugar Santo (enchimento do Espírito). Na bacia de bronze, o sacerdote passava por um ritual que o tornava cerimonialmente limpo. A Saulo de Tarso foi dito: “Levanta-te e batiza-te, lavando os teus pecados” (Atos 22.16).
- Para entrar no Reino de Deus a pessoa precisa nascer da água e do Espírito (João 3.5).
- Na salvação, o novo convertido deve ser identificado com Jesus na Sua morte, sepultamento e ressurreição. É em obediência ao mandamento de ser batizado que a pessoa se identifica com Cristo na sepultura.
- A remissão dos pecados está no nome de Jesus. É no batismo na água que o novo convertido assume o nome de Jesus e recebe a remissão dos pecados.
- O ritual da circuncisão foi dado a Abraão como a marca da separação das nações idólatras ao seu redor. O batismo nas águas do Novo Testamento é dado como uma marca da separação e de uma purificação. O Batismo na água é dado como o sinal exterior da circuncisão interior do coração.
- No plano da salvação, a obediência é essencial. Foi através da desobediência e incredulidade que o pecado veio para a raça humana, e é através da obediência e

fé que a salvação pode vir para a humanidade. Deus tem usado o batismo na água como um verdadeiro teste de obediência para a alma que busca o perdão e a vida eterna. Pela fé na obra consumada do Calvário e pela obediência ao evangelho (o batismo nas águas), uma pessoa pode entrar no reino de Deus.

- A igreja é a noiva prometida de Cristo. A noiva sempre leva o nome de seu esposo. Jesus em breve virá para sua noiva e esta noiva deve ter o seu nome.

“Simão relatou como primeiramente Deus visitou os gentios para tomar deles um povo para o seu nome” (Atos 15.14).

Parece bastante claro que, para ser parte da noiva de Cristo, devemos receber o nome de Jesus no batismo na água.

“Um só Senhor, uma só fé, um só batismo” (Efésios 4.5).

“Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (I Coríntios 15.3-4).

REFLEXÕES

- Mostre como não há qualquer contradição entre Mateus 28.19 e Atos 2.38.
- Como o novo convertido é identificado com Cristo na morte, sepultamento e ressurreição?
- Cite os três elementos da salvação. Por que a água é importante?
- Cite várias razões porque o batismo deve ser administrado em nome de Jesus.
- Cite todos os elementos essenciais do batismo na água. Cite alguns não essenciais.
- Discuta os “ABC’s” do batismo na água.
- Qual a relação entre o batismo em nome de Jesus e estar pronto para a volta de Jesus?

Capítulo 6 – Teste de Auto-ajuda

Batismo na Água

Verdadeiro ou Falso: Circule a resposta correta.

1. Um estudo da história da igreja primitiva mostra que o batismo na água não é essencial para a salvação.
Verdadeiro ou Falso
2. Jesus afirmou claramente que, para ser salva, uma pessoa deve crer e ser batizada.
Verdadeiro ou Falso
3. Jesus disse a Nicodemos que ele precisava nascer da água e do Espírito.
Verdadeiro ou Falso
4. A Bíblia deixa claro que o batismo apropriadamente e literalmente significa “espargir”.
Verdadeiro ou Falso
5. Uma pessoa não está batizada a menos que seja imersa em água.
Verdadeiro ou Falso

Correspondência: Faça a correspondência das afirmações da esquerda com as referências da direita.

- | | |
|--|---------------|
| ____ 1. Pedro usou as chaves do reino pela primeira vez | a. Atos 19.5 |
| ____ 2. Batismo de Saulo de Tarso | b. Atos 2.38 |
| ____ 3. É dito aos gentios que devem ser batizados em nome do Senhor | c. Atos 22.16 |
| ____ 4. Rebatismo dos que tinham recebido o batismo de João Batista | d. Acts 8:16 |
| ____ 5. Samaritanos batizados em nome de Jesus | e. Acts 10:48 |

Dê breves respostas.

1. O nome do Pai, o nome do Filho e o nome do Espírito Santo é _____.
2. Quando somos imersos em água, tomamos sobre nós o Seu _____ e reconhecemos Seu _____ sobre nós.

3. A água do batismo é mais do que um sinal exterior de uma obra interior. Na água do batismo nós _____ a velha natureza.
4. A operação _____ é o real propósito do batismo.

Capítulo 7

BATISMO DO ESPÍRITO SANTO

FOCO

No batismo na água nós somos batizados em Cristo. No batismo do Espírito Santo, Cristo é batizado em nós. O enchimento do Espírito é uma experiência real para os crentes.

VERSO CHAVE

“E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (Atos 2.4).

CONTEXTO BÍBLICO

Mateus 3.1-12; Joel 2.21-32; Atos 1.1-14; 2.1-40; 19.1-10

INTRODUÇÃO

“E em tua descendência serão benditas todas as nações da terra” (Gênesis 22.18).

Pelo menos duas coisas são bastante claras nas promessas de Deus a Abraão. Primeiro, era de (ou através) da semente de Abraão que as bênçãos viriam. Depois, a bênção prometida seria para “todas as nações da terra”: uma bênção universal. Há um terceiro fator que não é tão claro. Pouca ou nenhuma informação sobre o tipo de bênção é fornecida na promessa em si. Entretanto, com o passar do tempo, este fator foi sendo revelado mais e mais. O princípio da revelação progressiva é visto aqui como em outras partes da Palavra de Deus. “Pois é mandamento sobre mandamento, mandamento sobre mandamento, regra sobre regra, regra sobre regra; um pouco aqui, um pouco ali” (Isaías 28.10).

Através do profeta Joel, Deus prometeu: “Eu derramarei o meu Espírito sobre toda a carne... e também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu espírito” (Joel 2.28-29). Então, Isaías descreveu a experiência em si, um pouco mais detalhadamente: “Assim, por lábios gaguejantes e por outra língua falará a este povo, ao qual disse: Este é o descanso, dai descanso ao cansado; e este é o refrigerio” (Isaías 28.11-12).

O próprio Jesus instruiu Seus discípulos que permanecessem em Jerusalém e “esperassem a promessa do Pai, que, disse ele, ouvistes de mim” (Atos 1.4). Então, Ele prometeu claramente: “Vós sereis batizados com o Espírito Santo não muito depois destes dias” (Atos 1.5). Eles esperaram e, finalmente, no Dia de Pentecostes, a bênção prometida a Abraão tornou-se realidade!

O apóstolo inspirado explicou o fenômeno surpreendente, declarando: “Isto é o que foi dito pelo profeta Joel” (Atos 2.16). Eles estavam falando em “outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem” (Atos 2.4). Eles estavam agindo de tal maneira que os observadores atônitos pensaram que estavam bêbados! Mas, como explicou Pedro, eles não estavam bêbados”, como eles pensavam.” Era o cumprimento da promessa!

Além disso, foi para todas as pessoas. A promessa de Deus não era limitada. Pedro confirmou isto com a garantia de que “a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe, a tantos quantos o Senhor nosso Deus chamar” (Atos 2.39). Aquilo que foi prometido a Abraão tinha finalmente acontecido, e exatamente como prometido!

Paulo acrescentou outro detalhe importante para essa bela profecia e seu cumprimento.

“Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência. Ele não diz: E às descendências, como falando de muitas, mas como de um só: E à tua descendência, que é Cristo” (Gálatas 3.16)

Paulo tinha já explicado que Jesus tinha sido “feito maldição por nós... para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios por Jesus Cristo”. Ao explicar o que ele quis dizer com “bênção de Abraão”, ele foi mais longe “Para que, pela fé, nós recebêssemos a promessa (a experiência) do Espírito” (Gálatas 3.13-14).

Aí está! A bênção para todas as nações é o Espírito, o Espírito Santo. E, o batismo com o Espírito Santo veio através da “semente”, que é Cristo. Como Jesus explicou: “Se o grão de trigo [a semente] cair na terra e não morrer, ela fica só; mas, se morrer, produz muito fruto” (João 12.24).

Assim, a bênção que foi prometida a Abraão foi o batismo do Espírito Santo. Ele veio através da obra sacrificial do Calvário. A semente foi semeada na morte. Em seguida, a bênção brotou, no Dia de Pentecostes, em Jerusalém, com “muito fruto”. Ela é para todas as pessoas em todos os lugares.

É para nós o experimentar, desfrutar e compartilhar! Nossa experiência e prazer serão limitados, se não os partilharmos. Para partilhar é preciso estudar para mostrar-nos aprovados diante de Deus, como testemunhas eficazes. Então, podemos transmitir o significado e a necessidade deste maravilhoso batismo, bem como seus benefícios. Nós podemos compartilhar! Vamos valorizar isto que se tornou, pela graça de Deus, a nossa grande salvação, o batismo do Espírito Santo.

I. DEFINIÇÃO DE BATISMO

Como geralmente acontece, equívocos em assuntos espirituais tornam-se verdadeiros obstáculos à sua compreensão. Noções preconcebidas são barreiras especialmente difíceis de superar para a compreensão exata deste assunto tão vital. Desde o início, sempre tem sido assim.

A. O que este Batismo não é

Pedro foi o primeiro a explicar o que o batismo do Espírito Santo não era, a fim de melhor esclarecer a verdadeira natureza da experiência. A suposição que gerou a zombaria da multidão não era sem base: os discípulos pareciam estar bêbados! O apóstolo arrazoou com eles que a sua conclusão precipitada não poderia ser exata: “visto que é apenas a terceira hora do dia” (Atos 2.15).

Paulo também afastou algumas névoas de equívoco sobre o assunto. Antes de declarar que o reino de Deus era “justiça, paz, e alegria no Espírito Santo” (Romanos 14.17), primeiro ele explicou que “não era comida nem bebida”. Por mais estranho que esses equívocos nos possam parecer, notamos que os apóstolos lidaram com eles de uma maneira lógica e razoável. Tal atitude é essencial para que esses erros possam ser dissipados.

Hoje, enfrentamos muitos conceitos igualmente estranhos, e às vezes até ridículos, a respeito do batismo do Espírito Santo. Para muitos, esse batismo vem em algum ponto de um exercício religioso prescrito, como o batismo da água, a confirmação (crisma), ou por a pessoa ter sido aceita pela congregação. Na maioria dos segmentos religiosos ele não é sequer mencionado. A ideia predominante é que o batismo recebido pela igreja primitiva não está mais disponível.

Curiosamente, um outro aspecto da opinião humana que se torna deformado é o resultado direto daqueles que alegam ter tido a experiência. Na verdade, alguns dos mais formidáveis inimigos do batismo do Espírito Santo são os que afirmam ter tido esta experiência! Eles fazem afirmações as mais absurdas, a maioria das quais tendem a glorificar os indivíduos, tais como manipular as pessoas, usando de artifícios que abalam os céus e fazem os anjos chorarem.

De qualquer forma, faremos bem em seguir o padrão bíblico e desfazer os equívocos, antes de explicar o que é o batismo do Espírito Santo. Além disso, precisamos ir mais longe do que sucumbir à tentação de confiar em contagiadas banalidades sobre a experiência. Embora ela seja “melhor sentida do que falada”. Deus nos ordena a contar sobre ela! Isso nós devemos fazer.

B. O que É este Batismo

O batismo do Espírito Santo é uma obra de Deus, na qual um indivíduo está totalmente imerso no Espírito. De acordo com João Batista, Jesus é quem batiza os crentes no Espírito Santo (Mateus 3.11). É claro que esta é uma operação espiritual que não pode ser visualizada ou ilustrada adequadamente por termos materiais.

Esta operação permite que o Espírito se torne “um” com o crente. Jesus orou: “Que todos sejam um.” Como? “Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles [cada indivíduo] também sejam um em nós... que eles sejam um, como nós somos um” (João 17.21-22). Através do batismo do Espírito Santo, o Espírito se torna um com o crente! Assim, cada crente tem o Espírito eterno em seu ser temporal, assim como o Espírito habita Jesus Cristo.

Quando alguém é batizado (controlado) pelo Espírito Santo, há uma evidência imediata de falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo concede que falemos. (Atos 2.4; 10.44-46; 19.6). Vamos estudar essa experiência incrível na próxima lição. Por agora, vamos apenas observar que esta era uma experiência cristã normal para a igreja primitiva. Se alguém recebe o batismo do Espírito Santo, será como eles receberam, seguido do sinal de falar em línguas. Não receber este batismo como a igreja primitiva o recebia é não receber o mesmo dom que eles receberam! É preciso dizer mais?

Além dessa experiência inicial, o batismo com o Espírito Santo dota os crentes com uma nova dimensão para suas vidas. Eles não deixam de ser tão humanos quanto eram. Eles simplesmente se tornam novas criaturas (II Coríntios 5.17), pela virtude do Espírito Santo em suas vidas.

Homens e mulheres nascem com uma dupla natureza: carnal e espiritual. Através do batismo do Espírito Santo, o Espírito de Deus funde-se com o espírito dos indivíduos, e as pessoas tornam-se participantes da natureza divina (II Pedro 1.4) e da santidade

(Hebreus 12.10). Eles ainda precisam lutar contra a carne (Romanos 7.18-24), mas, através do batismo do Espírito Santo, os crentes têm uma força interior (Atos 1.8) que lhes permite fazer o que devem. Além disso, essa experiência prepara os fiéis para que possam entender as coisas do Espírito (I Coríntios 2.11, 12). Isto também significa que os crentes podem se tornar carnis, se não seguirem a orientação da Palavra de Deus. Portanto, os crentes são alertados: “Andai no Espírito e não cumprireis as concupiscências da carne” (Gálatas 5.16).

Obviamente, este batismo serve para equipar uma pessoa para o serviço no reino. Sem as instruções fornecidas pela Palavra de Deus, no entanto, o poder pode se tornar tão prejudicial quanto benéfico. Cada santo de Deus deve ser ensinado na caminhada cristã, a fim de utilizar a experiência corretamente. Com o treinamento adequado e liderança, cada filho de Deus pode tornar-se um dínamo poderoso do reino!

O batismo do Espírito Santo vai mudar tanto a pessoa que todos vão notar. Parece que ele neutraliza os ácidos da inveja, da discórdia e do ódio. Então, com o ensino da Bíblia, um crente batizado torna-se um verdadeiro refletor da imagem de seu Salvador. Não é o convertido, mas o Conversor vivendo nele!

II. A NECESSIDADE DO BATISMO

Parece incrível que uma pessoa precise insistir na necessidade de uma experiência tão fenomenal. Mas, com a humanidade como ela se encontra, torna-se necessário ressaltar a essencialidade do batismo do Espírito Santo. Embora se lhes fale sobre as bênçãos maravilhosas da experiência, os homens e mulheres tendem a procrastinar e hesitam em suas respostas pessoais. Por isso, Deus nos ama o suficiente para chamar nossa atenção para a verdade desta questão de uma forma mais convincente.

A. Necessidade de Cada Homem

A verdade é que a humanidade, no seu melhor estado, é depravada e sem esperança no mundo. Quando dizemos que a humanidade é depravada, não queremos dizer que a humanidade é tão má quanto ela pode ser. Na verdade, não estamos nos referindo a atitudes e ações. Nós estamos falando sobre a condição dos indivíduos diante de Deus, e não sobre seu comportamento. Simplificando, um povo não regenerado não tem absolutamente nada em sua própria defesa que possa recomendá-lo a um Deus santo e justo. Isto significa que cada pessoa está em pé de igualdade com todas as outras. Neste assunto, ninguém pode ajudar o outro. Se eles quiserem ser salvos, isto terá que ser feito pela obra do Salvador. Vamos considerar esta obra. As pessoas não podem nem mesmo vir a Deus, a menos que elas sejam atraídas. Esta é a obra do Espírito.

Jesus disse: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o trouxer” (João 6.44). Isto significa que Deus inicia a obra da salvação. Que nenhum de nós pense

que encontrou Deus pela sua própria iniciativa. Ele nos encontrou! O Espírito orienta-nos em toda a verdade (João 16.13). Sem essa obra, nós permaneceríamos perambulando (vagando) sem rumo, através do labirinto de caminhos artificiais. Através do batismo do Espírito, somos dotados com a mente de Cristo, que nos permite compreender as coisas do Espírito (I Coríntios 2.10-16). O Espírito e a Palavra não diferem, pois eles são uma e a mesma coisa. Como Jesus disse: “As palavras que eu digo são espírito e vida” (João 6.63).

B. A Chave da Unicidade

Estas e muitas outras provas apontam para a necessidade do batismo do Espírito Santo. Mas, talvez, a mais forte prova esteja nas palavras de Paulo. Ele explicou: “Há um só corpo e um só Espírito” (Efésios 4.4). Então, ele nos informa: “Pois todos nós fomos batizados em um só Espírito, formando um corpo... e todos temos bebido de um só Espírito” (I Coríntios 12.13).

Uma vez que devemos estar no corpo de Cristo, a igreja, para sermos salvos, e uma vez que fomos batizados nesse corpo por um Espírito, fica definido que o batismo do Espírito Santo é essencial para a salvação. Paulo apontou, em sua carta aos Romanos, que a fraqueza da lei era a carne do homem (Romanos 8.3). Então, ele passou a mostrar uma distinção nítida entre cuidar das coisas da carne e importar-se com as coisas do Espírito. “A mente carnal”, concluiu ele, “não está sujeita à lei de Deus, nem mesmo pode estar” (Romanos 8.7). Então, é impossível para aqueles que estão “na carne” agradar a Deus (Romanos 8.8). Devemos, então, desistir, em face desta impossibilidade?

Absolutamente não!

“Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo [o único Espírito pelo qual fomos batizados um só corpo], esse tal não é dele” (Romanos 8.9).

O texto oferece sua própria exposição. Com tal clareza, procurar alguém tentar apresentar outro significado seria curvar-se à sua própria destruição. Sem sombra de dúvidas, a necessidade do batismo do Espírito Santo é inquestionável. No verso 11, lemos: “E, se o Espírito daquele que dentre os mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dentre os mortos ressuscitou a Cristo também vivificará os vossos corpos mortais pelo seu Espírito que em vós habita”.

O Batismo do Espírito Santo é essencial para a salvação!

III. BENEFÍCIOS DO BATISMO

Aquele que procura coisas fáceis, que vive a barganhar, nunca fará deste batismo o objeto de suas pesquisas. Nem tão pouco aqueles que pensam em termos de alcançar grandes coisas. A última pessoa a buscar o batismo do Espírito Santo é aquele que sente a sua necessidade. Curiosamente, Jesus prometeu pouco em termos de recompensas terrenas. Aquele que busca o reino de Deus não será aquele que busca apenas “pães e peixes”.

Mas, há recompensas muito numerosas para catalogar! A comunhão do corpo, o descanso da alma, o conforto de Sua presença, a proteção e estabilização da vida, o ensino e as orientações providas, a lista seria infinita! Mas, quando você buscar a Deus (o batismo do Espírito Santo), não deve fazê-lo por um determinado benefício; ele é para a própria vida! Sua alma anseia por Ele, a Vida, acima de tudo. O desejo não deve ser por seus benefícios ou bênçãos, mas por Ele!

Para deleite da alma, que Ele venha! Se não houvesse outra coisa a saber ou receber, não haveria reclamação. Ele é tudo em todos. Ele é o que a alma anseia. O que mais poderia desejar do coração humano?

Quando você aprende a verdade sobre esta grande salvação, há bênçãos incontáveis e amplos benefícios, e eles são seus! Vai demorar a eternidade para avaliar corretamente as insondáveis riquezas de Cristo que se tornaram suas por herança. Você é herdeiro de uma imensurável riqueza.

Vamos examinar uma parte dessa herança. Quando você recebe o batismo do Espírito Santo, o Espírito começa um trabalho produtivo em sua vida. E aqui reside um dos maiores benefícios da vida, a bênção de ser produtivo para Deus. A mente carnal associa “benefícios” com os recebimentos, mas a mente espiritual reconhece a verdade de que é mais abençoado dar do que receber.

A. O Fruto do Espírito

O Espírito em sua vida começa a dar frutos. É um fruto singular, mas composto de várias partes. Se alguma parte está faltando, o fruto torna-se degenerado em alto grau.

Este fruto, com seus componentes, é descrito por Paulo em sua carta aos Gálatas. “Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança: contra estas coisas não há lei” (Gálatas 5.22-23).

Paulo, então, apresenta a chave para a produção de um fruto completo, saudável aceitável: “Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito” (Gálatas 5.25).

Este ponto é fundamental. Não devemos confiar em estar apenas posicionados no Espírito (o que acontece como resultado de sermos batizados no Espírito Santo). Devemos ativamente “andar” (mobilizar a nossa fé com obras, mover e ser movido) no Espírito! Graças a Deus por nossa experiência passada, porque ela produz resultados contínuos em nossas vidas!

Esses resultados são os maiores benefícios desse batismo, na opinião deste escritor. Eles nos permitem ver o desenrolar (frutos) do Espírito divino, a partir do nosso próprio ser!

B. O Tabernáculo no Antigo Testamento

Outra lista de benefícios é vista através da análise dos artigos de mobiliário no Tabernáculo do Antigo Testamento. O próprio Tabernáculo era composto de duas partes e continha vários artigos de mobiliário. Estas partes e artigos de mobiliário retratam as bênçãos de uma vida cheia do Espírito.

- *O Lugar Santo* – O próprio Tabernáculo e, em especial, o Lugar Santo, simbolizam o enchimento do Espírito. Nas lições anteriores, aprendemos que o altar de bronze simbolizava o arrependimento, e a bacia de bronze simbolizava o batismo nas águas.
- *O Candelabro de Ouro* – A “luz do evangelho da glória” (II Coríntios 4.4) para o crente cheio do Espírito se torna um verdadeiro farol de navegação cristã. O salmista disse: “Tua palavra é lâmpada para os meus pés e luz para meu caminho” (Salmo 119.105).

O Espírito Santo é a luz que faz da Bíblia um livro aberto para crentes cheios do Espírito. “Todavia, quando vier o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade” (João 16.13).

- *Mesa dos Pães da Proposição* – Jesus declarou de Si mesmo: “Eu sou o pão da vida” (João 6.35). O crente cheio do Espírito tem a bênção especial de participar do banquete, mediante Jesus, o Pão da vida. “Provai, e vede que o Senhor é bom” (Salmo 34.8). É através desse alimento que nós crescemos “na graça e no conhecimento de nosso Senhor” (II Pedro 3.18).
- *Altar de Incenso* – A verdadeira adoração deve ser feita “em espírito” (João 4.24). Esta é uma bela fragrância que sobe ao trono de Deus. Mas Paulo nos disse que essa adoração deve ser feita com “mãos santas” (I Timóteo 2.8). Mãos santas só podem ser o resultado da habitação do Espírito Santo. Nossas tentativas de justiça são, para Deus, como “trapos de imundícia” (Isaías 6). Para sermos santos é

preciso abandonarmos as nossas obras fúteis e descansar em Seu Espírito. Então, e só então, podemos encontrar a alegria da verdadeira adoração.

- *O Santo dos Santos e a Arca da Aliança* – Este parte do Tabernáculo e esta parte do mobiliário devem ser estudados em conjunto. Para o crente cheio do Espírito, eles representam a mesma coisa: íntima comunhão com Deus. Esta área do Tabernáculo abrigava a presença especial do Todo-Poderoso. Nós, também, podemos ter Sua presença especial em nossas vidas.

SUMÁRIO

Este grande batismo do Espírito Santo é para todos os crentes (João 7.39). Depois de receber a experiência, nós compreendemos os benefícios de longo alcance e as bênçãos para nossas vidas que ele nos traz, e nos perguntamos por que mais pessoas não são atraídas por ele. A dura realidade da essencialidade dessa experiência para a salvação atinge nossos corações. Nós temos de partilhar esta experiência com os outros! Devemos testemunhar! Então, ao fazermos isto, aprendemos outro fato gratificante sobre o batismo que recebemos. Quanto mais “damos”, mais adquirimos. Quão insondáveis riquezas!

REFLEXÕES

- Quando foram cumpridas as promessas da aliança abraâmica?
- Como nós participamos dessa aliança?
- Cite algumas coisas que o Batismo do Espírito Santo não é. Explique-as.
- Como podemos saber que o batismo é essencial? Discuta qual é a melhor atitude concernente a esta experiência: “Ter de conseguir” ou “conseguir ter.”
- Discuta os benefícios deste batismo, visto como um fruto do Espírito e no Tabernáculo do Antigo Testamento.

Capítulo 7 – Teste de Auto-ajuda

Batismo do Espírito Santo

Verdadeiro ou Falso. Circule a resposta correta.

1. O batismo do Espírito Santo já não está mais disponível.
Verdadeiro ou Falso
2. O batismo do Espírito Santo é uma obra de Deus, na qual um indivíduo fica totalmente imerso no Espírito.
Verdadeiro ou Falso
3. Quando alguém é batizado pelo Espírito Santo, há uma evidência imediata de falar em línguas, conforme o Espírito Santo concede que fale.
Verdadeiro ou Falso
4. Além dessa experiência inicial, o batismo com o Espírito Santo concede uma dimensão adicional à vida do crente.
Verdadeiro ou Falso
5. O batismo do Espírito Santo é essencial para a salvação.
Verdadeiro ou Falso
6. Quando você recebe o batismo do Espírito Santo, o Espírito começa uma obra produtiva em sua vida.
Verdadeiro ou Falso
7. O batismo do Espírito Santo é limitado a alguns crentes.
Verdadeiro ou Falso

Capítulo 8

FALAR EM LÍNGUAS

FOCO

Este milagre da graça e do poder de Deus é para todos os que recebem e obedecem a Ele. É uma das ferramentas do Espírito para promover a grande obra de Deus.

VERSO CHAVE

“Porque eles os ouviram falar em línguas e glorificar a Deus” (Atos 10.46).

CONTEXTO BÍBLICO

Atos 2.1-16; 10.34-48; I Coríntios 14.1-39; Isaías 28.20-29; Tiago 3.1-18

INTRODUÇÃO

De todas as pessoas, os pentecostais devem ser os que estão mais familiarizados com o assunto de “falar em línguas!” E, de todos os temas religiosos, este deve ser um assunto sobre o qual os pentecostais devem conhecer muito bem. É uma doutrina e muito mais. Falar em línguas é uma prática, uma experiência espiritual.

Como uma prática entre nós, essa expressão maravilhosa do Espírito é preciosa e fundamental. Portanto, devemos familiarizar-nos completamente com esta experiência. Um aspecto tão precioso de adoração e bênção espiritual nunca deve ser negligenciado. Também não deve ser mal utilizado ou abusado. Para mantê-lo, para reter as suas bênçãos, devemos familiarizar-nos com as suas funções e finalidades. Então, para o bem daqueles que perguntarem: “O que quer dizer isto?”, é preciso ser capaz de dar uma resposta clara e convincente. Muitas vezes uma resposta inadequada anula o efeito do

dom em si. Mas tentar cobrir a nossa ignorância também é inútil. Nosso Salvador quer que sejamos testemunhas eficazes! Queremos ser testemunhas eficazes!

A fim de familiarizar-nos com um assunto tão vital, devemos examinar o registro bíblico. A prática foi descrita na promessa profética. Então, quando finalmente aconteceu, os santos apóstolos do Cordeiro reconheceram o cumprimento dessa promessa. Foi uma experiência incrível! Mas, com o uso indevido do dom por alguns dos crentes de Corinto, tornou-se finalmente evidente a necessidade de instruções sobre o assunto. Dessa parte das Escrituras, aprendemos sobre a prática e o propósito das línguas.

I. A PROMESSA

A. Profecia do Antigo Testamento

Certas profecias se referiam às circunstâncias do futuro imediato, mas seu propósito principal era para nossa admoestação e aprendizagem. Nesses casos, nem o profeta nem o povo percebia que o evento havia acontecido para qualquer outro fim que não o do momento. Em todos os casos, Deus conseguiu seu objetivo, ao tê-los registrados para nós.

Por exemplo, Ezequias efetuou uma reforma que foi apenas parcial. Isaías apontou essa deficiência. Os líderes religiosos zombaram com desprezo dos ensinamentos do profeta. Diziam que sua doutrina não era mais que uma acumulação de preceitos. Segundo eles, ele tinha a tendência de enfatizar detalhes.

Deus inspirou o profeta a responder:

“Assim por lábios gaguejantes e por outra língua, falará a este povo, ao qual disse: Este é o descanso, daí descanso ao cansado; e este é o refrigério, porém, não quiseram ouvir” (Isaías 28.11-12)

A aplicação imediata da declaração profética dizia respeito à situação do momento. Se a doutrina de Isaías parecia ser fala de criança, eles realmente encontrariam no seu próximo “professor” uma linguagem difícil de entender. Eles foram levados cativos pelos assírios que falariam uma língua diferente da deles, mas a lição que aprenderiam viria de Deus. No cativeiro, os judeus se lembravam do “descanso” e “refrigério” que poderiam ter tido se tivessem dado ouvidos à fala do enviado de Deus.

A profecia foi cumprida em sentido limitado. Poderia ter sido, como muitas outras profecias, dada e cumprida, mas ficando apenas como uma lição do passado. Mas, essa profecia estava destinada a ter uma maior interpretação. Na verdade, o objetivo principal deste enunciado seria revelado séculos mais tarde por um apóstolo inspirado!

“Está escrito na lei: por gente de outras línguas e por outros lábios, falarei a este povo; e ainda assim não me ouvirão, diz o Senhor. De sorte que as línguas são um sinal, não para os fiéis, mas para os infiéis” (I Coríntios 14.21-22).

“De sorte que as línguas são um sinal.” As palavras *de sorte que* conectam a interpretação que se segue à profecia anterior.

Isto significa que o Espírito Santo inspirou Paulo para ver o real propósito principal da profecia. Além disso, ele viu claramente o pleno significado daquela profecia. Aquilo que tinha sido tão obscuro tornou-se agora de suma importância. A profecia foi antes de tudo uma promessa de um descanso e um refrigério que estava por vir. Este descanso deveria ser acompanhado por uma experiência, pouco ou nada entendida então, de falar por “lábios gaguejantes e por outra língua”. A experiência devia estar inseparavelmente identificada com o “descanso”. Na verdade, o profeta declarou sobre a experiência: “Esse Santo Espírito é o descanso; dai descanso ao cansado”. Não era somente “lábios gaguejantes e outra língua” que acompanharia o descanso. O quealaria seria o próprio Senhor! Paulo, inspirado e iluminado, mostrou isso quando fez referência a esta profecia: “Por gente de outras línguas, e por outros lábios, falará a este povo... diz o Senhor” (I Coríntios 14.21). O Senhor, falando através da boca dos homens, numa linguagem não conhecida por eles, seria o “descanso”.

B. As Promessas de Nosso Senhor

Jesus convidou a todos os homens: “Vinde a mim... Eu vos aliviarei... e achareis descanso para as vossas almas” (Mateus 11.28-29). Esta é outra promessa relativa ao descanso que Isaías previu que viria com “lábios gaguejantes e por outra língua”. Em outra ocasião, Jesus deu a mesma promessa básica.

“Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre. E isto disse ele do Espírito que haviam de receber os que nele cressem” (João 7.38-39).

Com respeito à experiência que teriam aqueles que recebessem o Espírito, Ele ainda reafirmou a promessa em outra ocasião.

“E estes sinais hão de acompanhar aqueles que creem... falarão novas línguas” (Marcos 16.17).

Vez após vez, foi prometida esta experiência de falar em outras línguas. O próprio Senhor, o Espírito Eterno, iria falar por meio dos homens! Maravilha das maravilhas! Seria um sinal que iria seguir os crentes. E segue!

Na verdade, cada sinal profetizado de que seguiria crentes acontece exatamente como predito. Eles seguem os crentes, mas no padrão bíblico. Nenhum crente verdadeiro será tolo o suficiente para tentar a Deus, tentando provar sua fé por beber uma substância mortal ou pegar em serpentes. No padrão bíblico, estes sinais seguem os crentes; todavia, nunca verdadeiros crentes seguem os sinais!

C. As Promessas Recebidas

O padrão bíblico para falar em línguas (diferente do nosso próprio vernáculo) está claramente estabelecido no Novo Testamento. A experiência veio como prometida na Escritura. Deve ser sempre assim. Além disso, a nossa prática em relação à experiência deve permanecer em conformidade com o padrão bíblico. Vamos considerar essa experiência como ela ocorreu na igreja primitiva.

II. A PRÁTICA

A. A Aparência

“De repente”, afirma a Escritura, “veio do céu um som” (Atos 2.2). Foi incrível! O escritor do livro de Atos descreve o ocorrido com clareza. O som era “como de (semelhante a) um vento impetuoso”. Não há registro de que houve um vento real; o som é que tinha um ruído parecido com o de um vento. Em seguida, Lucas observou, “E foram vistas por eles línguas repartidas “ (Atos 2.3). Eles viram. O escritor está descrevendo um evento muito incomum, da maneira como foi visto. Línguas “como que de fogo” estavam em evidência. Não “línguas de fogo”, mas pareciam “como que de fogo”.

Como isso poderia ser explicado melhor? O escritor descreveu a experiência como som e visão. Se temos a mesma experiência que eles tiveram, terá que ser como a deles. Se não tivermos esta experiência exatamente como eles tiveram, que direito nós temos de insistir para que outras pessoas busquem uma experiência como a que recebemos?

Todos nós devemos experimentar o dom como eles o fizeram, para sabermos que temos o que eles tinham. Não houve um vento impetuoso; apenas um som semelhante ao som de um forte vento. Não houve línguas de fogo; suas línguas cintilaram como o fogo e a experiência veio sobre eles, sobre cada um deles!

Todos os que já testemunharam alguém a receber o Espírito Santo reconhecem imediatamente a precisão da descrição bíblica. Não “línguas de fogo” pousarem sobre sua cabeça, nem também nenhuma forte ventania. Mas o som de uma quantidade de pessoas falando em línguas e a visão de um evento como esse não poderia ser melhor descrita.

B. A Expressão Vocal

“E todos ficaram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem” (Atos 2.4).

Observe que estava concedendo a expressão vocal! O Senhor disse que falaria a este povo, e Ele o fez! Ele falou através deles e para eles em outras línguas.

Por quê?

Era esta a única maneira de os judeus que estavam em todas as nações debaixo do céu poderem receber a pregação do evangelho? Aparentemente não. Cada judeu conhecia sua língua materna, bem como a língua da terra onde morava. Eles eram bilíngues. As línguas não seriam necessárias para esse propósito.

Então, por quê?

Foi em cumprimento da profecia. Foi um fenômeno surpreendente que não tinha explicação para além da Escritura. Claramente, aqueles que falaram em pelo menos dezessete dialetos diferentes eram todos galileus (Atos 2.7). No entanto, eles estavam falando das maravilhas de Deus em línguas que nunca tinham aprendido!

O grande plano da redenção de Deus foi projetado para devolver à humanidade tudo o que ela tinha perdido com o pecado. A perfeição e inocência do Éden, juntamente com a Árvore da Vida e a restauração da intimidade com Deus eram o fim último deste grande projeto (Apocalipse 21.22). A restauração mais imediata é a reunião das nações e raças divididas. Esta divisão, juntamente com seus consequentes conflitos e caos, foi provocada pela arrogância e orgulho da humanidade na construção da torre de Babel. Deus julgou o pecado confundindo seus idiomas e dispersando as nações.

O Pentecostes foi uma restauração desta comunidade perdida. Pessoas de dezessete nações estavam reunidas em Jerusalém, quando caiu o Espírito Santo. Os 120 crentes que O receberam falaram em todas estas línguas, testemunhando o fato de que Deus estava restaurando o que foi perdido em Babel. Miqueias profetizou deste grande efeito sobre o povo da terra.

“Mas nos últimos dias acontecerá que o monte da casa do SENHOR será estabelecido no cume dos montes, e se elevará sobre os outeiros, e a ele afluirão os povos. E irão muitas nações, e dirão: Vinde, e subamos ao monte do SENHOR, e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do SENHOR” (Miqueias 4.1-2).

Qual foi a razão para línguas? Seu objetivo era trazer os de toda a tribo e raça, que estavam em desacordo uns com os outros por causa do pecado, de volta à harmonia, através da unidade provida pelo Espírito de Deus habitando neles. Assim como as pessoas perderam essa harmonia e comunhão e foram dispersas por causa de uma torre terrena (Babel), assim foram eles reunidos novamente, desta vez em torno de uma torre espiritual, o Senhor Jesus Cristo.

“Torre forte é o nome do SENHOR; a ela correrá o justo, e estará em alto refúgio” (Provérbios 18.10).

As línguas realizaram o seu propósito. Os espectadores, assustados, perguntaram: “Que faremos?” E Pedro respondeu (em uma língua que toda a multidão entendeu!): “Estes homens não estão embriagados, como vós pensais... Mas isso (o que vedes e ouvis) é o que foi predito pelo profeta Joel” (Atos 2.14-16).

Será que essa experiência foi apenas para os 12, ou, talvez, limitada aos 120 presentes no cenáculo, no Dia de Pentecostes? Novamente, isso não faz sentido, se considerarmos e aceitarmos o relato bíblico. Pedro garantiu à multidão que “a promessa (do batismo do Espírito Santo) é para vós, para vossos filhos (posteridade), e para todos os que estão longe, a tantos quantos o Senhor nosso Deus chamar” (Atos 2.39). Assim, a experiência não era limitada, nem é agora! Se Deus continua a chamar pessoas, a promessa é para elas!

C. A Evidência

Agora, observe o incidente que ocorreu na casa de Cornélio (Atos 10). Quando Pedro começou a pregar, “o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a palavra” (Atos 10.44). Os judeus que tinham vindo com Pedro ficaram admirados por causa disso. Sua surpresa deriva do fato de que “também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo” (Atos 10.45).

Como eles souberam que isto tinha acontecido?

“Porque eles os ouviam falar em línguas e glorificar a Deus” (Atos 10.46).

Esta é a norma! Qualquer pessoa sobre quem o Espírito Santo caia, certamente falará em línguas. Os profetas tinham previsto. Jesus tinha declarado que iria ser assim, e é!

Mas, será que estes recebem a mesma experiência que receberam aqueles no Dia de Pentecostes? Pedro respondeu a esta questão, quando explicou o evento aos irmãos apostólicos mais tarde. Depois de explicar como Deus tinha programado e providenciado sua presença na casa de Cornélio, ele contou *como* os gentios tinham recebido o Espírito

Santo. “Portanto, se Deus lhes deu o mesmo dom que dera também a nós, quem era eu, para que pudesse resistir a Deus?” (Atos 11.17).

A palavra *como* pode ser mais bem traduzida como “iguais”. Este é o sentido pleno da palavra grega. Pedro disse que os gentios tinham recebido uma experiência “igual” à que os apóstolos e discípulos tinham recebido no começo. Além disso, todos os crentes, a partir desse dia até hoje, receberam a mesma experiência, se eles receberam o que Deus providenciou através da Sua morte, sepultamento e ressurreição!

O fato está claro diante de nós. Deus colocou a experiência de falar em outras línguas na igreja. É Sua escolha de um meio de falar por meio de e para a humanidade. Reconhecer o Seu dom é reconhecer o Doador. Rejeitar o dom é rejeitar o Doador!

III. O PROPÓSITO

Para entender o valor de qualquer coisa é preciso determinar sua finalidade. Isso é fácil de ver. Que valor teria um barco de pesca no meio do deserto do Saara? Ou poderíamos perguntar: “Quantos aparelhos de ar condicionado são necessários para resfriar um iglu durante os meses de inverno no Círculo Polar Ártico?”

Levando o pensamento um passo adiante, podemos facilmente compreender como o emprego de uma coisa vai contribuir para aumentar ou diminuir o seu valor. O melhor cavalo de corrida puro-sangue, seria uma tarefa incrível se você tivesse que mantê-lo em seu quarto. Seu patrimônio iria diminuir dia a dia. Se esse fosse o único jeito de mantê-lo, a cada dia diminuiria o valor do cavalo para você.

Se você tentasse pentear o cabelo com um ancinho, não levaria muito tempo para descobrir que os resultados não compensaram o esforço. E, se este fosse o único uso que você encontrasse para o ancinho, ele já não teria qualquer valor.

Este princípio é também aplicável aos dons espirituais. O dom mais precioso do Espírito pode tornar-se uma grande inutilidade se não for devidamente utilizado. E a menos que compreendamos sua finalidade, podemos cometer o erro de abusar de um dom de Deus. Isso não precisa acontecer, uma vez que temos instruções completas sobre a finalidade e as funções dos dons do Espírito.

Línguas é, em primeiro lugar, a evidência inicial de que a pessoa recebeu o Espírito, como já vimos. Mas, precisamos compreender que, além desta experiência, existem “diversos tipos de línguas” – manifestações do Espírito de Deus que operam na vida do crente nascido de novo (I Coríntios 12.10). Estas manifestações, comumente chamadas de “dom de línguas”, se dividem em duas categorias: pessoal e pública.

Antes de discutirmos o uso pessoal e público deste dom, vamos considerar a sua utilização adequada.

A. Uso Apropriado

Primeiro, observe a ênfase que Paulo deu à expressão “*amor cristão*” (I Coríntios 13). Ele não estava fazendo disto um assunto de “ou caridade ou dons espirituais”. Na verdade, ele estava enfatizando a ambos. Sem o ingrediente vital do amor cristão, nada mais poderia funcionar adequadamente. Então, ele concluiu: “Segui (buscai avidamente) o amor e procurai com zelo os dons espirituais” (I Coríntios 14.1).

Então, ele fez uma comparação entre o falar em línguas e profecia. Esta comparação não teve a finalidade de desmerecer de maneira alguma tais dons. Antes, ele pretendeu esclarecer o valor de cada um, examinando suas finalidades. Ele quis deixar claro que tentar usar um dom para fazer o que é a finalidade de outro constituiria um mal uso.

O dom de línguas não foi dado como um meio de ensinar a congregação. Tentar usar o dom para esse fim seria inútil. Como Paulo salientou: “O que fala em língua desconhecida não fala aos homens, mas a Deus; porque ninguém o entende, e em espírito fala mistérios” (I Coríntios 14.2). Se o objetivo é edificar, exortar ou consolar a congregação, então as línguas não são apropriados para isso. A Profecia, sim, preenche essa necessidade (I Coríntios 14.3). A distinção é clarificada no versículo 4: “O que fala em língua desconhecida edifica-se a si mesmo, mas o que profetiza edifica a igreja”.

Um dom fornece edificação limitada, para aquele que o exercita, enquanto o outro fornece uma edificação em uma escala mais ampla. Além disso, há uma distinção entre os diferentes modos de edificação.

A palavra edificar significa “construir”. Há, é claro, várias maneiras em que essa palavra pode ser usada. Uma pessoa pode “construir” por meio de instrução. Ela pode assim aumentar sua bagagem de conhecimento. A inspiração pode edificar uma pessoa, ao ser ela “construída” emocionalmente. Uma pessoa pode ser “construída” fisicamente, ao desenvolver seus músculos. Finalmente, através da experiência uma pessoa pode ser “construída”, edificada naquilo que ela conhece teoricamente.

Assim, o crente é edificado quando ele fala em línguas, de uma forma que ele não o pode ser através da profecia. Por outro lado, ele pode ser edificado através da profecia, de uma forma que não o pode ser ao falar em línguas. Tentar obter com um dom os resultados que só podem vir do outro dom não é apenas fútil; é prejudicial e perigoso. Quando Paulo disse: “O que profetiza é maior do que o que fala em línguas”, ele estava comparando o âmbito da sua função. Obviamente, a profecia vai edificar um número

maior de pessoas do que o falar em línguas e, portanto, esse dom é maior. Mas somente é maior sob este aspecto. Ou seja, mais pessoas se beneficiam.

Isto fica claro no restante do verso sob consideração. Paulo declarou: “O que profetiza é maior do que o que fala em línguas, a não ser que também interprete, para que a igreja receba edificação” (I Coríntios 14.5).

Claramente, a diferença entre os benefícios dos dois dons é basicamente uma questão de âmbito (de alcance). Se as línguas forem interpretadas, então o dom é tão “grande” como a profecia, em seu alcance.

Outro ponto que é preciso lembrar é que a edificação derivada de falar em línguas é diferente da que vem da profecia. As línguas fortalecem a “fibra espiritual”, através da própria experiência, semelhante ao “construir” os músculos físicos através de exercícios. Mas, a profecia edifica o intelecto e, assim, fortalece espiritualmente.

Nenhum dos dois pode substituir o outro!

B. Uso Pessoal

Como vimos, um dos propósitos de falar em línguas é a edificação de si mesmo (I Coríntios 14.4). Isto está ainda mais claro em Judas 20: “Mas vós, amados, edificando-vos a vós mesmos sobre a vossa santíssima fé, orando no Espírito Santo.”

Embora não falemos necessariamente em línguas cada vez que oramos “no Espírito Santo”, nós certamente estamos orando no Espírito Santo quando o fazemos! Nesta prática, nós estamos nos edificando a nós mesmos de uma forma que não pode ser feita de outra maneira

Este uso pessoal do dom de línguas pode, naturalmente, ser experimentado em nossa própria devoção privada, mas seu uso não deve ser restrito a este reino. Enquanto em um culto público, pode-se entrar em um “quarto” espiritual de oração e ser edificado pela adoração em línguas. Isto não deve ser feito de forma a atrapalhar a adoração dos outros. Também não deve ser confundido com outros usos de línguas em público. Muitos têm errado em tentar dar uma “mensagem” em línguas, quando o que eles estão falando é simplesmente para sua edificação pessoal.

“Mas faça-se tudo decentemente e com ordem” (I Coríntios 14.40).

C. Uso Público

Como mencionamos anteriormente, as línguas eram um sinal para os incrédulos. Paulo deixou isso bem claro em I Coríntios 14.21-22. Além disso, ele deu instruções explícitas para o emprego adequado deste dom.

A pergunta de Paulo, “falam todos em línguas?”, deu origem a muita discussão (I Coríntios 12.30). Alguns sentiram que isto constitui uma exceção para as profecias sobre línguas, segundo as quais o dom é para todos os crentes (Isaías 28.11-12, Marcos 16.17), ou, então, para o falar em línguas que é aceito como o sinal do batismo do Espírito Santo após o Dia de Pentecostes (Atos 2.4; 10.46; 19.6).

A coerência não permitiria esta interpretação. Jesus não fez exceções, quando declarou: “Estes sinais hão de acompanhar aqueles que creem” (Marcos 16.17). Todos os crentes estão incluídos aí. Esta foi a norma aceita depois que a igreja foi estabelecida.

O que esta pergunta significa? Significa que dar uma mensagem em línguas é reservado para aqueles a quem Deus escolhe para usar dessa forma. Em outras palavras, ninguém decide por conta própria empregar o dom de línguas, em reunião pública, ou, igualmente, interpretar uma mensagem dada desta maneira. Paulo estava ilustrando o que tinha dito anteriormente:

“Mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer” (I Coríntios 12.11).

Como as diferentes necessidades surgem na igreja, o Espírito “reparte” ou distribui os dons como Ele deseja.

O dom de línguas é essencialmente o mesmo, em expressão, que a experiência de falar em línguas no batismo do Espírito Santo. Mas difere quanto à sua função e propósito. Em particular, é um meio de intercessão espiritual (I Coríntios 14.14), e, em público, deve ser interpretada, abençoando com a sua mensagem a todos aqueles que ouvirem e entenderem (I Coríntios 14.5). Nesta função, o dom pode e deve ser controlado pelo indivíduo (I Coríntios 14.27, 28).

SUMÁRIO

Deus, em Sua sabedoria, escolheu o meio de falar em línguas para acompanhar o batismo do Espírito Santo. Ele falou através dos lábios do homem em línguas (dialetos), com as quais não estavam familiarizados. O sinal é fenomenal e universalmente milagroso. É o mesmo para todos! Tudo começou em Jerusalém.

Esta experiência foi compartilhada por milhões de pessoas desde aquele grande nascimento da igreja. Mesmo esta geração tem visto milhões a receber a mesma experiência. Esta prática continuada tem sido atacada por muitos segmentos da sociedade, mas nenhum deles a tem atacado tão intensamente quanto os líderes religiosos.

Alguns de seus piores inimigos foram aqueles que pretendiam ser seus maiores amigos: aqueles que a vivenciaram. Seja por rebelião ou por ignorância pura e simples, estes têm abusado e desvirtuado tanto esta prática, a ponto de trazerem a ela opróbrio da pior espécie.

No entanto, há uma verdadeira e gloriosa experiência, e há aqueles que reverenciam a Deus e querem usar “o que Deus tem feito” de maneira apropriada. Assim, a causa de Deus é promovida através do uso correto de cada um dos Seus dons.

O falar em línguas continuará entre os cristãos crentes na Bíblia até que a igreja seja arrebatada! Vamos estar entre esse número. E vamos exercer bastante esse dom precioso para que Deus seja glorificado em tudo.

REFLEXÕES

- Que profecia do Antigo Testamento predisse o falar em línguas? Que promessas Jesus fez concernentes a este dom?
- Explique o que significa a descrição de Lucas sobre “veio do céu um som como de um vento impetuoso” e “línguas como que de fogo.”
- Quem é responsável pelo falar em línguas: o que fala ou o Espírito? Pense nesta questão antes de respondê-la.
- Podemos ter certeza de que línguas é a evidência inicial do Espírito Santo? Como?
- Há outras evidências do enchimento e habitação do Espírito. Como podem elas ser comparadas às línguas, em importância?
- Discuta a popularidade da *glossolalia* no mundo hoje.

Capítulo 8 – Teste de Auto-ajuda

Falar em Línguas

Dê breves respostas para as seguintes questões.

1. Que profeta do Antigo Testamento profetizou sobre o descanso e refrigério que acompanharia o fenômeno dos “lábios gaguejantes e outra língua”?

2. Que referência mostra que Paulo viu o principal propósito da profecia mencionada na questão 1? _____
3. Quem concede o dom de línguas, de acordo com Atos 2.4? _____
4. No Dia de Pentecostes _____ crentes que receberam falaram em outras línguas.
5. Para quem Pedro disse que a promessa do batismo do Espírito Santo foi dada?

6. Como os judeus souberam que o dom do Espírito Santo havia sido derramado sobre os gentios? _____
7. Falar em línguas na igreja não era entendido como um meio de _____ uma congregação. Um crente individual é _____ quando ele fala em línguas.
8. Se línguas é _____, então ela é tão importante quanto a profecia, em seu propósito.
9. Em particular, as línguas são um meio de _____
Em público, elas podem ser _____ com sua mensagem abençoando outros.
10. Desde o nascimento da igreja, _____ tem recebido a mesma experiência do batismo do Espírito Santo com o sinal inicial de falar em outras línguas.

Capítulo 9

VERDADEIRA SANTIDADE

FOCO

Um a vez que o nosso Deus é um Deus santo, e uma vez que o Céu é um lugar santo, é razoável esperar que o povo de Deus, que espera ir para o Céu, seja santo.

VERSO CHAVE

“Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hebreus 12.14).

CONTEXTO BÍBLICO

Romanos 12.1-17; I Coríntios 3.9-19; Tito 2.1-15; I João 2.15-29; I Pedro 2.1-12; Levítico 20.7-8, 22-26

INTRODUÇÃO

A santidade é um princípio fundamental da igreja do Novo Testamento. É um conceito bastante parecido com a justiça, e esta, naturalmente, é mais que elementar. O propósito da religião é levar o homem a um relacionamento correto com Deus. A maioria das denominações cristãs reconhece justiça e santidade, como conceitos básicos da fé cristã. As diferenças ocorrem quando são feitas as aplicações desses conceitos, e a razão pela qual muitos rejeitam o conceito básico é por causa da maneira como o princípio da santidade foi mal aplicado na ocasião.

Certa vez um homem, cansado de ouvir falar de santidade, decidiu que iria arrancar de sua Bíblia cada referência a este assunto. Sentado diante do fogo, ele começou a ler um por um, e rasgou as páginas de sua Bíblia. Horas depois, ele sentou-se desanimado, segurando alguns fragmentos de

papel e a capa do que havia sido sua Bíblia. De repente, ele observou o que estava escrito na capa. O escrito dizia: “Bíblia Sagrada”. Com desgosto, ele a jogou no fogo também.

Que a santidade é fundamental para a salvação é irrefutável. Ouça o que Paulo disse sobre a nossa conversão.

“E vos revistais do novo homem que, segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e santidade” (Efésios 4.24).

Fariamos bem em abordar esta lição com sinceridade e honestidade, com oração e busca da alma. É imperativo que tenhamos uma perspectiva adequada sobre um assunto tão vital. Tome nota especial da menção que o apóstolo fez da verdadeira santidade. Apenas uma vez essa frase em particular aparece nas Escrituras, mas serve para nos impedir de, casual e indiferentemente, abraçar os primeiros pensamentos (opiniões) que nos ocorram na mente. Ela nos chama para um estudo consciente da Palavra de Deus. É com um sincero desejo de descobrir a verdadeira santidade que agora levantamos a questão sobre a qual gira esta lição.

I. SANTIDADE ... O QUÊ?

Se uma coisa é claramente conhecida como verdadeira santidade, a inferência que se segue, naturalmente, é que há santidade que não é verdadeira. Às vezes, a melhor maneira de definir um tema é dizer o que ele não é. Como um filósofo caipira colocou em certa ocasião: “Eu não sei o que é, mas certamente sei quando não é!”

A. O Que Não É Santidade

- *A santidade não é a moralidade humana.* A moralidade é definida como a relação certa ou errada de uma ação. Ela se baseia nas opiniões dos homens e está sujeita aos caprichos e mudanças de uma sociedade instável. A “velha moralidade” não é mais certa do que a “nova moralidade”. Ambas são produtos da consciência humana. Ética situacional é única filosofia razoável, quando os homens são governados unicamente pelos padrões de conduta de sua própria criação. A santidade é muito mais do que os frágeis padrões dos mortais. Precisamos tomar cuidado para que os nossos “padrões” não sejam considerados como nada mais do que um código de conduta elaborado por homens falíveis.

“Mas, em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens” (Mateus 15.9).

- *A santidade não é a pureza pessoal.* Considerando que a moral humana é a qualidade da conduta de uma sociedade, a pureza pessoal é a realização moral do

indivíduo. A Bíblia declara que é inútil para a humanidade tentar limpar-se ou purificar-se. Mesmo que alguém exceda a justiça de todos os demais, as Escrituras ainda declaram: “Como está escrito: Não há justo, nem um sequer” (Romanos 3.10). E, novamente: “Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças são como trapo da imundícia” (Isaías 64.6). A santidade é muito mais do que nossas tentativas inúteis de perfeição. Nós sempre temos que ter cuidado para que a nossa santidade não seja mera hipocrisia.

- *A santidade não é formalidade sagrada.* Muito do que vemos sob a bandeira da santidade não passa de uma “forma de piedade”. Mera imitação de exemplos piedosos está muito aquém da verdadeira santidade. A palavra *forma* sugere aquilo que é externo. É completamente possível ser imaculado e irrepreensível no que respeita à aparência exterior e ainda estar a milhões de quilômetros de distância do nível de verdadeira santidade. A verdadeira santidade é a do coração. “Normas” só podem julgar, medir e regular o exterior. Não existe um critério que possa ser elaborado para medir o conteúdo ou a condição do coração, pois este é o domínio que Deus reservou para Si próprio.

“O SENHOR não vê como vê o homem, pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém, o SENHOR olha para o coração” (I Samuel 16.7).

Santidade é muito mais do que alinhar-se com um conjunto de regras, na tentativa de seguir o exemplo de um outro, por mais piedoso que isto possa ser. Devemos tomar um cuidado especial para não ficarmos tão preocupados com exterioridades que nossa santidade degenere para a mera e impotente formalidade. A verdadeira santidade, pregada e ensinada, irá sempre preocupar-se mais com o coração do que com as roupas. Temos de concentrar nossa atenção na obra do Espírito no homem interior, senão, cairemos na armadilha de confiar em nossas modas religiosas e modos de nos tornar aceitáveis diante de Deus. Apesar de sua notória ortodoxia e seriedade, os fariseus do tempo de Jesus não encontraram graça diante de Deus. Os fariseus modernos não podem esperar melhor recepção.

B. O Que É Santidade?

Santidade, no seu sentido mais amplo, é o que pertence ou vem de Deus. Para uma coisa ser santa, ela deve ter uma associação direta com Deus. Em contraste, a palavra *sagrada* é aplicada a coisas que o homem associa com Deus. É fácil ver, então, porque as coisas mencionadas acima: moralidade humana, pureza pessoal, e formalidade sagrada, carecem de verdadeira santidade. São coisas produzidas pelo esforço humano. A verdadeira santidade pertence somente a Deus.

A santidade é a essência da natureza de Deus. Por conseguinte, nenhuma outra palavra é um sinônimo perfeito de santidade. Santidade não é a mesma coisa que ser totalmente sem pecado, pois mesmo os serafins, sem pecado, escondem os seus rostos, enquanto pairam sobre o trono daquele que é Santo (Isaías 6.2). Eles estão tão conscientes de Sua santidade que, enquanto na Sua presença, não param de clamar: “Santo, santo, santo!” (Apocalipse 4.8). Como um atributo, no entanto, a santidade não está restrita somente a Deus. Sendo um Deus santo, Ele exige que, para que uma coisa Lhe seja aceitável, ela seja também santa. Assim, santidade, como um conceito cristão, aplica-se a todos os homens.

“Falou mais o SENHOR a Moisés, dizendo: Fala a toda a congregação dos filhos de Israel, e dize-lhes: Santos sereis, porque eu, o SENHOR vosso Deus, sou santo” (Levítico 19.1-2).

A santidade, que se aplica ao homem é a piedade, isto é, semelhança com Deus. O homem, que foi criado à imagem de Deus, partilhava da santidade de Deus, enquanto permaneceu em seu estado de inocência. Enquanto nesse estado, Deus podia comungar livremente com o homem. A santidade era, então, comum entre Deus e o homem. O pecado, no entanto, destruiu a santidade do homem e quebrou seu estado de inocência. O drama da redenção foi então programado, para reconduzir o homem a um estado de santidade e fazer da santidade um atributo alcançável na vida do homem.

C. Santidade x Mundanismo

Provavelmente, a mais simples compreensão da santidade é vê-la como a ausência de mundanismo. Isto, naturalmente, exige uma definição de mundanismo. E, claro, para entender o mundanismo, precisamos saber o que se entende pela expressão: “o mundo”. Na Bíblia, “o mundo” é usado em referência a três coisas diferentes. Primeiro, ele é utilizado para designar um planeta, isto é, a Terra. Usado nesse sentido, tudo no planeta Terra: montanhas, rios, árvores, ar, seria considerado mundano ou, mais apropriadamente, terreno. Em segundo lugar, “o mundo” é utilizado para designar uma população, e, nesse sentido, tudo o que se refere às pessoas seria mundano (“que pertence ao mundo”). Em terceiro lugar, “o mundo” é uma expressão usada para falar de prioridades. Mais especificamente, fala das prioridades equivocadas de um sistema mundial.

Este é o significado bíblico do mundanismo: valores extraviados em nossas vidas.

Conta-se uma história de dois ladrões que invadiram uma loja de roupas. Após assaltar o cofre e tirar das prateleiras roupas e de todos os artigos que poderiam utilizar ou vender, eles decidiram divertir-se um pouco. Depois de raspar os preços das etiquetas da mercadoria remanescente, eles colocaram novos preços em todos os artigos da loja. Ternos caros ficaram com preços de “liquidação”.

Lenços e alfinetes de chapéu tiveram seu valor aumentado mil vezes. Durante meses, após os assaltantes deixarem a loja, a confusão ainda reinava.

Satanás, o deus deste mundo, é o ladrão que estabeleceu um sistema no mundo, no qual todas as etiquetas de preços foram trocadas. Como os ladrões da loja de vestuário, ele não poderia alterar o valor da mercadoria. No entanto, ele podia, e fez, alterar as etiquetas de preços. Assim, os homens valorizam ou desprezam os elementos da vida, de acordo com prioridades distorcidas. Aquilo que é mais valioso é tantas vezes recusado, porque o preço é tão ridiculamente baixo que os artigos parecem absolutamente indesejáveis. E o que é inútil na economia de Deus é valorizado além da imaginação, para que toda a população entre em tumultos em seus esforços para obtê-lo.

Somos culpados de mundanismo, quando cooperamos com esta audaciosa reorganização de valores da vida pelo deus deste mundo. Nossas prioridades têm sido distorcidas e mal interpretadas em três áreas principais. À luz de um exame aprofundado e completo das obras de Satanás, não deve parecer estranho que essas áreas compreendam todos os aspectos e esforços da atividade humana.

- *Prazer* – “Porque os que são segundo a carne inclinam-se (atendem e obedecem) para as coisas da carne” (Romanos 8.5). Estamos todos, mais do que gostaríamos de admitir, apegados ao que é carnal. Todos nós, mesmo que não conscientemente, estamos constantemente buscando prazer. Se parece bom, cheira bem, soa bem, é bom ou tem bom sabor, temos um interesse humano ardente por ele.

A sociedade do prazer alucinado, em que vivemos, cada vez menos tenta disfarçar sua fome louca pelo sensual. O popular slogan: “Se se sente bem... Faça-o!” Fala dos sentimentos de diversão procurados por milhões. Praticamente toda a publicidade baseia-se na luxúria humana. Estamos incessantemente bombardeados com a mensagem de que, se só vamos usar um creme dental ou certo enxaguatório bucal, podemos muito bem fazer estas coisas como as fazem as pessoas jovens e belas e extremamente brilhantes dos anúncios. Mesmo os produtos não diretamente relacionados com os prazeres carnis recebem um apelo sensual. Pergunta-se: O que uma loira de biquíni tem a ver com uma isca de pesca ou um aparelho de som? Resposta: Nada, mas vende a mercadoria! Tão intensa é a mensagem que as pessoas sentem que se não forem jovens, bronzeados deuses nórdicos, não têm chance alguma de serem aceitas por uma sociedade orientada para a carne.

A revista *Time* relata que a mais recente mania é o “sexo rock” e que pelo menos 15% de todo o tempo de radiodifusão AM é dedicado a ele. De 1000 mães solteiras adolescentes entrevistadas em colégios da Flórida, 984 admitiram ter engravidado enquanto escutavam canções pop.

A liberação recém-encontrada que muitos estão “descobrimo” nada mais é do que o hedonismo grego e romano revivido. O deus deste mundo não começou a mudar as etiquetas de preços ontem! Precisamos ser lembrados, porém, que Hugh Hefner, o senhor luxúria da fama Playboy, não inventou o sexo. Nossa masculinidade/feminilidade, bem como todos os nossos cinco sentidos, são dotações do Criador. Nós não estamos a tentar tornar-nos sensualmente entorpecidos, estamos apenas tentando manter as etiquetas de preço com seus valores corretos!

- *Possessões* – Conhecendo a tendência básica do homem para a ganância e avareza, Deus deu dois dos Dez Mandamentos para lidar diretamente com esse aspecto da natureza humana. O oitavo mandamento proibiu o homem de tomar os bens que por direito pertenciam a outro. O décimo mandamento foi mais profundo e tratou da motivação básica do oitavo: a cobiça. Ele proibiu o homem de até mesmo olhar para as posses do outro com um desejo para elas.

A obsessão por posses materiais ainda é uma tendência da natureza do homem, o que torna tão fácil para Satanás trazer ilusão sobre os verdadeiros valores. As Escrituras estão repletas de advertências contra investir e confiar nas coisas temporais. Somos advertidos de que Satanás elevou para “muito alto” o preço das coisas temporais. No entanto, se formos honestos, vamos admitir que o materialismo é um pecado que assedia a todos nós em algum grau.

Também nesta área, os métodos modernos de propaganda dos meios de comunicação aproveitam-se das fraquezas humanas básicas. Os anúncios que não apelam à nossa sensualidade, apelam para a nossa cobiça, e muitos recorrem a ambos. As apresentações de produtos são projetadas para tornar-nos insatisfeitos com nossas posses atuais. Mudanças cosméticas no design automobilístico fazem o modelo do ano passado, embora ainda funcional, parecer obsoleto, quando relacionados com o que nós desejamos. É-nos dito repetidamente pela mídia que a nossa felicidade é totalmente dependente de nossa capacidade de adquirir as mais recentes inovações da tecnologia moderna.

Mas os preceitos da Bíblia são diametralmente opostos a tal filosofia. Jesus disse: “Acautelai-vos e guardai-vos da avareza: a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (Lucas 12.15).

Vivemos em um mundo plástico, descartável e artificial. O clima perfeito foi criado pelo deus deste mundo para fazer os nossos desejos naturais apodrecerem e produzirem cogumelos cancerosos de ganância. Somos todos vítimas de uma viciosa “corrida de ratos” (competição insana), na qual somos forçados a correr atrás de maior riqueza apenas para sobreviver em um mundo de insegurança e

pesados impostos. Somos constantemente lembrados que precisamos alcançar o maior índice do mercado. Mas, quando pensamos que estamos chegando perto, a bolsa se inverte e mergulhamos na corrida outra vez.

Mas Deus tem uma maneira melhor. Alguém já disse que ganhar a “corrida dos ratos” só faz de você o “o rato número um!” O caminho melhor de Deus é uma vida de santidade que nos ajude a manter as nossas prioridades. Jesus disse: “Buscai primeiro o reino de Deus e sua justiça, e todas as coisas vos serão acrescentadas” (Lucas 12.31).

- *Posição* – A terceira área geral na qual nosso egoísmo inerente se manifesta é a nossa preocupação com uma boa auto-imagem. O nosso é um mundo onde o importante é o status. Isto está estreitamente relacionado com a área de bens materiais que acabamos de analisar (na verdade, todas as três áreas estão interligadas), porque ter muitas posses é reconhecido como um símbolo de status. Mas o clamor do mundo por posição vai além do mero orgulho por posses terrenas.

Nós somos criaturas feitas à imagem de um Deus que deseja adoração e amor de Sua criação. Consequentemente, um desejo por aprovação, por admiração, e até mesmo por adoração é básico para nossa natureza. No entanto, essa necessidade pode tornar-se acentuada por adotarmos prioridades erradas, até que um desejo de status e poder se torna uma obsessão que passa a dirigir nossas vidas.

Nenhuma criatura pode ser tão vaidosa, tão orgulhosa de si mesma, tão presunçosa, ou tornar-se tão envolvida em manobras políticas, como pode o homem. Sua fome de reconhecimento e aplausos arrasta-o sem piedade. Como ele busca desesperadamente ser notado, mas com dignidade, então exhibe sua falsa modéstia. O orgulho toma formas muito sutis. Ele ainda desfila como piedade religiosa. Ele corrói o metal puro da santidade em uma enferrujada postura de arrogância espiritual: “Sou mais santo do que tu”.

“Não há nada fora do homem que, entrando nele, possa contaminá-lo; mas o que sai dele, isso é que contamina o homem... Porque do interior do coração dos homens saem os maus pensamentos, os adultérios, as fornicações, os homicídios, os furtos, a avareza, as maldades, o engano, a dissolução, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Todos estes males procedem de dentro e contaminam o homem” (Marcos 7.15, 21-23).

Jesus incluiu o orgulho entre todos os outros males que são gerados no coração dos homens. Todos esses males são produtos de inclinações naturais do homem, a natureza básica que lhe foi dada por Deus. Elas (as inclinações naturais) tornam-se más quando são pervertidas pela inversão de valores do sistema mundano de

Satanás. Assim, um simples prazer torna-se perversão sensual da carne; a aquisição das necessidades básicas da vida torna-se ganância (ansiedade por ganhos terrenos), e o desejo inocente por aprovação e amor se torna uma fome orgulhosa de poder e posição.

Isto é o que a Bíblia chama de “o mundo”, e ser arrastado para a loucura da sua perversão é mundanismo. Mais familiar para nós, talvez, seja a maneira como João expressou: “Não ameis o mundo nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo” (I João 2.15-16).

A “concupiscência da carne” é a perversão do prazer sensual; a “concupiscência dos olhos” é a supervalorização dos bens materiais; a “soberba da vida” é a obsessão não natural por status e posição. O sistema de Satanás é muito sutil. Somos compelidos, por nossa própria natureza e pelo próprio esquema das coisas, a ser ativos em cada uma dessas áreas. Nosso grande desafio é manter os nossos valores e prioridades na perspectiva correta. A santidade é o atributo que nos permite manter sob controle nossos impulsos e motivos humanos e libertar-nos das coisas do mundo. Santidade, no entanto, é mais do que apenas a ausência de maldade e mundanismo. Deus não nos deixa vazios. Ele substitui o mal por Sua natureza... e isto é santidade.

As cores no espectro da luz ensinam uma grande lição sobre a santidade. O preto é a ausência de toda a luz, o branco, por outro lado, é a presença de toda a luz. O branco é alcançado não tanto por tirar o preto, pois ele é a adição e combinação de todas as cores básicas. Assim, a santidade não é tanto a remoção do pecado, pois ela é a adição dos atributos de Deus para nossa vida.

II. SANTIDADE ... POR QUÊ?

Vamos agora analisar a necessidade de santidade na vida e no caráter dos homens. Ao fazê-lo, vamos ver a santidade como um comando, como uma comissão, e como um chamado.

A. O Mandamento para Ser Santo

“Portanto santificai-vos e sede santos, porque eu sou o SENHOR vosso Deus” (Levítico 20.7).

A palavra de Deus à Sua Igreja no Antigo Testamento era um comando inequívoco para ser separado do que era imundo. Todas as leis e ordenanças de Levítico

11-22 foram instruções específicas de Deus para a purificação de Israel. No entanto, elas estão todas expressas em uma só declaração: “Sede santos!”

A lei mosaica estava muito preocupada com o saneamento e a higiene, mas a observância destas normas por Israel não estava relacionada com a saúde física. Eles as obedeciam por causa de uma concepção muito mais elevada de que Deus é um Deus santo e que toda a impureza material é ofensiva à Sua vista. Foi o medo de desagradar a Deus, não temor da doença que poderia vir da falta de higiene que fez dos judeus uma nação preocupada com a limpeza!

“O SENHOR teu Deus anda no meio do teu arraial... portanto, o teu arraial será santo, para que ele não veja coisa impura em ti, e se desvie de ti” (Deuteronômio 23.14).

O comando para a santidade hoje não é menos rigoroso do que nos tempos do Antigo Testamento. O escritor de Hebreus declarou: “Segui a paz com todos os homens, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hebreus 12.14).

A palavra *segui* é muito mais forte no original grego do que é no inglês e no português. A palavra grega é *dioko*, que significa literalmente “prosseguir, como se fosse um chamado”. Em Filipenses 3.14, a mesma palavra é traduzida como “prossigo”. Não é, portanto, apenas um reconhecimento passivo dos conceitos de paz e de santidade, mas sim uma busca ardente deles. Jesus disse que as bênçãos não foram reservadas para os meros seguidores da paz, mas sim, “Bem-aventurados os pacificadores” (Mateus 5.9).

Assim, a santidade, também, não deve ser simplesmente seguida passivamente, mas sim procurada de forma diligente e entusiástica. Na verdade, devemos nos empenhar pela santidade nas mesmas proporções que temos recebido as promessas de Deus.

“Ora, amados, pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus” (II Coríntios 7.1).

Vamos considerar o comando para a santidade nestas três maneiras:

- *A santidade é possível.* É natural, depois de examinar a santidade de Deus, assumir que é impossível ao homem atingir tal estado de santidade. E, se temos alguma dificuldade em chegar a essa conclusão por nós mesmos, Satanás está sempre pronto para garantir-nos que este é certamente o caso. Porém, devemos estar certos de que Deus não zomba de nós, exigindo o impossível. O que não podemos alcançar ou produzir por nós mesmos, Ele fez provisão para nos permitir alcançar. A santidade é simplesmente um atributo. Nós não podemos produzi-lo. Os nossos melhores esforços são inúteis e rejeitados, porque a justiça própria é

um produto que Deus odeia. A verdade é que Deus não quer absolutamente que produzamos santidade. Antes, Ele diz “segui a” ou buscai a Sua santidade. Ele quer manifestar Sua santidade em nós e através de nós. A santidade é possível apenas através da habilitação de Deus”.

- *A santidade é um pré-requisito* – Se não estamos convencidos de que a santidade é possível, então, naturalmente, concluímos que ela é desnecessária. Uma linha de raciocínio diz que, se você desfrutar do perdão dos pecados, você não precisa se preocupar em vencer o pecado. Mas as Escrituras se opõem a essa filosofia. Paulo escreveu aos Romanos: “Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De maneira nenhuma” (Romanos 6.1-2).

Muitos se contentam com a justificativa: “Eu não pretendo ser um santo. Eu sou apenas um cristão comum.” O que eles não percebem é que a santidade é a norma para o cristão. Santidade não é uma disciplina eletiva; é o curso obrigatório. Por que devemos buscar e alcançar a santidade tão seriamente? A resposta é simples. A natureza de Deus o exige. O escritor de Hebreus diz-nos que a santidade é uma condição prévia para agradar a Deus (Hebreus 12.14). O impuro não pode entrar em Sua presença. Deve primeiro ser santificado.

- *A santidade é prática* – A santidade não é apenas um objeto de retórica teológica. Ela deve fazer parte da vida diária do filho de Deus. Um dos sinônimos da Bíblia para a santidade é a espiritualidade. Ser espiritual é mais do que ser moral; é ser guiado e revigorado pelo Espírito. Santidade, então, é mais prática, pois permite ao Espírito fazer por nós aquilo que somos incapazes de fazer por nós mesmos. Pedro disse que devemos “estar sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão” (I Pedro 3.15). É reconfortante saber que a vida do cristão é baseada na razão. Há uma razão, uma razão bíblica, porque vivemos e nos comportamos como o fazemos. E se não podemos dar uma razão para o nosso comportamento, talvez precisemos de re-examinar nossas ações! Obedecer o comando para a santidade faz sentido!

B. A Comissão para Ser Santo

Todos nós estamos familiarizados com os vários requerimentos da Grande Comissão. Sabemos que devemos ir, para pregar, ensinar e batizar. Muitas vezes, no entanto, ignoramos as advertências de Pedro e os comandos que ele deu em sua carta à igreja.

“Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para sua maravilhosa luz... Amados, peço-vos, como peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências carnis, que combatem

contra a alma, tendo o vosso viver honesto entre os gentios; para que...glorifiquem a Deus no dia da visitação, pelas boas obras que em vós observem” (I Pedro 2.9, 11-12).

Nós não devemos apenas pregar e ensinar o evangelho. Devemos mostrá-lo! “Para que glorifiquem a Deus no dia da visitação”, disse Pedro. Santidade é o nosso testemunho ao mundo. Nossas vidas transformadas, a nossa abstinência de mundanismo, as nossas boas obras traduzidas pela nossa vida de santidade serão um convite para o pecador a acreditar na realidade da salvação. Ouça a Cristo, e veja Ele dá as ordens de marchar à sua Igreja: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mateus 5.16).

Esta não é uma sugestão, mas sim a nossa comissão. A única maneira para o mundo conhecer a santidade de Deus é vê-la manifestada em Sua igreja. Paulo declarou: “Vós sois a nossa carta, escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens. Porque já é manifesto que vós sois a carta de Cristo, ministrada por nós e escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração” (II Coríntios 3.2-3).

C. Chamado para Ser Santo

“Porque não nos chamou Deus para a imundícia, mas para a santificação. (I Tessalonicenses 4.7).

Mais do que um comando ou uma comissão, a vida de santidade é um chamado. Vamos considerar dois aspectos deste chamado.

Primeiro, é um chamado no sentido de ser aquilo pelo que um homem trabalha e pelo que ele se distingue de outros que têm uma vocação diferente. O cristianismo é um distintivo chamado para uma vida santa. A tragédia é que muitos têm deixado de trabalhar por aquilo para o que foram chamados. Para estes, Paulo dirigiu a pergunta: “Corrieis bem; quem vos impediu, para que não obedeçais à verdade?” (Gálatas 5.7).

Em segundo lugar, somos chamados à santidade, no sentido de um convite. Deus nos convida a ter intimidade com Ele. Maravilha das maravilhas! O mortal foi convidado a ter comunhão com o Eterno, o finito foi convidado a sentar-se com o Infinito, o fraco foi convidado a estar em harmonia com o Todo-Poderoso. Ah, mas para estar em Sua presença a pessoa deve ser santificada. É uma santa vocação, é um chamado à santidade.

III. SANTIDADE . . . COMO?

“Fiel é o que vos chama, o qual também o fará” (I Tessalonicenses 5.24).

Este verso da Escritura nos diz três coisas. Primeiro, ele nos diz que “Deus é Fiel”; em segundo lugar, ele nos diz o que Deus tem feito: “Ele vos chama”; e, em terceiro lugar, ele nos diz o que Deus vai fazer: “Quem também vai fazê-lo”.

Nós já aprendemos que a própria essência da natureza de Deus é a santidade. Sua fidelidade é resultado de Sua natureza santa. Nós também aprendemos que Deus nos chamou para a santidade. Esse é o chamado contido em I Tessalonicenses 5.24.

Agora vem a verdade profunda: Ele vai fazê-lo! Ele nos chamou para a santidade, a Sua santidade. A obra é totalmente dEle. A maior intenção de Deus para o homem é que ele seja levado a um estado em que a natureza de Deus seja totalmente transmitida para ele. Da conversão até a Segunda Vinda de Cristo, esta é a obra que o Espírito Santo está fazendo no coração dos homens.

“O Senhor vos aumente e faça crescer em amor... Para confirmar os vossos corações, para que sejais irrepreensíveis em santidade diante de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo com todos os seus santos” (I Tessalonicenses 3.12-13).

A santidade é obra de Deus. Como Ele está operando nisto?

A. Santidade e Perdão

Santidade não é uma condição do perdão; é uma consequência do perdão. Depois que nossos pecados são perdoados, o poder do Espírito Santo nos capacita a permanecer livres do pecado. Não é: “Se fores santo, Deus vai te perdoar”. Isso não seria um perdão, mas sim uma recompensa pelos nossos esforços. É sim: “Não podes ser santo até que sejas perdoado, e somente poderás ser santo depois que estiveres perdoado”.

“Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar nossos pecados e purificar-nos de toda injustiça” (I João 1.9).

Observe que a purificação segue-se ao perdão. No Salmo 51, Davi primeiro orou. “Esconde tua face dos meus pecados”. Isto era um pedido de perdão. Então, ele orou: “Cria em mim um coração puro”. Isto é um pedido por santidade.

B. Santidade e Redenção

“Temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez” (Hebreus 10.10).

A pregação da graça sempre traz aos homens o raciocínio de que, se o pecado abunda, a graça abunda muito mais; então, precisamos pecar mais e mais, para que haja

mais graça. Paulo respondeu a este raciocínio em Romanos 6.1-2, uma passagem que tratamos no início da lição. “Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum. Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?”

Paulo não ameaçou a igreja nesta Escritura. Ele não disse: “É melhor que não peque mais, ou você perderá a graça!” Em vez disso, ele apelou para um raciocínio espiritual. Na verdade, ele disse: “Lembre-se da cruz e do sangue derramado de Jesus Cristo, e você não será capaz de continuar no pecado”. A santidade no homem é um resultado direto do Calvário e do sangue derramado daquele que é Santo.

B. Santidade e Graça

“Porque a graça salvadora de Deus se há manifestado a todos os homens, ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste século sóbria, justa e piamente” Tito 2.11-12).

Graça não é apenas a misericórdia que Deus tem mostrado para com pecadores indignos. É também o poder capacitador que Ele dá ao homem fraco para torná-lo capaz de cumprir seus elevados requisitos.

- Justificação é o que a graça faz por nós.
- Santificação é o que a graça faz em nós.

A salvação é uma obra contínua da graça. A graça nos ensina e nos aperfeiçoa progressivamente. A santificação não é uma viagem instantânea para a perfeição. Antes, ela é uma obra progressiva que nos conduz à maturidade. “Para confirmar os vossos corações, para que sejais irrepreensíveis em santidade” (I Tessalonicenses 3.13). Paulo falou: “Aperfeiçoando a santidade no temor de Deus” (II Coríntios 7.1), isto é, trazendo finalmente a santidade até o seu ponto mais alto. Isto fala de amadurecimento espiritual (crescimento saudável), antes que maturidade espiritual (perfeição final).

“Nisto é perfeito o amor para conosco, para que no dia do juízo tenhamos confiança; porque qual ele é, somos nós também neste mundo” (I João 4.17).

D. Santidade e Fé

O Senhor Jesus declarou para o apóstolo Paulo (então Saulo) quando de sua experiência na estrada de Damasco que “são santificados pela fé que há em mim [Cristo]” (Atos 26.18). A verdadeira santidade é a justiça de Deus que nos é comunicada pela fé e não pelas obras.

Somos santificados pela fé, quando percebemos que não temos santidade em nós mesmos, nada que nos habilite a estar na presença de Deus, nada que atenda às suas rigorosas exigências. Então, aceitamos Cristo como nossa santificação e recebemos dEle o Espírito Santo que nos dá a justiça interior e uma disposição e poder interior para manter esse relacionamento correto. Santidade vem pela fé, porque a santidade é de Cristo e Cristo habita em nossos corações, pela fé (Efésios 3.17).

SUMÁRIO

A verdadeira santidade é tanto do espírito como da carne. Ela é o fruto do Espírito, não o produto do esforço do homem. Santidade não é uma imitação humana do exemplo de Cristo. Antes, ela é uma reprodução sobrenatural da mente e disposição de Cristo em nossos corações, pelo poder do Espírito Santo.

REFLEXÕES

- O que significa “verdadeira” santidade?
- Cite algumas coisas que santidade não é. Diga o que é santidade.
- De que três maneiras é usada nas Escrituras a palavra *mundo*? De acordo com as Escrituras, o que é *munanidade*?
- Discuta santidade como um mandamento, uma comissão, um chamado.
- Quais as três razões nas quais Deus se baseia para nos mandar ser santos?
- Como a santidade pode ser alcançada por um filho de Deus? Que provisões Deus fez para a santidade em Seu plano mestre?

Captítulo 9 – Teste de Auto-ajuda

Verdadeira Santidade

Múltipla Escolha: Circule a letra da resposta correta.

1. A santidade pode ser melhor definida como
 - a. moralidade humana
 - b. pureza pessoal
 - c. formalidade sagrada
 - d. aquilo que pertence a ou vem de Deus
2. A verdadeira santidade, pregada e ensinada, deve sempre estar mais relacionada com
 - a. o que a pessoa usa
 - b. seguir o exemplo de outros
 - c. alinhamento com um conjunto de regras
 - d. o coração
3. O significado bíblico para mundanidade
 - a. refere-se ao planeta terra (mundo)
 - b. denota uma população
 - c. inversão de valores em nossas vidas
 - d. nenhum dos mencionados acima
4. Quando se trata de santidade, o que Deus deseja é que nós
 - a. produzamos santidade
 - b. esforcemo-nos por imitar a santidade dos outros
 - c. persigamos Sua santidade
 - d. todos relacionados acima

Dê respostas breves.

1. Dê uma referência mostrando que Deus nos chamou para a santidade. _____
2. Santidade não é uma condição do perdão; ela é um _____ do perdão.
3. A oração de Davi por santidade é encontrada em _____
4. A santidade no homem é um resultado direto de _____
5. A verdadeira santidade é do _____ bem como da carne.

Capítulo 10

CURA DIVINA

FOCO

A cura divina é um dos benefícios adquiridos pelo sofrimento e morte de Jesus, que mostra a Sua misericórdia, compaixão e poder, e traz glória ao Seu nome.

VERSO CHAVE

“E até das cidades circunvizinhas concorria muita gente a Jerusalém, trazendo pessoas doentes e os que estavam atormentados por espíritos imundos, os quais eram todos curados” (Atos 5.16).

CONTEXTO BÍBLICO

Lucas 9.1-10; Atos 5.12-16; 19.11-12; Tiago 5.13-20; Isaías 53.1-12; João 9.1-11; Mateus 8.5-17.

INTRODUÇÃO

A doutrina da cura divina não é uma opção sem importância; não é um luxo religioso. Ela é o elemento mais básico para a compreensão da fé cristã. Todo o drama da redenção foi projetado para restabelecer o homem caído ao estado de perfeição em que foi criado. A cura física de nossos corpos quebrados é apenas uma parte, mas uma parte muito vital desta restauração.

É claro que o aspecto mais importante da relação de Deus com o homem é a salvação da alma e a recreação do espírito. Mas ignorar as necessidades do corpo não se encaixa no padrão divino, e a obra da redenção seria incompleta. Da mesma forma, enfatizar a cura física, negligenciando as necessidades espirituais do homem é uma frustração da graça de Deus. Colocada na perspectiva correta, no entanto, a cura divina desempenha um papel vital na igreja de hoje.

Jesus aproximou-se do homem inválido no tanque de Betesda, com a pergunta: “Queres ficar são?” (João 5.6). Uma pergunta mais direta, considerando o fato de que ele havia sido afligido por trinta e oito anos, teria sido: “Você gostaria de ser curado de sua doença?” Mas o interesse de Cristo no homem não se restringia ao reino físico. Ele estava interessado em algo mais do que curar a doença do homem. Ele queria que o homem se tornasse completo!

A cura física é parte do que está sendo curado! A cura espiritual é também parte do que está sendo curado! Jesus Cristo quer curar o homem total!

Por quê?

Cristo explicou Seu propósito na Terra como sendo o Portador da vida: “Eu vim para que tenham vida, e vida em abundância” (João 10.10). Como Portador da vida, Ele veio combater tudo o que se opõe à vida. Adão perdeu por todos nós o dom da vida, no Jardim do Éden. A morte era a punição justa para o pecado ali cometido. Jesus Cristo veio para restaurar e concertar o que Adão havia derrubado e perdido.

“Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Romanos 5.12)

“Porque, assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem. Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo” (I Coríntios 15.21-22).

Quando vemos a doença como morte *incipiente* (começo, início, primeiro estágio), então podemos facilmente compreender porque Deus fez provisão tão abundante para remediá-la. Assim como a morte foi causada pelo pecado, a doença foi trazida ao homem pelo pecado – o pecado de Adão.

Através da obra consumada no Calvário, Jesus Cristo venceu a morte, juntamente com o inferno e a sepultura. Porque a doença é um estágio rudimentar da morte, a obra consumada no Calvário fez provisão também para ela.

A cura divina, portanto, é parte integrante do processo redentor. Não pode ser separada da preocupação de Deus para as necessidades espirituais do homem. Não é um módulo da atividade divina separado e à parte de tudo o que Deus está fazendo, de modo a poder ser aceita ou ignorada, de acordo com os caprichos humanos.

Se não podemos aceitar a obra de Deus na cura divina, então não podemos esperar podermos nos apropriar de Sua provisão para a alma e o espírito.

Por outro lado, se não nos importamos com o que Deus pode fazer espiritualmente em nossas vidas, também não temos o direito de esperar a cura divina para o nosso corpo.

Estes dois aspectos da obra divina são partes integrantes um do outro. São braços de uma mesma fonte. Cada um deles tem a finalidade de satisfazer as necessidades básicas do homem. Cada um deles mostra o poder e o propósito de Deus.

Assim, vemos os dois inseparáveis na Escritura. Por exemplo, o salmista disse: “Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome. Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e não te esqueças de nenhum dos seus benefícios. Ele é o que perdoa todas as tuas iniquidades, que sara todas as tuas enfermidades” (Salmo 103.1-3).

Jesus declarou-se o cumprimento da profecia de Isaías, que definia este duplo propósito. Ele disse: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me a curar os quebrantados de coração, a pregar liberdade aos cativos e restauração da vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos” (Lucas 4.18).

Tiago mostrou que a provisão de Deus para os doentes não estava restrita à saúde do corpo. Ele escreveu: “E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados” (Tiago 5.15).

Armados com este conhecimento de que a cura divina não é apenas um subproduto da provisão de Deus, mas, antes, tem o seu fundamento no cerne do próprio processo redentivo, vamos examinar algumas razões específicas porque a cura tem sido provida para o homem.

I. RAZÕES PARA CURA

A. Cumprimento da Profecia

Muitos argumentam que uma vez que Jesus cumpriu a profecia de Isaías durante Seu ministério terreno (Mateus 8.16-17), a cura não faz parte da obra expiatória do Calvário. No entanto, precisamos ver o ministério terreno de Cristo como um todo.

Lucas, em sua segunda carta a Teófilo, falou sobre “tudo o que Jesus começou a fazer e a ensinar, até ao dia em que foi recebido em cima” (Atos 1.1-2). Podemos inferir, a partir desta expressão, que o ministério de Cristo deve ser visto como um elemento que se estende desde o tempo que Ele “começou” (Seu batismo) até que foi “recebido” (ascensão). Entre esses dois eventos está o drama da crucificação. Na cruz, Cristo pronunciou a bênção em seu próprio ministério: “Está consumado!” (João 19.30). Assim,

vemos o trabalho de sua vida dividido em três fases: preparação, consumação, e explanação.

A preparação foi a Sua pregação do evangelho do reino, o reino espiritual a ser instituído mais tarde, no dia de Pentecostes. Durante este tempo ele tentou preparar os discípulos para o Calvário. A consumação foi a conclusão da obra do Calvário, quando o preço foi pago e a provisão foi feita para o reino prometido. A explanação foi o ensinamento final e as instruções dadas aos discípulos após a Sua ressurreição, abrindo o seu entendimento (Lucas 24.45) e ajudando-os a compreender o propósito e extensão da obra do Calvário. Assim, vemos Cristo a curar os enfermos durante Seu ministério terreno, começando assim a obra do Calvário. Que testemunho à fidelidade de Deus!

“Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados” (Isaías 53.4-5).

A fidelidade de Deus é revelada no tempo verbal na profecia de Isaías. Apesar de sua realização estar a 750 anos no futuro, o profeta, por inspiração, escreveu: “pelas suas pisaduras fomos sarados.” Isaías alegou cura para sua geração sobre a fidelidade da expiação prometida por Deus.

Pedro, quando se referiu a esta mesma profecia, mostrou ainda mais o poder da fidelidade de Deus revelada no tempo verbal. Ele disse: “Por suas chagas fostes sarados” (I Pedro 2.24). A disposição fiel de Deus para a nossa cura, comprada pelo sangue de Cristo, é tão eficaz que podemos considerá-la cumprida e acabada. Estejamos confiantes! Nós “fomos” curados no Calvário!

A tradução (versão) de Moffatt para Isaías 53.3-5 é especialmente bela:

“Ele foi desprezado e evitado pelos homens, homem de dores, que sabia o que era doença, como um de quem os homens se voltam com estremecimento, ele foi desprezado, não dávamos atenção a ele. No entanto, eram nossas as dores que ele suportou, o sofrimento que ele enfrentou! Nós pensamos que ele estava sendo castigado pelas mãos do próprio Deus, no entanto, ele foi ferido porque nós havíamos pecado. Foram nossos os erros que o esmagaram. Foi para o nosso bem que ele foi castigado, e os golpes que caíram sobre ele trouxeram a nossa cura”

Um pregador contou certa vez de uma visão que ele recebeu do Senhor, na qual via o Senhor pendurado contra um muro de pedra, suspenso com correias cruéis, de modo que os dedos dos pés mal tocavam o chão. Um

soldado romano batia-lhe nas costas nuas com um chicote que tinha na ponta nove tiras de couro, trançadas com pedaços de osso e metal. Enormes pedaços de carne eram cortados a cada golpe pungente. A visão do sangue e carne mutilada e ossos expostos era nauseante.

O pregador esteve ali parado, enquanto pôde, mas, finalmente, correu para fazer parar o algoz. Agarrando o soldado pelo ombro, o pregador o sacudiu fortemente por uns momentos. Depois, parou com espanto, pois, olhando para o rosto do soldado romano viu seu próprio rosto.

Nós podemos esperar que Deus cure hoje, por causa de Sua fidelidade em cumprir Sua Palavra.

B. Destruição das Obras de Satanás

“Esta palavra, vós bem sabeis, veio por toda a Judeia, começando pela Galileia, depois do batismo que João pregou; como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder, o qual andou fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus estava com ele” (Atos 10.37-38).

Todas as doenças e enfermidades são diretamente (pela opressão) ou indiretamente (por causa do pecado) o resultado de poderes satânicos. Cristo veio para quebrar o jugo da escravidão do pecado.

Ele venceu a morte, o inferno e a sepultura. Com base naquela vitória, Paulo escreveu este desafio de triunfo:

“Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória? Ora, o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo” (I Coríntios 15.54-57).

Embora os homens ainda tenham que provar a morte, sabemos, pela fé na vitória do Senhor Jesus, que a morte foi totalmente conquistada e, portanto, já não provoca medo para o filho de Deus. Marcos registrou um exemplo típico para nós, na história do homem parálítico. A casa onde Jesus estava ministrando estava tão cheia que ninguém mais podia entrar. O doente foi levado por amigos para o telhado, de onde foi descido através de um buraco feito no teto. Jesus reconheceu a fé dos amigos do homem e disse ao homem doente: “Filho, teus pecados te são perdoados” (Marcos 2.5). O homem doente e seus amigos foram atraídos para Jesus por causa de sua capacidade de curar. Uma vez em Sua presença, no entanto, Jesus ministrou também para as necessidades espirituais do homem.

II. AVENIDAS PARA A CURA

“Ora, sem fé é impossível agradar-lhe; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam” (Hebreus 11.6).

Nosso primeiro passo da ação é entrar em contato com o Curador; e fazemos isso através da fé. Devemos procurar manter o nosso pensamento ligado em Deus até sabermos quem Ele realmente é! Temos de acalmar nossas emoções através desta certeza. O salmista disse: “Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus” (Salmo 46.10).

Com base nesta simples fé, nós clamamos e pedimos. Deus se deleita em suprir nossas necessidades, mas, ao ministrar para nós, Ele não vai sufocar-nos ou tirar a nossa iniciativa e caráter. Essa independência Ele nos deu na criação, através do sopro da vida, e não vai tirá-la. Ele espera que peçamos. Ele conhece nossas necessidades antes de pedirmos, mas, por nossa causa, Ele espera que peçamos. Ele não exige. Ele não força ou coage. Mas quando chamamos por Ele com fé, Ele responde!

A. A Fonte da Cura

A fonte da cura é dupla. Primeiro, como acabamos de discutir, a cura vem através da fé. Isto, naturalmente, leva para o segundo elemento, a Palavra de Deus, pois “a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus” (Romanos 10.17).

Deus tem uma receita para a vida e saúde. A vida vem através da Sua Palavra. Jesus disse: “As palavras que eu vos digo são espírito e são vida” (João 6.63). A Palavra escrita nos foi dada para revelar-nos a Palavra viva, Jesus Cristo.

“Filho meu, atenta para as minhas palavras; inclina o teu ouvido às minhas instruções. Não se apartem elas de diante dos teus olhos; guarda-as no íntimo do teu coração. Porque são vida para os que as acham, e saúde para o seu corpo” (Provérbios 4.20-22).

A vida está na Palavra. A cura está na Palavra. A saúde está na palavra.

Alguém perguntou a um pastor, que tinha sido usado poderosamente por Deus na cura divina: “-Irmão, você nunca se sente mal ou fica doente?” “-Sim, de vez em quando”, respondeu ele. “-O que você faz, então?” “-Bem, primeiro curvo-me sobre a minha Bíblia, porque suas palavras são ‘vida para os que as acham, e saúde para toda a sua carne.’”

C. Os Dons de Cura

Na lista dos vários dons do Espírito, em I Coríntios 12, a cura é o único que aparece como uma pluralidade. Não é o dom da cura, mas sim os dons (plural) de cura. Talvez uma das razões para esta designação seja que a cura divina pode ocorrer de muitas maneiras diferentes. Vamos considerar pelo menos três delas.

- *Natureza* – As leis da cura estão escritas no universo. O corpo humano foi criado pelo eterno Doador da vida. Seu belo projeto foi um sopro de Sua própria natureza e, portanto, Ele fez o corpo humano capaz de recuperar a si mesmo.

Um professor de uma faculdade de medicina dirigiu à sua classe de calouros estas palavras de abertura, na aula inaugural: “Senhores, lembrem-se sempre que a maioria das pessoas vai melhorar, não importa o que você fizer por elas! A natureza está sempre do lado da profissão médica!”

Você pode imaginar o choque que aqueles jovens, decididos a curar todas as doenças do mundo, devem ter sentido ao ouvirem que, quer estudassem ou não, fossem formados ou não, se dedicassem à prática ou não, a maioria das pessoas iria ficar bem de qualquer maneira. Que grande tributo à cura divina!

Quando cortamos o dedo e dentro de alguns dias vemos que a ferida foi sarada, estamos aptos a observar: “Bem, a natureza seguiu seu curso”, ou “A mãe Natureza fez sua parte.” Mas, espere um minuto! A natureza, apesar da opinião popular em contrário, não pertence ao gênero feminino. A natureza é masculina em gênero, e Seu título é Deus, o Pai! Quando nossas funções corporais naturais nos levam a recuperar e melhorar a saúde, podemos expressar a nossa gratidão ao desígnio divino do Curador. Esta não é uma cura sobrenatural, mas é divina!

- *Recuperação* – Muitas vezes há uma doença que, se for deixado que siga o seu curso, vai acabar em morte. A intervenção divina é essencial em tal caso. Deus, através dos dons do Seu Espírito, fez provisão para remover qualquer obstáculo que estiver impedindo a recuperação natural. Uma vez removido o obstáculo, o corpo tem o poder de recuperar-se. Chamamos isso de cura progressiva sobrenatural.

O poder apostólico de ligar e desligar (Mateus 16.19) deve ser utilizado neste reino da cura divina. Muitas vezes ouvimos as pessoas, quando a orar pelos enfermos, dizerem algo desta ordem: “Em nome de Jesus, eu amarro esta aflição neste corpo!” Isto é bom, mas está incompleto. Nós não só precisamos ligar a

aflição, precisamos desatar o poder de cura naquele corpo. Ao fazer isso, ligamos os obstáculos que impedem a saúde e, então, liberamos as funções naturais que foram divinamente concebidas e colocadas no corpo. A recuperação é possível, então, por causa da intervenção divina.

- *Milagres* – Em outras ocasiões, Deus não somente intervém, mas também acelera o processo de recuperação. Quando isso acontece, nós chamamos de cura sobrenatural instantânea. É um milagre! O que levaria seis meses para realizar-se naturalmente, Ele o faz em seis segundos! Por outro lado, existem casos em que, pela sua natureza, não têm jamais qualquer possibilidade de emenda ou recuperação. O que precisamos nesses casos é de um milagre criativo. O poder da Palavra, a Palavra criadora que trouxe os mundos à existência (Hebreus 11.3) também pode criar e recriar a vida e os órgãos do corpo humano! Quão grande é o nosso Deus!

IV. EMPECILHOS PARA A CURA

A. Relacionamento Errado com Deus

Os princípios discutidos até agora na lição mostram que a cura pode ser obstruída por um estado de espírito errado da nossa parte. Tais coisas como: pecado não confessado, um coração impenitente, uma atitude de orgulho, ou o acolhimento de medos, dúvidas e culpa vão parar o fluxo do poder da cura. A falta de fé, em muitos casos, quer para receber a cura, quer para reter a cura depois de a ter recebido, é uma das principais causas de muitas pessoas estarem doentes. Em alguns casos, Deus às vezes espera até que alcancemos uma determinada área de espiritualidade, antes que Ele libere a cura para nós. Ele quer curar, mas Ele quer ainda mais ver-nos atingir um maior grau de espiritualidade.

Muitas vezes, precisamos nos esforçar por alcançar alturas espirituais. Focalizar nossa atenção no reino, e não em nós mesmos, é a chave que abre a porta para a cura e a saúde em nossas vidas.

B. Relacionamento Errado com o Corpo

“Porque o que come e bebe indignamente, come e bebe para sua própria condenação, não discernindo o corpo do Senhor. Por esta razão, há entre vós muitos fracos” (I Coríntios 11.29-30).

O sacramento simboliza o corpo do Senhor, a Igreja. Relações erradas entre irmãos na igreja, como ressentimentos, invejas, pelejas, críticas, o falar pelas costas, espíritos rancorosos e até mesmo malícias abertas, são a causa de muita ansiedade que realmente resulta em doença física, e até mesmo morte prematura. Para ser um membro

saudável de um corpo saudável é preciso “Seguir a paz com todos os homens” (Hebreus 12.14), “especialmente, àqueles que são da família da fé” (Gálatas 6.10).

D. Conceitos e Crenças Erradas

A ignorância em matéria de cura divina provavelmente rouba do povo de Deus esta bênção mais do que qualquer outra coisa. Vamos examinar brevemente alguns erros comuns sobre este conceito.

- *“Eu não senti nada. Deus não deve ter me curado!”* Muitos vêm para a oração esperando só um milagre, e, quando Deus não os cura instantaneamente, perdem a esperança de qualquer coisa vinda de Deus. Precisamos chegar, na maioria dos casos, esperando uma cura, uma completa recuperação; então, quando a soberania de Deus se move para nos dar um milagre, que bênção gloriosa será!
- *“Deus envia doença para o Seu povo.”* Deus não cria doença. Às vezes, Ele a permite por causa da desobediência do homem. Deus não é o autor da morte, mas da vida.
- *“O diabo me fez ficar doente.”* Opressão demoníaca é certamente uma causa de doença, muitas vezes, mas isso é só através da pressão que é exercida sobre uma pessoa. A pressão e a ansiedade realmente provocam um distúrbio físico. Antes de Satanás poder deixá-lo doente ou afligi-lo diretamente, ele tem de ir diante do trono de Deus e pedir uma autorização especial. Isto é o que aconteceu no caso de Jó. Deus permitiu a Satanás afligir Jó diretamente com furúnculos. Mas esta é a única vez que a Escritura registra este tipo de acordo entre Satanás e Deus, e tinha uma finalidade especial. Não temos razão para acreditar que Deus jamais permitiu que isso acontecesse novamente!
- *“Minha cura pode não ser da vontade de Deus.”* Jesus Cristo é o Curador, pois “Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças” (Mateus 8.17). Isso significa todas as nossas enfermidades e todas as nossas doenças, para todos nós. A cura faz parte da Sua natureza. É a Sua vontade curar, tanto quanto é para salvar. Quando Ele não o faz, nós devemos olhar para algum outro motivo que não a Sua vontade.
- *“Houve crentes na Bíblia que não foram curados.”* Sim, houve alguns, como Trófimo, em II Timóteo 4.20 que, aparentemente, não foi curado. No entanto, Paulo pregou para milhares de pessoas que nunca foram salvas, mas isso não invalida a Palavra que diz: “O Senhor... não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se” (II Pedro 3.9). Os cristãos doentes não provam a vontade de Deus mais do que qualquer pagão não salvo o faz. Agora, o Senhor, em Sua soberania, pode decidir não curar, mas nunca devemos, por causa da dúvida e/ou do medo, “decidir” por Ele!
- *“Esta aflição é meu espinho na carne.”* Não há qualquer prova de que o “espinho na carne” de Paulo fosse um distúrbio físico. Em vez disso, Paulo diz muito

claramente que o espinho era um mensageiro de Satanás, enviado para o esbofetear (II Coríntios 12.7). Mais tarde, no versículo 10, ele lista as cinco coisas que estavam associadas a este “espinho”. Apenas uma é “enfermidades”. As outras são: “injúrias”, “necessidades”, “perseguições” e “angústias”. Bofetadas de Satanás consistem em enganos e acusações (Apocalipse 12.9-10). Provavelmente, no caso de Paulo, seu espinho foi ser persistentemente atormentando por acusações sobre suas dificuldades extremas de difundir o evangelho.

- *“Eu estou sofrendo para a glória de Deus.”* Com base em interpretações erradas de João 9.3 e 11.4, muitos acreditam que estão glorificando a Deus através da sua doença. Embora seja possível glorificar a Deus através do sofrimento por causa do evangelho, como discutido acima, em II Coríntios 12.7-10, não há nada sobre uma doença ou enfermidades, que são comuns a todos os homens, que glorifiquem a Deus só porque atingiu um cristão. Deus é glorificado através da cura, não pela doença!

SUMÁRIO

Uma vez que o Senhor quer tanto e pagou com tanto sacrifício o preço pela nossa cura, devemos ter a coragem de reivindicar essas promessas, e, ao mesmo tempo, ser humildes em recebê-las. As instruções da Bíblia com relação aos pré-requisitos da cura são muito explícitas. Não há nenhuma razão pela qual devamos ser privados dessa generosidade da mão de Deus. Tão certo como Deus quer curar vidas e corações quebrados, através do Seu magnífico plano de salvação, Ele também quer consertar corpos quebrados, através da cura divina. “Mas para vós que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça, trazendo cura nas suas asas” (Malaquias 4.2). Podemos ser curados, graças ao “outro lado do Calvário.”

REFLEXÕES

- Discuta a importância da cura divina. Como ela se relaciona com a salvação?
- Cite pelo menos três razões porque Deus proveu a cura divina para a igreja do Novo Testamento.
- Como nos preparamos para a cura?
- Quais são as duas fontes de cura?
- O que Paulo quis dizer com “dons” de cura?
- Discuta alguns empecilhos para a cura. Você alguma vez fracassou em receber cura por causa de um destes obstáculos?
- Partilhe seu testemunho de uma cura divina em sua experiência cristã.

Capítulo 10 - Teste de Auto-ajuda

Cura Divina

Dê breves respostas.

1. O aspecto mais importante do trato de Deus com o homem é o _____.
2. Quando Jesus perguntou ao homem paralítico no tanque de Betesda, “Queres ficar curado?”, Jesus estava interessado em mais do que curar a doença do homem. Ele queria _____.
3. Uma parte e parcela do processo redentivo no Calvário é _____.
4. Como o Salmo 103.1-3 mostra que Deus fez provisão para a alma e para o corpo? _____.
5. Como Tiago mostra que a provisão de Deus para as doenças não estavam restritas ao corpo físico? _____.
6. Isaías clamou por cura para esta geração com base na fidelidade de _____.
7. Nosso primeiro passo para obter a cura é _____.
8. O Segundo elemento para obter a cura é _____.
9. Observando a lista dos vários dons do Espírito, vemos que o único que é conhecido como uma pluralidade é a cura. Talvez uma das razões para isso é que _____.

Notas Pessoais de Estudo

Capítulo 11

A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

FOCO

Jesus, nosso Senhor, aparecerá para livrar a Sua igreja da ira por vir. Sua Segunda Vinda é a esperança e conforto da igreja.

VERSO CHAVE

“Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos.” (I João 3.2).

CONTEXTO BÍBLICO

Mateus 24.27-31; 44-51; I Tessalonicenses 5.1-10; Lucas 12.37-44; 21.25-36; Tito 2.11-14

INTRODUÇÃO

A segunda vinda pessoal de Cristo para Sua igreja é o próximo evento mais importante de uma longa série que envolve Cristo e Seu povo. Agora, mais do que em qualquer outro tempo, os olhos de toda a cristandade estão voltados para a promessa do Mestre, que disse: “Eu voltarei” (João 14.3, 28). Sua vinda é iminente. É apenas uma questão de tempo. Ela pode até acontecer neste exato momento.

Como todas as outras profecias que predizem um evento por vir, a profecia da Segunda Vinda já teve o seu “tempo de espera”. A parábola das virgens revela um período de espera por parte da noiva e um período de demora da parte do noivo.

Não é preciso pressentimentos para saber que a igreja deve aguardar o aviso: “Aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro” (Mateus 25.6). Também é preciso entender que Cristo, o Esposo celestial, está aguardando, pois o momento exato da Sua vinda está nas mãos do Pai celestial. (Veja Marcos 13.32). No entanto, quando o relógio bater a hora, “aquele que há de vir virá, e não tardará” (Hebreus 10.37).

Embora o grande propósito da vinda de Cristo seja levar a Sua Igreja, outras coisas importantes terão lugar que, indubitavelmente, mudarão existência humana. Os quadros econômicos, políticos e religiosos vão mudar drasticamente. O padrão de Deus referente às coisas vindouras tornar-se-ão cada vez mais evidentes à medida que se aproxima o dia de a igreja “ir para casa”

Com o êxodo da igreja, terminará a dispensação da graça, e Deus vai mudar Seu curso de ação para lidar com a humanidade. Seu trato será guiado pela ira, e não mais pelo amor.

Quando Jesus aparecer pela segunda vez, será sem pecado para a salvação. O escritor de Hebreus declarou: “Assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação.” (Hebreus 9.28).

Sua primeira vinda foi marcada pelo pecado, não Seu próprio, mas em Sua identificação com o pecado, com o propósito de nossa salvação. Como Paulo escreveu aos Romanos: “Porquanto o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne” (Romanos 8.3).

Sua segunda vinda será marcada com a voz da vitória, por Si mesmo e por aqueles que estão prontos para a Sua vinda. “Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro.” (I Tessalonicenses 4.16).

I. A PROMESSA DE SUA VINDA

As promessas de Deus são irrevogáveis. O próprio fato de que é impossível para Deus mentir dá-nos a máxima confiança em todas as promessas que Ele fez, incluindo a promessa de Sua Segunda Vinda. “Porque todas quantas promessas há de Deus, são nele sim, e por ele o Amém, para glória de Deus por nós” (II Coríntios 1.20).

Você vai notar a ausência manifesta da negativa “não” quando as promessas de Cristo são pregadas. Elas são todas “sim e amém”. Paulo, confirmando isso, escreveu: “Antes, como Deus é fiel, a nossa palavra para convosco não foi sim e não.” (II Coríntios 1.18).

Quão belas e confiáveis são as promessas de Deus, pois elas são todas positivas. Podemos acreditar na Segunda Vinda de Cristo, com base apenas na Sua promessa. E quando Ele voltar, isto será o reflexo da vontade de Deus para nós, como o foi em Sua primeira vinda.

A. A Promessa de Cristo

Quando Cristo estava na terra Ele mandou que seus discípulos cressem em Deus, mas também os encorajou a acreditar nEle:

“Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E quando eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também.” (João 14.1-3).

Nesta reconfortante passagem, Jesus, antes de mais nada, estava ansioso para que seus discípulos acreditassem no que Ele lhes dissera. Ele queria eliminar qualquer receio de discrepâncias que pudessem parecer existir entre as promessas de Deus e a Sua. Na verdade, Cristo queria que eles entendessem que todas as promessas de Deus eram agora cumpridas por meio dEle. Ele veio para desvendar os mistérios ocultos, quanto ao destino deles, e as recompensas por terem crido e obedecido à Palavra de Deus.

Observamos, também, com grande satisfação, a honestidade de Cristo. Ele disse: “Se não fosse assim, eu vo-lo teria dito”. Ele era tão verdadeiro e confiável que não deixaria Seus discípulos se agarrarem desesperadamente a falsas esperanças. Ele não iria permitir que eles tivessem “fantasias vãs” em relação ao futuro. Se não houvesse céu, nem mansões, nem imortalidade, Ele não iria permitir que eles tivessem expectativas enganosas. Mas, porque é verdade, que confiança, que certeza podemos ter de Sua Segunda Vinda!

Um certo Rabi, falando de Jesus, disse: “Esqueçamos o homem, mas aceitemos Seus ensinamentos, especialmente aqueles ensinamentos práticos e éticos. Se observados pela sociedade, eles vão criar um lugar muito melhor para se viver.”

Nunca foi intenção de Jesus que Seus ensinamentos ficassem restritos à construção de sociedades melhores, ou à melhoria das condições de vida neste mundo. Será que as Escrituras não corrigem tais pensamentos enganosos, quando ela diz: “Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens.” (I Coríntios 15.19)? Erramos muito, quando separamos o pensamento de viver para Cristo neste mundo do pensamento de viver com Ele no mundo por vir.

B. A Promessa dos Anjos

“E, quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos. E, estando com os olhos fitos no céu, enquanto ele subia, eis que junto deles se puseram dois homens vestidos de branco. Os quais lhes disseram: Homens galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir.” (Atos 1.9-11).

Os anjos foram criados com o propósito de ministrar às necessidades dos seres humanos, para protegê-los, e para guardá-los em todos os seus caminhos. (Veja o Salmo 91.11 e Hebreus 1.14). No texto da nossa lição, a cena da ascensão de Cristo revela a presença de dois anjos. Sem dúvida, os anjos estavam ali para continuar o encorajamento e admoestação feitos por Cristo, quando Ele disse: “Não se turbe o vosso coração”.

Sempre que havia uma ação por parte de Jesus, havia uma reação por parte dos seus discípulos. Às vezes, essas reações eram perturbadoras. Este foi o caso, quando da ascensão de Cristo. Quando Ele foi elevado para as alturas, tirado da presença deles, eles ficaram cheios de ansiedade e medo, achando que nunca mais O veriam outra vez. No entanto, os anjos os consolaram com essas palavras: “Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir, assim como para o céu o vistes ir.”

Os discípulos, que agora haviam recebido o testemunho, tanto de Cristo como dos anjos, de que Cristo viria outra vez, deixaram seu lugar de observação e foram para seu lugar de espera. Depois de receber a promessa do Espírito, seria, então, sua vez de confortar os outros com a mensagem do retorno de Cristo.

Não ensinam as Escrituras: “Pela boca de duas ou três testemunhas, toda palavra seja confirmada” (Mateus 18.16)? Cristo falou de Sua volta, os anjos a confirmaram, e, agora os homens iriam pegar a mensagem e levá-la ao redor do mundo.

C. As Promessas dos Homens

Homens, como os anjos, são usados para confirmar as promessas de Deus. Paulo e outros ministros de seu tempo, mantiveram a mensagem da vinda de Cristo viva e clara na igreja primitiva.

Esta é ainda uma mensagem vital! Ela deve ser pregada muitas vezes e referida com frequência. Todas as outras mensagens terão um maior significado para aqueles que estão entusiasmados sobre a vinda de Cristo. É uma mensagem que purifica o coração. João escreveu: “Quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele... E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro.” (I João 3.2-3).

Paulo, o pregador, usou a mensagem de Sua vinda como um trampolim para poupar os tessalonicenses de decepção:

“Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e pela nossa reunião com ele, que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis... Ninguém de maneira alguma vos engane” (II Tessalonicenses 21-3).

Quão maravilhosa é a mensagem da vinda de Cristo! A Palavra de Deus é verdadeira e autêntica somente se a mensagem de Sua vinda for verdadeira e autêntica. Paulo tinha tanta certeza da Segunda Vinda de Cristo que a usou como um teste em favor de todos os outros ensinamentos bíblicos. Paulo, como Cristo e os anjos, usou a mensagem da vinda de Cristo para acalmar os corações perturbados. Ele escreveu aos tessalonicenses: “Porque, qual é a nossa esperança, ou gozo, ou coroa de glória? Porventura não o sois vós também diante de nosso Senhor Jesus Cristo em sua vinda?” (I Tessalonicenses 2.19).

Devemos confortar-nos uns aos outros com estas palavras.

II. O PROPÓSITO DE SUA VINDA

Os propósitos de Deus são como as correntes de um rio profundo. Eles são como as águas que começam como uma nascente, transformam-se em rios e, finalmente, enchem lagos e mares. A Segunda vinda de Cristo para a Sua noiva é o cumprimento máximo de todos os seus desejos e propósitos. Ao escrever à Igreja de Éfeso, Paulo explica o propósito total da criação e do trato de Deus com a humanidade:

“Como também nos elegera nele antes da fundação do mundo... E nos predestinou para filhos de adoção... nos fez agradáveis a si no Amado...Descobrimo-nos o mistério da sua vontade... De tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos... havendo sido predestinados, conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade.” (Efésios 1.4-6, 9-11).

Os fins para os quais Cristo veio ao mundo tornaram-se um renascimento de propósito para nós que cremos, que não tínhamos uma razão de viver, sem Deus e sem esperança neste mundo. Servir a Cristo apenas pelos “pães e peixes”, para uma alma desesperada e angustiada, significa morrer. Para cumprir todo o propósito de Deus para nós, devemos estar prontos para o retorno do Senhor. Esta é certamente a “geração do arrebatamento”, e há muitos que vivem agora que, como Enoque e Elias, nunca provarão a morte, mas verão vir o Filho do homem com poder e grande glória.

A. O Arrebatamento

A palavra arrebatamento nunca é usada nas Escrituras como a definição de um ato de Deus ou uma experiência de Seu povo. No entanto, a palavra pode ser significativamente utilizada para descrever a busca à distância da noiva de Cristo. De acordo com o *Webster*, o *arrebatamento* descreve o ato de “levar embora no corpo ou no espírito, para ser apanhado em êxtase e alegria.”

Quando a igreja for arrebatada, ela se tornará uma igreja imortal, destinada a viver para sempre. Jesus nunca falou da imortalidade em Seu ministério, mas a vida eterna é falada pelo menos setenta vezes no Novo Testamento. Este é o objetivo principal do Arrebatamento: dar a vida eterna para aqueles que são dignos. Fazer parte do Arrebatamento é ser mudado e ter um corpo semelhante ao próprio corpo de Cristo. João declarou: “Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos.” (I João 3.2).

Estamos bem conscientes de nossa posição atual em nosso relacionamento com Deus. Nós somos Seus filhos. No entanto, para conceber o que seremos, quando do arrebatamento, tudo o que temos são conjecturas e especulações. Não há nada que possamos ver no mundo natural que possa nos ajudar a desvendar o mistério de como seremos em nosso estado glorioso. Somente o arrebatamento irá esclarecer este mistério.

Uma parte da Escritura de nossa lição é da carta de Paulo aos Tessalonicenses. Por ser uma igreja muito jovem, os crentes tinham caído em alguns erros trágicos sobre a doutrina da volta de Cristo. Para combater esses erros, Paulo revelou-lhes os vários mistérios sobre o assunto da Segunda Vinda.

Os tessalonicenses estavam preocupados com aqueles que estavam dormindo em Cristo e sobre qual seria a situação deles na ressurreição. Paulo explicou, escrevendo: “Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com ele.” (I Tessalonicenses 4.14).

Podemos pensar que é inacreditável que Cristo possa levantar outros dentre os mortos e glorificá-los, quando ele realizou esse milagre consigo mesmo? Não! Os que estivermos vivos quando da vinda de Cristo permaneceremos vivos, mas não precederemos os que dormem.

Os escritos de Paulo aos Tessalonicenses testemunham o que os anjos disseram aos discípulos de Cristo no Monte das Oliveiras. Eles disseram: “Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir.” Agora, Paulo escreveu: “Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido...”. Que revelação gloriosa!

B. O Fim de uma Era

O arrebatamento da igreja vai encerrar a época da pregação do evangelho. O fim desta era foi profetizado pelo próprio Cristo em Mateus 2.14: “E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, para testemunho a todas as nações, e então virá o fim.”

Em contraste notável, é importante notar o longo período de tempo conhecido como a Era da Igreja, em comparação com o curto espaço de tempo do derramamento da ira de Deus. É revelado nas Escrituras que, se aqueles dias não fossem abreviados, não haveria ninguém que se salvasse. Quando comparamos a graça de Deus com a Sua ira, começamos a entender tanto a bondade quanto a severidade do Senhor (Romanos 11.22). Deus prolonga os dias da Sua bondade para com a humanidade, enquanto que encurta os dias de Sua severidade.

Nos dias de Noé, a bondade de Deus concedeu aos homens 120 anos para serem salvos, mas os varreu a todos em poucos dias. Precisamos contemplar, tanto a “bondade quanto a severidade de Deus”. No entanto, nós temos a promessa gloriosa de que, se obedecermos ao evangelho e formos fiéis ao Senhor, vamos fugir da terrível ira que está por vir. Como disse Paulo: “Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo” (I Tessalonicenses 5.9).

III. PREPARAÇÃO PARA A SUA VINDA

Um dos grandes sinais a se cumprirem em nossos dias é a rapidez com que Deus está colocando os toques finais em Sua igreja. “Porque ele completará a obra e abreviá-la-á em justiça” (Romanos 9.28).

O grande ajuntamento de almas e a pregação do evangelho em novas áreas do mundo é outro sinal evidente do fim desta era.

Além desses sinais, vemos a ansiedade por parte do povo de Deus pela Sua volta. Mais e mais pessoas estão dizendo: “Ora vem, Senhor Jesus”.

O maior sinal, no entanto, é a preparação que está agora a ser feita para a próxima era. Isto ocorreu muitas vezes no passado, quando da transição de uma dispensação para a outra. Quando isso acontece, só podemos esperar a conclusão de uma era e a transição para a outra.

A. A História se Repete

Em Seu ministério, Jesus não nos deixou sem testemunhas a respeito de como podemos correlacionar as atuais condições espirituais com os últimos acontecimentos

históricos. De um modo geral, as condições que existem antes de um julgamento se devem à depravação pecaminosa do homem.

Jesus disse: “E, como foi nos dias de Noé, assim será também na vinda do Filho do homem” (Mateus 24.37). Nos dias que antecederam o dilúvio, os homens eram culpados de grosseira intemperança. Eles estavam corrompendo-se com o pecado do excesso. Como milhões hoje, eles estão pegando os padrões legais da vida e transformando-os em perversões pecaminosas. Eles comiam em excesso, bebiam vergonhosamente, e casavam-se fora dos limites da lei de Deus. Os pecados de intemperança serão julgados e farão com que muitos sejam deixados para trás na vinda do Senhor.

As previsões de Cristo se tornaram realidade. Deste lado do julgamento, encontramos as mesmas condições existentes em nossa civilização moderna. Comparar os dias de Noé e os dias atuais é ver duas civilizações com semelhantes padrões de comportamento pecaminoso. Tal semelhança, de acordo com Jesus, deve levar-nos a perceber que o Filho do Homem aparecerá em breve. Nesse relato, outro sinal aparece como uma terrível tragédia. É o desconhecimento das pessoas de um julgamento iminente. Jesus refletiu sobre essa falta de preparação: “E não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem” (Mateus 24.39).

A história se repete. Noé, o primeiro pregador da justiça, pregou por mais de 100 anos. Ele chamou e avisou o povo para se preparar para o dilúvio, e era ouvido o som de suas próprias mãos construindo a arca para salvar sua casa. Da mesma forma, Jesus advertiu Seus discípulos e esta geração: “Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor... Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há de vir à hora em que não penseis.” (Mateus 24.42, 44).

Muitas pessoas hoje não se apercebem ou não são sensíveis aos acontecimentos incomuns que estão se passando em todo o mundo. Muitos estão fazendo a pergunta predita por Pedro: “Onde está a promessa da sua vinda? porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação” (II Pedro 3.4). Pedro comparou as coisas que são ditas hoje pelos homens com o descrédito dos antediluvianos com relação à possibilidade de um dilúvio. Mas, tão certo como houve uma arca e um dilúvio, haverá também um arrebatamento da igreja.

B. Jesus nos Está Preparando

“O Céu é um lugar preparado para um povo preparado.”

Jesus disse: “Eu vou preparar-vos lugar”. João, o Revelador, testemunhou desse lugar. Ele disse: “E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido” (Apocalipse 21.2).

Três coisas fazem parte do preparo para a volta de Cristo:

- Devemos crer e aceitar o evangelho.
- Devemos diligentemente buscar um maior conhecimento das Escrituras e viver de acordo com esse conhecimento, até nos tornarmos homens perfeitos em Cristo Jesus.
- Temos que perseverar até o fim para podermos ser salvos.

Aceitar o evangelho é aceitar a experiência do “novo nascimento”. Ninguém está preparado para a Segunda Vinda de Cristo, a menos que tenha se arrependido de seus pecados, tenha sido batizado em nome do Senhor Jesus Cristo, e recebido o batismo do Espírito Santo, evidenciado pelo falar em outras línguas.

Ter tido apenas a experiência do “novo nascimento”, no entanto, não é suficiente para assegurar a preparação para a vinda de Cristo. Em cada oportunidade, nós temos que aprender e aplicar as Escrituras. Muitos rejeitam o conhecimento por se recusar a participar de estudos bíblicos. Deus também vai rejeitá-los na sua vinda. A perfeição nesta vida só pode ser alcançada vivendo-se de acordo com todo o conhecimento que temos tido o privilégio de adquirir e compreender.

Então, devemos perseverar até o fim, seja o fim de nossas vidas naturais ou o fim da era do evangelho. A Bíblia não ensina que “uma vez na graça, sempre na graça”. Ela não ensina uma segunda chance após a morte. A preparação deve ser feita nesta vida. “E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo” (Hebreus 9.27).

Que todos nós possamos estar lembrados, enquanto nos dirigimos ao encontro do Esposo, que é preciso fazer uma preparação para a viagem, pois pode ser maior do que pensamos e mais cedo do que acreditamos. Que possamos sempre lembrar que a mesma porta que fechou para as cinco virgens prudentes ficarem dentro é a mesma porta que fechou para que as cinco virgens loucas ficassem do lado de fora, e tudo por falta de um pouco mais de óleo. Na verdade, despreparo é loucura. É imperativo que nós façamos a nossa preparação para a eternidade agora! “E isto digo, conhecendo o tempo, que já é hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé” (Romanos 13.11).

Se Paulo podia admoestar seus ouvintes, mais de 1.900 anos atrás, com tanta urgência, quanto mais devemos nós, que estamos muito mais próximos do retorno do Senhor, atender este aviso.

O uso que Paulo faz da expressão “já é hora de despertarmos”² é muito interessante. Pode ser que a sua conversão, ocorrida ao “meio-dia”, o tenha levado a usar essa metáfora. Por outro lado, pode ser uma referência indireta à parábola de Jesus sobre as dez virgens, cuja chamada para atender o noivo ocorreu à meia-noite.

Ambos os termos são aplicáveis a nossa pregação para os perdidos. É tempo, “meio-dia”, no qual nos é dito que “agora é o dia da salvação” (II Coríntios 6.2). Como na experiência de Paulo na estrada de Damasco, a luz gloriosa do evangelho (II Coríntios 4.4) está brilhando nas vidas de homens rebeldes. Por outro lado, é a hora “meia-noite”, em que estamos vivendo os momentos mais sombrios do pecado que o homem já conheceu. Nossos ouvidos doem, ansiando pelo grito que venha cortar a escuridão: “Aí vem o Esposo! Saí-lhe ao encontro!” Nosso tempo de trevas em breve terminará, com o amanhecer de um novo e glorioso dia, um dia sem noite, em que o Cordeiro será a luz (Apocalipse 21.23). O Sol da justiça está prestes a surgir com a cura em suas asas (Malaquias 4.2)!

SUMÁRIO

“Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima” (Lucas 21.28).

No início desta lição, observamos os anjos dizendo para os discípulos pararem de olhar para o céu, quando da ascensão de Cristo. Agora somos instruídos a olhar para cima, porque o tempo de Sua volta está próximo. Todas as coisas estão prontas. Bendito aquele que o Senhor encontrar vigiando e aguardando.

REFLEXÕES

- Discuta as semelhanças e diferenças entre a primeira e a segunda vinda de Cristo.
- Qual foi a promessa da segunda vinda dada por Cristo; pelos anjos; pelos apóstolos?
- De acordo com Efésios, capítulo 1, qual é a relação entre o arrebatamento e a Unicidade?
- Por que o recolhimento dos santos na segunda vinda de Cristo é chamado de “Arrebatamento”?
- Qual a era que termina com o Arrebatamento? E qual é a era que se inicia?
- Quais são alguns dos sinais de que a volta do Senhor está próxima?

² Na versão em inglês é usada a expressão “high time” que está sendo explicada no contexto. Todavia, na versão portuguesa, a expressão correspondente, que poderia ser “alto tempo”, ou “alta noite”, não foi utilizada. (NT)

Capítulo 11 - Teste de Auto-ajuda

A Segunda Vinda de Cristo

Verdadeiro ou Falso: Circule a resposta correta.

1. A Segunda Vinda de Cristo é a esperança e conforto da igreja.
Verdadeiro ou Falso
2. O maior propósito da vinda de Cristo é buscar a Sua igreja.
Verdadeiro ou Falso
3. O Senhor deixou os Seus discípulos agarrados desesperadamente a uma falsa esperança.
Verdadeiro ou Falso
4. Homens e anjos têm confirmado a promessa de Deus referente à Sua volta.
Verdadeiro ou Falso
5. Por causa de tantos pontos de vista diferentes da profecia, nós não devemos pregar com frequência sobre a volta de Cristo.
Verdadeiro ou Falso
6. A mensagem da volta de Cristo provoca medo no coração dos crentes.
Verdadeiro ou Falso
7. Como crentes, devemos estar interessados em servir a Cristo apenas por “pães e peixes”.
Verdadeiro ou Falso
8. A palavra *arrebato* é usada frequentemente nas Escrituras.
Verdadeiro ou Falso
9. A frase “levar embora” (buscar) é usada nas Escrituras.
Verdadeiro ou Falso
10. Ser arrebatado ou levado embora é mudar e ter um corpo como o corpo de Cristo.
Verdadeiro ou Falso
11. Se obedecermos ao evangelho e vivermos fielmente para o Senhor, iremos escapar da terrível ira de Deus por vir.
Verdadeiro ou Falso

12. Comparar os dias de Noé com os nossos próprios dias é ver duas civilizações com pecados e padrões de comportamento semelhantes.

Verdadeiro ou Falso

Capítulo 12

RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

FOCO

A ressurreição dos mortos é o maior milagre de todas as eras. Toda a natureza testifica desta verdade.

VERSO CHAVE

“Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão.” (João 5.25).

CONTEXTO BÍBLICO

Atos 2.22-33; 17.24-32; Mateus 22.23-32; Lucas 14.7-14; Romanos 1.1-4; I Pedro 1.1-11

INTRODUÇÃO

Uma vez que Jesus Cristo é o criador de todas as coisas, temos a nossa origem nEle, e, por causa de Sua ressurreição, temos também o nosso destino nEle. Porque Ele vive, todos os mortos ressuscitarão, uns para a vida eterna e outros para o desprezo eterno.

O tema central da doutrina dos apóstolos é o ensinamento sobre a ressurreição. Paulo era um dos seus maiores defensores. Ele explicou como e porque este é um princípio fundamental da Igreja: “Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, e foi feito as primícias (o primeiro) dos que dormem” (I Coríntios 15.20).

Esta Escritura dá a Cristo, mais um “primeiro” nos anais da Sua vida como o Salvador do mundo. Jesus tinha muitos desses “primeiros” que nunca serão igualados ou

superados. Sua ressurreição foi uma realização pessoal total. Muitos podem depor suas vidas, mas somente Cristo pôde dizer: “Eu tenho poder para tomá-la de novo” (João 10:18). Ele podia fazer isto, porque era homem e Deus.

Muitas vezes, o homem pode iniciar as coisas, mas não pode fazê-las parar. Paulo explica essa fraqueza no homem e no poder de Cristo. “Porque assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem.” (I Coríntios 15.21). A doutrina da ressurreição é a base sobre a qual todas as outras doutrinas são pregadas. Na verdade, torna-se o fundamento para toda a nossa fé.

“E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé” (I Coríntios 15.14).

Aqueles que acreditam no milagre da ressurreição de Cristo terão coragem de viver para Deus e ter esperança para o futuro. A dobradiça sobre a qual se move a porta para a imortalidade é o conhecimento de que Jesus vive. A fundação da igreja do Novo Testamento é o sepulcro vazio.

Esta lição não só irá mostrar-nos os pontos de interesse relativos às provas positivas da ressurreição de Cristo, mas também apoiar as verdades sobre os vários “episódios” da ressurreição (como iremos chamá-los). Estes episódios irão revelar a proximidade que eles têm em relação às nossas próprias experiências espirituais e também conscientizar cada indivíduo sobre sua posição relativamente às várias recompensas ou julgamentos no fim dos tempos.

I. A PROMESSA DA RESSURREIÇÃO

Nosso futuro é como um livro selado, cujo conteúdo jamais será conhecido, se não há ressurreição dos mortos. Tudo que tenha qualquer valor eterno será inútil, se a promessa de voltar da morte para a vida for apenas mítica e não factual. Todos os objetivos de um Senhor ressuscitado teriam permanecido no túmulo com um Mestre morto.

A promessa de uma ressurreição e as conquistas posteriores do Cristo ressuscitado são as maiores provas de um Salvador ressuscitado. As obras de muitos grandes homens morreram com eles, como as obras de poetas, de artistas e de arquitetos. Mas as obras de Cristo continuam, pois Ele está vivo, não só para criar, mas para supervisionar as obras que trouxe à existência.

O salmista Davi não só acreditava em Jeová, Deus, mas também acreditava em um Cristo ressuscitado. Ele nos deu um suporte bíblico deste tema, com esta promessa profética: “Portanto está alegre o meu coração e se regozija a minha glória; também a

minha carne repousará segura. Pois não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção” (Salmo 16.9-10).

Davi, nesta passagem, regozijou-se na esperança de que sua carne iria descansar no túmulo, por causa da certeza da ressurreição de Cristo. Sua própria alma não seria deixada no inferno (a sepultura), porque o Santo (Cristo) foi levantado antes que pudesse ver a corrupção. Para verificar que Jesus era o Santo de que fala Davi, leia Atos 4.25-27.

Embora Cristo fosse morrer e ser enterrado, Ele não permaneceria na sepultura tempo suficiente para que Seu corpo se deteriorasse ou fosse corrompido. Se bem que isto se refira ao corpo físico ou natural de Cristo, nós podemos olhar para a incorruptibilidade dos nossos corpos espirituais. Como Davi, nossa carne repousará em esperança, sabendo que, quando formos ressuscitados, isto que é mortal se revestirá de imortalidade e isto que é corrupto se revestirá da incorruptibilidade. Se Cristo tivesse sido corrompido em seu corpo natural, não teríamos nenhuma esperança de um corpo incorruptível espiritual.

Devemos agradecer a Deus pelo sinal anterior do profeta Jonas, que esteve três dias e três noites no ventre da baleia (Mateus 12.39-40). Este foi o único sinal que Jesus deu à Sua geração, e o fez referindo-se à Sua ressurreição.

Ao contrário de Jesus, Lázaro esteve no túmulo por quatro dias (João 11). Suas irmãs indicaram que ele já estava em estado de degeneração. Sem dúvida, Jesus permitiu isto para provar que Ele pode trazer à incorrupção o que já está corrompido. Apesar de Lázaro não ter sido glorificado naquele momento, a sua ressurreição trouxe esperança para o povo de Deus de que, na ressurreição, aquilo que foi corrompido se tornará incorruptível. Melhor ainda, nós, que somos mortais, seremos glorificados e existiremos em um estado de imortalidade.

Para provar a divindade de Jesus Cristo, temos a Sua palavra para as irmãs de Lázaro, antes que Ele mesmo fosse ressuscitado: “Eu sou a ressurreição e vida, e aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá” (João 11.25).

Ele podia falar essas palavras, porque Ele era a Palavra eterna, que está sempre no tempo presente!

A. A Fé de um Patriarca

A história da ressurreição vai muito mais além no passado do que aquela manhã de Páscoa, quando Jesus deixou o túmulo. Muitos dos patriarcas e escritores do Antigo Testamento, apesar de não conhecerem a realidade da ressurreição, escreveram sobre tal acontecimento.

Um desses homens foi Jó. Ele lança muita luz sobre o fato da ressurreição. Foi enquanto atravessava as horas mais sombrias de sua vida (como Jesus), que a verdade sobre o que viria “após a vida” o susteve. O escritor de Hebreus captou a angústia do Senhor e seu triunfo em uma frase tensa: “Olhando para Jesus, autor e consumidor da fé, o qual, pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz, desprezando a afronta, e assentou-se à destra do trono de Deus” (Hebreus 12.2).

Observe primeiro o desespero de Jó: “Por que me perseguis assim como Deus, e da minha carne não vos fartais? Quem me dera agora que as minhas palavras fossem escritas! Quem me dera, fossem gravadas num livro! E que, com pena de ferro, e com chumbo, para sempre fossem esculpidas na rocha!” (Jó 19.22-24).

Observe a grande exclamação com que Jó pronunciou estas palavras e quão verdadeiro era o seu desejo de ver cumpridas as suas palavras! E, de fato, suas palavras foram escritas em um livro (a Bíblia), e estavam indelevelmente esculpidas em uma rocha (na fundação da igreja). As palavras de Jó foram uma declaração profética sobre a Rocha, Cristo Jesus, na qual a verdade da ressurreição seria um dia tão indelevelmente gravada que iria durar para sempre. “Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra. E depois de consumida a minha pele, contudo, ainda em minha, carne, verei a Deus” (Jó 19.25-26).

B. O Conhecimento de um Profeta

O profeta Daniel era um homem instruído em toda a sabedoria, douto em ciência, possuidor de muito conhecimento e tinha grande habilidade para assistir no palácio do rei. (Veja Daniel 1.4). Este grande homem foi usado para interpretar sonhos e escrever visões. Seu conhecimento era de grande importância para o rei, pois ele tinha um “entendimento da ciência”. No entanto, uma das maiores revelações que recebeu Daniel foi a verdade da ressurreição. “E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno” (Daniel 12,2).

Neste Escritura está a revelação dos dois destinos dos homens: a vida eterna ou condenação eterna. Muitos têm dito: “Quando você está morto, você está simplesmente morto, e este é fim de tudo”. Mas as palavras de Jesus dizem o contrário: “Não vos maravilheis disto; porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação.” (João 5.28-29).

Com estas palavras, Jesus confirma o testemunho do profeta Daniel de que a ressurreição não é somente para o justo, mas também para os ímpios e injustos. Na ressurreição, todos os homens irão ser proporcionalmente recompensados. Alguns receberão o dom da vida eterna, enquanto outros vão receber o salário do pecado, que é a morte.

“Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda. E, eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra” (Apocalipse 22.1-12).

O profeta Isaías também tem uma mensagem sobre a ressurreição: “Os teus mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho será como o orvalho das ervas, e a terra lançará de si os mortos. Vai, pois, povo meu, ... esconde-te ... até que passe a ira.” (Isaías 26.19-20).

Isaías, como todas as pessoas que acreditam na ressurreição, compreendia claramente que nem a vida nem a morte são para sempre. A profecia não somente prometeu vida dentre os mortos, mas nos fez saber que os nossos túmulos são apenas um esconderijo. Não devemos olhar pesadamente para a morte, pois haveremos de ressuscitar do pó e cantar os louvores de Deus.

Jó tinha um conceito semelhante sobre a sepultura: “Quem dera que me escondesses na sepultura, e me ocultasses até que a tua ira se fosse; e me pusesses um limite, e te lembrasses de mim! Morrendo o homem, porventura tornará a viver? Todos os dias de meu combate esperaria, até que viesse a minha mudança.” (Jó 14.13-14).

Daniel, Isaías e Jó, todos tinham esperança na ressurreição. Eles estavam certos de que uma grande mudança ocorreria quando os santos de Deus fossem ressuscitados.

Paulo resumiu em seus escritos para os santos de Corinto e de Filipos: “Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados; Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados” (I Coríntios 15.51-52). “Esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso” (Filipenses 3.20-21).

C. A Garantia de um Apóstolo

Paulo usou a doutrina da ressurreição como a espinha dorsal de seu ministério de pregação. Ele testemunhou uma boa profissão de fé diante de reis e magistrados, e fez dos pontos principais de suas pregações que Jesus era: o Filho de Deus; era o Cristo; o Senhor ressuscitado.

- Quando Paulo foi levado perante o concílio de Jerusalém, ele clamou: “Homens irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseu; no tocante à esperança na ressurreição dos mortos sou julgado” (Atos 23.6).

- Paulo, em pé diante de Félix, declarou: “Tendo esperança em Deus, como estes mesmos também esperam, de que há de haver ressurreição de mortos, assim dos justos como dos injustos” (Atos 24.15).
- Ante Festo, Paulo também afirmou a ressurreição. Na verdade, o único ponto de interesse para Festo era que Paulo foi acusado de acreditar em “um tal Jesus, morto, que Paulo afirmava viver” (Atos 25.19).
- Paulo declarou diante de Agripa: “Mas, alcançando socorro de Deus, ainda até ao dia de hoje permaneço dando testemunho tanto a pequenos como a grandes, não dizendo nada mais do que o que os profetas e Moisés disseram que devia acontecer, isto é, que o Cristo devia padecer, e sendo o primeiro da ressurreição dentre os mortos, devia anunciar a luz a este povo e aos gentios” (Atos 26.22-23).

Através destas quatro defesas por parte do apóstolo Paulo, chegamos a compreender a importância da doutrina da ressurreição. Ele estabeleceu o fato de que todas as doutrinas religiosas são inúteis, se Cristo não está vivo. Estabelecer a verdade da ressurreição é fornecer as bases para o ensino das doutrinas do batismo (ver Hebreus 6.2), isto é, da água e do Espírito. Todas as doutrinas que dizem respeito à conversão e salvação têm sua origem na morte, sepultamento e ressurreição do Senhor Jesus Cristo.

Paulo declarou sua esperança ante todos os seus acusadores. O que ele foi e o que ele fez foi o resultado de uma crença firme e constante em um Cristo vivo. Tão grande era o seu testemunho que um daqueles homens estremeceu e outro quase foi convencido a se tornar um cristão. Sem dúvida, todos eles compartilhavam a opinião de Agripa, quando disse: “Bem podia soltar-se este homem, se não houvera apelado para César” (Atos 26.32).

II. A PRIMEIRA RESSURREIÇÃO

Quando Jesus Cristo se tornou as primícias dos que dormem, Ele estabeleceu a crença de uma vida após a morte. Ele rompeu as cadeias da morte e tornou-se vitorioso sobre a morte, o inferno e a sepultura. Devido a esta vitória, o último inimigo a ser destruído é a morte. O inferno pode ser evitado como um destino, e o túmulo não terá vitória sobre aqueles que são salvos. Paulo perguntou: “Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?” (I Coríntios 15.55).

Quando foi oferecido aos heróis da fé de que fala o livro de Hebreus um escape para suas aflições, eles não aceitariam a libertação, “para alcançarem uma melhor ressurreição” (Hebreus 11.35). Que ressurreição poderia ser melhor do que a primeira?

“Bem aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte” (Apocalipse 20.6).

Aqueles que fazem parte da primeira ressurreição são tidos como bem-aventurados e santos. Eles vão escapar da segunda morte, que é o julgamento final dos ímpios e injustos, cujo destino é o lago de fogo.

A. Os Primeiros Frutos

Jesus Cristo, que foi as primícias da ressurreição, representou as primícias da colheita que Israel apresentava ao Senhor. A Escritura apresenta este seguinte paralelo: “Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando houverdes entrado na terra, que vos hei de dar, e fizerdes a sua colheita, então trareis um molho das primícias da vossa sega ao sacerdote; E ele moverá o molho perante o SENHOR, para que sejais aceitos” (Levítico 23.10-11)

A morte e ressurreição de Jesus assemelha-se com o plantio de uma semente e a antecipação da colheita, no tempo devido. Quando chegava o tempo da colheita, Israel devia trazer o primeiro molho, que era movido perante o Senhor, por tê-los aceitado como nação. Jesus, nosso Senhor, foi o primeiro molho da colheita da ressurreição e foi aceito pelo Pai, por nós. Ele conhecia muito bem o Seu propósito. “Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto.” (João 12.24).

Jesus, é claro, era aquele grão de trigo, e Ele, de fato, morreu, foi sepultado e, com a Sua ressurreição, trouxe uma grande colheita de almas e deu-lhes a esperança da imortalidade.

“Um missionário que desejava ensinar a um grupo de muçulmanos a verdade da ressurreição de Cristo, disse: “Estou viajando e chego a um lugar onde duas estradas se encontram. Eu procuro por alguém que me dê uma informação e vejo dois homens: um morto, e o outro vivo. A qual dos dois devo perguntar pela direção, o mortos ou o vivo?” “O vivo, é claro”, respondeu o povo. “Então”, disse o missionário, “por que me mandam para Maomé, que está morto, em vez de ir a Cristo, que está vivo?” – do *Pulpit Helps*. (Ajuda para o Púlpito).

Quando Jesus se tornou as primícias da ressurreição, Ele nos deu uma visão do poder da ressurreição, não só em Si mesmo, mas para aqueles que se qualificarem para a sua própria ressurreição. Os eventos que acompanharam a crucificação de Cristo incluíram uma ressurreição massiva de mortos. Verdadeiramente este foi um testemunho para o propósito da cruz.

“E abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados; E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na cidade santa, e apareceram a muitos.” (Mateus 27.52-53).

Devido ao conhecimento deste grande acontecimento, levantamos nossas vozes com o apóstolo Paulo: “Para conhecê-lo, e à virtude da sua ressurreição, e à comunicação de suas aflições, sendo feito conforme à sua morte; Para ver se de alguma maneira posso chegar à ressurreição dentre os mortos” (Filipenses 3.10-11).

Paulo deixa claro que, para ser ressuscitado, como Cristo, é preciso morrer, “sendo feito conforme a sua morte”. Com Cristo, foi uma morte natural, mas para nós deve ser um morrer para o pecado e para a natureza adâmica. Devemos ser plantados, ou sepultados na semelhança da Sua morte, no batismo na água, da qual, como a glória do Pai ressuscitou Jesus do sepulcro, assim também havemos de subir para andar em novidade de vida. Através da experiência do “novo nascimento”, nos tornamos novas criaturas em Cristo Jesus; as coisas velhas já passaram e tudo se fez novo. Agora, temos de permanecer nesta nova criação, até que Cristo venha para buscar a Sua Igreja. E se estivermos “vivos e perseverantes” ou “mortos e esperando”, seremos arrebatados para estar com o Senhor.

B. Os Milagres da Ressurreição

Um milagre é um evento que está além do poder de qualquer lei física conhecida. É uma ocorrência sobrenatural, produzida pelo poder de Deus. Assim, os fenômenos da ressurreição só podem ser designados como milagres. Quando Jesus ressuscitou Lázaro dentre os mortos, os fariseus reuniram-se em um conselho e disseram: “Que faremos? porquanto este homem faz muitos sinais.” (João 11.47). Para eles, a ressurreição dos mortos era de fato um milagre. O maior milagre de todos foi a ressurreição de Cristo. Isso se deveu ao fato de que Cristo, tendo dupla natureza, sendo tanto Deus como homem, deu a Sua vida e trouxe a Si mesmo de volta à vida (João 10.18).

O Pentecostes foi um milagre da ressurreição! Lucas registrou: “De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra; e naquele dia agregaram-se quase três mil almas” (Atos 2.41).

Neste relatório, nós vemos realizado um grande milagre, o milagre da salvação trazida a cerca de três mil almas em um só dia. No entanto, há um outro milagre que, talvez, nunca poderia ser detectado se não olhássemos para o interior das pessoas envolvidas. Precisamos ver a letargia e complacência, e mesmo hostilidade que existia neles sobre o ministério e a vida de Jesus Cristo.

O que foi responsável por tantos milhares de crentes aceitarem a mensagem de Pedro, logo após a morte, sepultamento, ressurreição e ascensão de Cristo? Essas pessoas tinham que ser treinadas nos métodos e doutrinas da igreja nascente. No entanto, elas não estavam apenas dispostas a aceitar Jesus como “Senhor e Cristo”, mas, posteriormente, se tornaram dispostas a sofrer perseguição e até a morte por Ele.

A mudança de atitude dessas pessoas foi provocada unicamente por causa de sua aceitação da mensagem de Pedro, quando ele os impressionou, sob acusação pela crucificação de Jesus: “Saiba pois com certeza toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo. E, ouvindo eles isto, compungiram-se em seus corações, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, homens irmãos?” (Atos 2.36-37).

Quando as três mil pessoas creram e foram convencidas de que Jesus estava vivo e disposto a perdoá-las, elas obedientemente aceitaram a mensagem de Pedro e foram batizadas em nome de Jesus Cristo, e receberam o Espírito Santo. O ponto decisivo foi a crença no milagre da ressurreição de Cristo. Até esse momento, mesmo os apóstolos foram atacados com dúvidas, muitas vezes tímidos, às vezes faziam coisas precipitadas, mas, depois da ressurreição, eles foram totalmente mudados. Eles receberam uma rápida compreensão do que deviam pregar e se tornaram ousados em proclamar a mensagem.

Esta ousadia era absolutamente necessária, tendo em vista as muitas doutrinas errôneas prevalecentes então. Alguns eram da opinião de que a ressurreição ficara no passado: “Os quais se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição era já feita, e perverteram a fé de alguns” (II Timóteo 2.18).

Que a ressurreição estava no futuro era a opinião aceita por muitos. Por exemplo: “Disse-lhe Marta: Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do ultimo dia” (João 11.24). Alguns não acreditavam absolutamente na ressurreição: “No mesmo dia, vieram a ele os saduceus, os quais dizem que não existe ressurreição” (Mateus 22.23).

Jesus, entretanto, respondeu a todas as dúvidas com Sua declaração sobre Si mesmo: “Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá” (João 11.25).

Quando consideramos o erro da teoria da “não ressurreição”, é nosso dever reafirmar o propósito real da ressurreição de Jesus Cristo.

O milagre da ressurreição apoia o milagre da salvação! Os quatro passos básicos e importantes da vida de Cristo – Sua morte, sepultamento, ressurreição e ascensão – são paralelos da nossa própria experiência do novo nascimento. Nisto repousa nossa esperança do arrebatamento da igreja. A cruz na qual Jesus morreu é representativa da morte dos que morrem para o pecado através do arrependimento. A tristeza segundo Deus opera arrependimento, e o arrependimento representa a morte para aqueles que confessam seus pecados a Jesus Cristo. O sepultamento de Cristo no túmulo é representativo de nosso batismo na água em nome de Jesus Cristo. A ressurreição de Jesus é indicativa de nossa saída do sepultamento nas águas, onde deixamos um passado morto. Agora, ressurgimos para andar na nova vida, através do Espírito e no poder de Deus, tendo sido preenchidos com o poder da ressurreição e do Espírito Santo. Agora, como Cristo,

teremos um tempo de espera antes da nossa trasladação. Muito em breve, no entanto, esperamos “subir”, no arrebatamento!

C. Qualificações para a Primeira Ressurreição

Se os da primeira ressurreição são “bem-aventurados e santos”, então para fazer parte da primeira ressurreição a pessoa deve ser reconhecida como um santo de Deus. Foram os corpos dos “santos” que ressurgiram na crucificação de Jesus, não os corpos dos “pecadores”.

Em todas as épocas haverá aqueles que se qualificam como santos. Nós, desta era precisamos ter a experiência do “novo nascimento” para sermos qualificados para a primeira ressurreição. Nosso objetivo é “ver” o reino de Deus (João 3.3). Nossa esperança é ouvir a trombeta de Deus, que deverá alertar os mortos e os vivos para Sua vinda. No entanto, no nosso tempo, não podemos ser qualificados para a primeira ressurreição, a menos que tenhamos nascido de novo da água e do Espírito e vivamos uma vida santa diante de Deus. Perder o arrebatamento é tornar-se uma presa para o poder da segunda morte.

III. A ÚLTIMA RESSURREIÇÃO

Nos últimos dias de Seu ministério, Jesus falou da última ressurreição e do juízo final: “E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; E todas as nações serão reunidas diante dele” (Mateus 25.31-32).

SUMÁRIO

Jesus Cristo foi zombado, chicoteado, empurrado pelas ruas, pregado numa cruz, traspassado por uma lança, vestido em roupas fúnebres e sepultado em um túmulo. Mas Ele ressuscitou, vivo e mais forte do que nunca! O mundo pegou o melhor de Deus e O fez sofrer e O destruiu por três dias, mas, fiel à Sua palavra, Ele construiu o templo de novo e prometeu fazer o mesmo para todos aqueles que creem nEle. “Porque eu vivo, e vós vivereis” (João 14.19).

REFLEXÕES

- Qual a importância da doutrina da ressurreição com relação às demais doutrinas?
- Para quem Paulo testemunhou com respeito à defesa da ressurreição?
- Nomeie os diferentes episódios da ressurreição.
- Resuma as regras de causa e efeito com relação à ressurreição de Cristo e nós.

Capítulo 12 - Teste de Auto-ajuda

Ressurreição dos Mortos

Dê respostas curtas.

1. O tema central da doutrina dos apóstolos se refere à _____
2. A doutrina da ressurreição é a _____ sobre a qual todas as outras doutrinas são pregadas.
3. _____ é uma referência que mostra que Davi acreditava na ressurreição de Cristo.
4. O único sinal que Jesus deu à Sua geração foi em referência _____
5. Dê referências mostrando que os seguintes personagens do Antigo Testamento acreditavam em ou tinham esperança na ressurreição.
 - a. Daniel _____
 - b. Isaías _____
 - c. Jó _____
6. Que esperança Paulo declarou diante de todos os seus acusadores? _____
7. A morte e ressurreição de Jesus assemelham-se a que duas coisas? _____
8. Que evento acompanhou a crucificação de Cristo? _____
9. Por que foi a ressurreição de Cristo o maior de todos os milagres? _____
10. Quando os 3000 obedientemente aceitaram a mensagem de Pedro no Dia de Pentecostes? _____
11. Que outro milagre é apoiado pelo milagre da ressurreição? _____

Notas Pessoais de Estudo

Capítulo 13

O JULGAMENTO

FOCO

Todos devem entender que irão prestar contas a Deus dos seus pensamentos, palavras e ações. O homem colherá aquilo que tiver plantado. Esta é a lei da colheita.

VERSO CHAVE

“Porque Deus há de trazer a juízo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau.” (Eclesiastes 12.14).

CONTEXTO BÍBLICO

Judas 14-25; II Pedro 2.1-9; 3.1-13; Salmo 89.13-18; 97.1-6; Apocalipse 22.11-19; Romanos 2.1-13

INTRODUÇÃO

O tema dos nossos estudos é a doutrina dos Apóstolos. Este estudo sobre o julgamento é referido como doutrina em Hebreus 6.2. Então, se isto é uma doutrina, torna-se parte integrante de nosso ministério de pregação e ensino. É também considerada parte de nossa fé.

Pregar sobre o julgamento não é negar a bondade e misericórdia de Cristo, mas sim embelezar ainda mais o Seu carácter. De fato quando pregamos sobre o “Juízo de Deus,” utilizamos um termo que identifica uma marca do Seu carácter. Precisamos lembrar que, no Seu trato com os homens, Deus age de duas maneiras.

“Considera pois a bondade e a severidade de Deus” (Romanos 11.22).

Entendemos que estas são características complementares do carácter. O Seu amor e misericórdia são mais preciosos por causa dos Seus rígidos juízos. Sua ira e indignação são temperadas por Sua bondade. Ele é, ao mesmo tempo, Salvador e Juiz.

Conta-se uma história sobre um garoto que entrou em um reservatório de águas profundas que havia sido um antigo local de natação, e estava se afogando. Um homem que estava a passar pelo caminho ao lado viu a agonia do rapaz, e saltando para a água, o salvou. Anos mais tarde, o rapaz caiu em más companhias, cometeu vários crimes graves e foi preso. Em pé, diante do tribunal, para receber sua sentença, o jovem, de repente, reconheceu a face do juiz. Seu coração saltou de esperança.

“Senhor”, ele exclamou, “Com certeza o senhor lembra de mim e vai ter misericórdia. Eu sou o rapaz que o senhor resgatou daquele tanque de natação anos atrás. Certamente, o senhor não vai tornar em vão aquele resgate enviando-me para a prisão!” O juiz reconheceu o rapaz, mas respondeu com tristeza: “Filho, naquele dia eu fui o seu salvador, mas hoje eu sou o seu juiz!”

“O Senhor é conhecido pelo juízo que fez” (Salmo 9.16).

De acordo com os princípios de Sua própria existência, Deus deve julgar da mesma maneira que recompensa. Ele deve reprová-lo da mesma forma como aprova. Jesus disse aos Seus discípulos que, quando o Espírito Santo viesse, não iria apenas confortar, mas iria convencer, condenar e reprová-lo o mundo.

“E quando Ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo... do juízo, porque já o príncipe deste mundo está julgado” (João 16.8, 11).

É inconcebível que o príncipe deste mundo seja julgado, e aqueles que o seguem não o sejam.

“O mandamento do SENHOR é puro, e ilumina os olhos... os juízos do SENHOR são verdadeiros e justos juntamente” (Salmo 19.8-9).

É impossível separar os mandamentos do Senhor dos juízos do Senhor. Um complementa o outro. Vale a pena servir a Deus e receber uma justa recompensa, mas nunca vale a pena pecar contra Deus. A alma que pecar morrerá e o salário do pecado é a morte, morte eterna.

I. JULGAMENTO DECLARADO

Na primeira conversa registrada que o Senhor teve com a humanidade, Ele estabeleceu a Si mesmo como o Juiz do comportamento humano. Com respeito ao fruto proibido, Deus disse: ““Porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.” (Gênesis 2.17). Esta lei de proibição era um teste à obediência humana, e daquele dia em diante toda desobediência recebe uma justa recompensa.

“Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal.” (II Coríntios 5.10).

Muitos estão dispostos a aceitar os favores de Deus, mas não Seus juízos. Entretanto, se o Senhor não é o nosso juiz, também não é nosso Pai celeste, pois qualquer pai verdadeiro reconhece a necessidade de julgar o certo e o errado na criação de seus filhos. O julgamento tem sido declarado como uma medida de segurança para o inocente e o indefeso. A maioria das pessoas não quereria viver numa sociedade que não tem nem lei, nem ordem. Através da lei e do cumprimento da lei, os direitos dos homens são estabelecidos e mantidos.

“Mas o Senhor está assentado perpetuamente; já preparou o seu tribunal para julgar. Ele mesmo julgará o mundo com justiça; exercerá juízo sobre os povos com retidão. O Senhor será também um alto refúgio para o oprimido; um alto refúgio em tempos de angústia ” (Salmo 9.7-9).

Nunca foi intenção de Deus que seus juízos fossem escuros e sombrios, mas um meio de dar à humanidade o refúgio da segurança divina. De fato, se os estatutos do Senhor são aceitos e obedecidos, eles trarão júbilo ao coração. O salmista disse: “Cantarei a misericórdia e o juízo” (Salmo 101.1).

A justiça divina é fundamental para a mensagem do evangelho, pois ela fala de um Cristo amoroso. Por outro lado Deus é severo na repreensão do pecado. Se Deus fosse um tirano, todos os homens, bons ou maus, conheceriam apenas a vingança de Sua ira. Mas a face do Senhor está apenas contra aqueles que fazem o mal. Pois para os que são retos, Ele mantém sua causa. Ele distribui a vingança sobre aqueles que oprimem o Seu povo. Assim como o Senhor Jeová julgou pelo prumo da justiça, fez também Seu Filho, Jesus Cristo. Isaías profetizou sobre o Seu reinado: “Eis que reinará um rei com justiça, e dominarão os príncipes segundo o juízo” (Isaías 32.1).

No Livro de Hebreus, nós lemos sobre a divindade de Cristo e do domínio sobre Seu reino atribuído a Ele por Seu Pai. “Mas, do Filho, diz: Ó Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos; Cetro de equidade é o cetro do teu reino” (Hebreus 1.8).

O apóstolo Paulo, em suas reflexões sobre a responsabilidade de pregar o evangelho, lembrou que Jesus disse aos apóstolos “pregar ao povo, e testificar que ele é o que por Deus foi constituído juiz dos vivos e dos mortos” (Atos 10.42).

Embora haja vários períodos de julgamento, cada dia é dia de julgamento para o povo de Deus. Paulo escreveu aos santos de Corinto, dizendo-lhes: “Porque se julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados” (I Coríntios 11.31). Esta autoridade nos foi dada para que se tornasse nossa própria responsabilidade aprovar-nos ou condenar-nos, através da apropriação das Escrituras para nossas vidas e consciência.

A. A História Mostra o Julgamento

Cada era tem uma história na qual tanto a bondade como o julgamento de Deus foram exercidos. Cada dispensação tem e terminará em julgamento. Isto simboliza que o que Deus faz num sentido geral, Ele fará num sentido pessoal e particular. “E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo” (Hebreus 9.27). As eras seguintes e seus respectivos términos são uma evidência conclusiva de que o ato final de Deus na vida terrena dos homens é julgá-los.

- *A Idade da Inocência* – Adão e Eva foram expulsos do Éden por sua desobediência.
- *A Idade da Consciência* – O mal dos antediluvianos trouxe um dilúvio, dando fim a esta idade.
- *A Idade da Fraternidade* – O governo humano terminou com a confusão das línguas em Babel, por causa de insubordinação e orgulho.
- *A Idade da Fé* – A dispensação da promessa terminou com as dez pragas sobre o povo do Egito.
- *A Idade da Lei* – ao dar a Lei, Deus requereu um sacrifício de sangue pelo pecado. Ele mesmo carregou sobre si o juízo desta idade no Calvário.
- *A Idade da Graça* – A Idade da igreja terminará com o arrebatamento da igreja e o derramamento da ira de Deus sobre os ímpios.
- *A Idade da Paz* – O Milênio terminará com o Julgamento do trono Branco.

B. Julgamento de Anjos e Homens

O apóstolo Pedro revelou alguns julgamentos históricos. Em sua segunda carta, são registrados em sequência três diferentes juízos que simbolizam o julgamento de todos os seres vivos. Em todos estes relatos, uma grande verdade é revelada. Em sua rebelião contra Deus, os ofensores se encontrarão um dia fora dos limites da misericórdia de Deus.

- *A queda dos anjos* – O primeiro julgamento caiu sobre um terço das hostes angélicas que não guardaram o seu primeiro estado. “Porque, se Deus não

perdoou aos anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo” (II Pedro 2.4).

Aqui, a ênfase deve ser colocada sobre o fato de que os anjos pecaram ainda antes da criação do homem. Todavia, eles ainda estão reservados para se defrontarem com Deus no juízo. Eles aprenderam que o tempo não diminui nem a culpa do pecado nem a sua penalidade. Assim como os anjos não mantiveram o seu estado original de pureza e obediência e estão debaixo de julgamento, há também um alerta para os cristãos do Novo Testamento que não guardam o seu “primeiro amor”.

“Tenho, porém, contra ti que deixaste o teu primeiro amor. Lembra-te, pois, de onde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras; quando não, brevemente a ti virei, e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se não te arrependeres” (Apocalipse 2.4-5).

- *O mundo antigo* – O segundo julgamento do qual Pedro escreveu foi o mundo antediluviano. “E não perdoou ao mundo antigo, mas guardou a Noé, pregoeiro da justiça, com mais sete pessoas, ao trazer o dilúvio sobre o mundo dos ímpios” (II Pedro 2.5).

Nesse relato, Deus varreu um mundo de pecadores. Como em cada um dos casos, eles foram avisados, mas não deram atenção. Noé pregou a justiça como modo de vida, a qual poderia tê-los levado à Arca e à segurança, todavia, apenas oito almas obedeceram. Jesus, também, pregou a justiça como modo de vida. A justiça foi o cetro do Seu reino. Seu reino foi introduzido para estabelecer justiça como juízo contra a impiedade. “E, se o justo apenas se salva, onde aparecerá o ímpio e o pecador?” (I Pedro 4.18).

- *As cidades ímpias* – A terceira menção do julgamento por Pedro foi a ira de Deus mostrada sobre as cidades de Sodoma e Gomorra. “E condenou à destruição as cidades de Sodoma e Gomorra, reduzindo-as a cinza, e pondo-as para exemplo aos que vivessem impiamente” (II Pedro 2.6).

Quando olhamos para estes julgamentos, podemos ficar inclinados a perder o ânimo e pensar que Deus é apenas um juiz e não um salvador. No entanto, ninguém tem uma boa razão para encontrar falhas nos juízos de Deus, quando diante dEle está a esmagadora evidência da Sua misericórdia. Deus tem uma promessa diante de toda a humanidade e esta promessa está em vigor. “O Senhor ... não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se” (II Pedro 3.9).

II. JULGAMENTO DA IGREJA

“Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus?” (I Pedro 4.17).

Deus fez de Sua igreja o arauto padrão, tanto para a verdade quanto para o julgamento. Paulo disse: “Para que saibas como convém andar na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade” (I Timóteo 3.15).

Se Deus julga a igreja digna, Ele irá julgar o mundo indigno. Se Ele desculpar a igreja, Ele irá acusar o mundo. Veja Isaías 10.12; Jeremias 25.29; Ezequiel 9.6.

A. Discernir o Corpo do Senhor

A igreja é reconhecida como o Corpo do Senhor, e aqueles que são seus membros possuem o discernimento quanto ao seu propósito e funções. Há uma condenação (sentença) para aqueles que falham em possuir este atributo espiritual. Isto é uma salvaguarda para evitar que se cometa o mal.

Você pode viver com abundância e gloriosamente, quando rodeado pelos santos e pelo ministério, mas, quando está sozinho, você, inevitavelmente, deve ser um bom pregador para sua própria alma, a fim de sobreviver. Isto pode ser alcançado através de um discernimento pessoal. “Porque o que come e bebe indignamente, come e bebe para sua própria condenação, não discernindo o corpo do Senhor. Por causa disto há entre vós muitos fracos e doentes, e muitos que dormem. Porque, se nós nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados.” (I Coríntios 11.29-31).

Paulo revelou a doença e morte prematura daqueles que tratam com negligência e irreverência o verdadeiro propósito da igreja (o corpo do Senhor). Somos responsáveis pelo nosso desempenho das funções da igreja. Deus colocou em nossas mãos a responsabilidade da pregação do evangelho, os frutos e os dons do Espírito, a obrigação de orar e ungir os que estão doentes e muitas outras demandas como estas. Se tratarmos estas obrigações de maneira displicente, sem o devido empenho, seremos considerados culpados por falhar em discernir e de comer e beber indignamente o corpo e sangue do Senhor.

B. Deus Julga a Igreja

“Mas, quando somos julgados, somos repreendidos pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo.” (I Coríntios 11.32).

Esta fase do julgamento cobre os castigos providos pelo Senhor para que possamos crescer e dar frutos. “Porque o Senhor castiga ao que ama” (Hebreus 12.6). Estes julgamentos não devem ser considerados pesados ou condenatórios, mas devem ser bem recebidos, pois provam ser as medidas corretivas para que não nos desviemos do caminho da salvação. Há, ainda, os julgamentos de recompensa, para aqueles que têm andado nos caminhos do Senhor. Não há dúvida de que era isto o que Davi tinha em mente, quando pediu ao Senhor: “Julga-me, SENHOR, pois tenho andado em minha sinceridade; ... Examina-me, SENHOR, e prova-me; esquadrinha os meus rins e o meu coração. Porque a tua benignidade está diante dos meus olhos; e tenho andado na tua verdade.” (Salmo 26.1-3).

Todo cristão deve estar em uma posição em que, como Davi, possa apresentar-se diante do Senhor sem temer os Seus juízos. É realmente gratificante para alguém julgar-se limpo de todo pecado e ter aquele julgamento confirmado pelo Senhor, dizendo-lhe: “Bem está!”.

C. Deus Julga o Pecado na Igreja

Nos quatro primeiros capítulos do Livro de Atos, são muitos os milagres de misericórdia. Estes foram milagres de cura e também milagres de salvação. Com todas estas coisas maravilhosas acontecendo, é difícil perceber que o quinto capítulo de Atos iria mostrar um milagre de julgamento.

No meio de um poderoso reavivamento do Espírito Santo, a igreja teve que fazer uma pausa e ver um homem e sua esposa julgados por hipocrisia. Sim, há bons e maus figos na mesma árvore. No caso de Ananias e Safira, vemos um grande exemplo da severidade de Deus após a bondade de Deus. Aqueles que são sábios verão em Deus algo que deve ser respeitado, isto é, amado e temido.

Ananias e Safira foram cúmplices do mal. Os dois mentiram e ambos morreram. Ambos estavam na igreja primitiva, que estava explodindo em franca expansão, e sua fraqueza não foi exposta até que eles foram chamados para acompanhar o ritmo daqueles que eram mais fortes e mais dedicados à causa. A hipocrisia deles os levou para a morte e trouxe o temor sobre a igreja.

Destes fatos que mostram como Deus julgou a igreja primitiva, tiramos as seguintes características que devemos evitar em nosso caminhar cristão.

- Nunca use sua profissão de cristão como uma capa para encobrir sua verdadeira identidade (uma vida dupla).
- Nunca use uma coisa boa que foi projetada para abençoar a igreja para trazer-lhe exaltação pessoal.

- Nunca espere que uma mentira vai mantê-lo coberto. Deus é capaz de varrer o refúgio das mentiras.
- Nunca se esqueça que, quando alguém mente aos presbíteros (pastores) da igreja, não está mentindo aos homens, mas a Deus. O Espírito Santo neles irá julgá-lo, como Pedro julgou a Ananias e Safira dignos de morte. Essas pobres criaturas esperavam que os outros achassem que eles tinham sido guiados pelo Espírito Santo no que fizeram, só para descobrir que o Espírito Santo nos outros discerniu sua falsidade. Assim, Deus os julgou usando um deles e eles descobriram tarde demais que o “salário do pecado é a morte.”

D. Santos para Julgar na Igreja

Quando nos tornamos membros do corpo de Cristo, é-nos dada autoridade judicial. Foi dado à igreja seu próprio sistema judicial pelo qual ela pode resolver seus problemas. As leis dos homens não são adequadas para corrigir ou para julgar os conflitos espirituais que surgem, pois, na igreja, não vivemos por mandamentos carnavais (humanos).

Paulo deplorou a situação da igreja de Corinto, onde irmãos estavam indo aos tribunais contra irmãos. Ele declarou: “Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deve ser julgado por vós, sois porventura indignos de julgar as coisas mínimas? Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos? Quanto mais as coisas pertencentes a esta vida?” (I Coríntios 6.2-3).

Vendo, então, o que está em jogo, vamos conduzir nossas vidas de tal maneira que não sejamos uma ofensa para o pecador.

“Aquele que ganha almas é sábio. (Provérbios 11.30).

“Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça, como as estrelas sempre e eternamente” (Daniel 12.3).

III. JUÍZO FINAL

Nas Escrituras está decretado o último e final julgamento. Ele não é só final quanto à sua conclusão, mas é universal no seu âmbito. Este juízo é chamado “O Dia do Senhor”.

Apocalipse 20.11-15 descreve este juízo final final que não será apenas o tempo determinado para julgar todos os homens e nações, mas vai marcar o fim do trato de Deus com a humanidade, em seus pecados, para sempre.

O último julgamento é para a disposição final das almas dos homens. Os bons e os maus serão colocados em suas moradas eternas. Os dois destinos dos homens serão alcançados. Será vida eterna ou morte eterna.

A segunda morte é a recompensa dos perdidos. Os que fizerem parte da primeira ressurreição tinham neles poder para vencer o poder da segunda morte. Aqueles que não permitirem que o pecado tenha domínio sobre eles não temerão o poder da segunda morte, pois o aguilhão do pecado é a morte, a segunda morte.

Um dos últimos atos do juízo final será a sentença de Satanás. Sua derrota começou no Jardim do Éden, quando Deus pôs a diferença entre Satanás e seus filhos (semente) e Cristo e Seus filhos (semente). O julgamento final será a cena do ato final, quando ocorrerá a separação eterna.

“E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre” (Apocalipse 20.10).

SUMÁRIO

Dizer que não existe um julgamento é dizer que não existe um Deus. Mas, porque existe um Deus, o bem não ficará sem recompensa e o mal não ficará impune.

Para o filho de Deus que tem posto a sua confiança no poder Salvador do evangelho, o julgamento não lhe provoca terror. Em vez disso, a certeza do julgamento do Senhor é um conforto e uma segurança para ele, porque ele sabe que Deus está no controle!

REFLEXÕES

- Como Deus pode ser, ao mesmo tempo, juiz e salvador, bom e severo?
- Por quais leis Deus vai julgar?
- Quantas eras há desde que o homem foi criado e por que meios cada uma termina?
- Discuta os três exemplos de julgamento certo descritos por Pedro.
- Quando acontecerá o julgamento para os santos da igreja do Novo Testamento?
- O que Paulo quer dizer com a frase: “discernindo o corpo do Senhor?”
- Descreva o juízo final.

Capítulo 13 – Teste de Auto-ajuda

O Julgamento

Verdadeiro ou Falso: Circule a resposta correta.

1. O Julgamento (Juízo) nunca é referido como uma doutrina na Bíblia.
Verdadeiro ou Falso
2. O amor e misericórdia de Deus tornam-se preciosos diante do seu julgamento severo.
Verdadeiro ou Falso
3. Cada dia pode ser o dia de julgamento para o povo de Deus, mediante a apropriação das Escrituras.
Verdadeiro ou Falso
4. O primeiro juízo histórico foi feito a um terço das hostes angelicais.
Verdadeiro ou Falso
5. Deus nunca dá avisos prévios antes que venham seus juízos.
Verdadeiro ou Falso
6. O juízo das cidades de Sodoma e Gomorra foi uma amostra para aqueles que vivem impiamente.
Verdadeiro ou Falso
7. Doença e morte prematura podem vir àqueles que tratam com desdém e irreverência o verdadeiro propósito da igreja.
Verdadeiro ou Falso
8. Paulo falou dos santos julgando o mundo.
Verdadeiro ou Falso
9. O juízo final é chamado nas Escrituras e “O Dia do Senhor).
Verdadeiro ou Falso

Destaque Missionário:



Rev e Mrs. Harry E. Scism

Em janeiro de 1949, um garoto de 14 anos entrou a bordo do “China Mail”, com sua família, para viajar rumo a Madras, na Índia. Chegaram em 26 de março de 1949. Assim começou a vida missionária de Harry Scism. Ele teve vinte e sete anos de experiência, servindo na Igreja na Índia, dez anos

em Sri Lanka e dez anos em Burma. Em 1970, ele se tornou diretor regional para a Região da Ásia/Pacífico Sul. Em 1976, foi nomeado como diretor geral de Missões Estrangeiras. Em 31 de outubro de 1989, Deus levou Audrene Scism. Depois do Irmão Scism ter caminhado pelo sombrio vale da tristeza, Deus trouxe para sua vida outra linda senhora, Helen Stewart. Eles casaram em 8 de dezembro de 1990. Em janeiro de 2000, o Irmão Scism anunciou que estaria deixando o cargo de diretor geral, quando do término do seu mandato. Por conseguinte, ele e sua esposa solicitaram e foi-lhes concedida nomeação como professores internacionais, em janeiro de 2001. Eles renunciaram à sua nomeação estrangeira em março de 2010. Ele continua a servir como membro honorário do quadro de Missões Globais.

Na edição de Janeiro-Março de 2002 da revista World Harvest, o diretor das Missões Globais, Bruce Howell, escreveu:

Durante os últimos vinte e cinco anos, a liderança visionária do missionário Harry E. Scism e sua família têm abençoado a Divisão de Missões Estrangeiras da Igreja Pentecostal Unida Internacional. Quando o Irmão Scism, com a sua família, aceitou o desafio de tornar-se diretor geral, ele estava servindo como supervisor regional de campo (atualmente chamado de diretor regional) na Região da Ásia/Pacífico Sul. Ele era bem qualificado, tendo chegado na Índia com a idade de 15 e servindo nesse lugar até ser apontado como supervisor regional de campo.

Ter entrado para o Quadro de Missões Estrangeiras como diretor regional, deu-me tempo para observar este grande homem. Uma coisa que eu sempre observei no Irmão Scism: é que ele é um verdadeiro cristão! O seu caminhar com Deus é uma sincera e profunda dedicação. Ele tem paixão

por alcançar este mundo, e sob sua liderança nós vimos a Igreja Pentecostal Unida Internacional entrar em setenta países. Quando ele entregou o leme desta grande divisão, a igreja estava em 142 nações do mundo.



Harry E. Scism, Diretor Geral de Missões Estrangeiras

Durante os 25 anos que o Irmão Scism serviu como diretor geral das Missões Estrangeiras, as seguintes realizações foram feitas:

- A circunscrição exterior da Igreja Pentecostal Unida Internacional cresceu de 215,562 para 2,755,893.
- O número de missionários enviados pela Igreja Pentecostal Unida Internacional da América do Norte aumentou de 184 para 511.
- O alcance geográfico, no que diz respeito a alcançar “todas as nações”, foi expandido de 72 nações para 142.
- O número nacional de pastores associados com nosso esforço de missões aumentou de 3,107 para 20,666.
- Existem agora 137 escolas bíblicas, onde frequentam 2,963 estudantes. Em complemento a estas escolas bíblicas, existem 547 seminários onde 24,457 estudantes foram treinados, assim como 3,575 estudantes envolveram-se no ministério por correspondência.
- Sob a direção do irmão Scism, o plano “Associados de Missões” entrou em pleno desenvolvimento, em 1978. Existem hoje 177 AIMers (associados comprometidos com missões estrangeiras).

Os seguintes ministérios foram adicionados à Divisão de Missões Estrangeiras durante a posse do Irmão Scism:

- Serviços de Compaixão Internacional
- Desenvolvimento de Liderança Internacional
- Amizade Internacional
- Associação de Crianças Missionárias
- Ministério Multimídia
- Rede Mundial de Oração*
- Instituto de Treinamento Global



Harry e Helen Scism, c 2001

As seguintes conferências, sendo estas as primeiras do gênero, foram realizadas durante o mandato do Irmão Scism:

- Conferência Mundial de Confraternização em Jerusalém no outono de 1976.
- Cúpula Chinesa realizada em Hong Kong em 1996.
- Cúpula Francesa em Paris em 1997.
- Conferência Mundial de Evangelismo e Liderança em Alexandria, Luisiana, em 1998.
- Conselho Global realizado na Malásia, Indonésia em novembro de 2000.
- Sob o mandato do irmão Scism a renda bruta anual das Missões Estrangeiras aumentou de \$3,951,055.02 para \$24,075,489.54.

Outra coisa que eu observei é que o Irmão Scism é um verdadeiro amigo para o missionário. Ele sempre zela pelo bem do missionário. Sendo este o caso, não é de admirar que o Irmão Scism deixa sua posição de diretor geral e está a ser promovido novamente como um missionário com uma nomeação para Ensino Internacional.

Eu honro este grande homem e o futuro de nossa divisão já tem um grande débito de gratidão, de 25 anos, para com nosso líder.

*A Rede Mundial de Oração foi concebida no coração do Irmão Scism.